

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

**A DESCONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS
CLÁSSICOS: uma proposta de leitura do Canto
III de *Punica***



Araraquara
2016

DÉBORA CRISTINA DE MORAES

**A DESCONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS
CLÁSSICOS: uma proposta de leitura do Canto III
de *Punica***

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Câmpus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Fomento: CAPES

Araraquara
2016

Moraes, Débora C.

A desconstrução nos Estudos Clássicos: uma
proposta de leitura do Canto III de Punica / Débora
C. Moraes -
2016 123 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) -
Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

1. Crítica tradutória. 2. Desconstrução. 3. Recepção
de literatura latina. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A DESCONSTRUÇÃO NOS ESTUDOS CLÁSSICOS: uma proposta de leitura do Canto III de *Punica*

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 30/ 05/ 2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Brunno V.G. Vieira

UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Prof^a Dr^a Zelina M. P. Beato

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/ BA)

Membro Titular: Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila

USP/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Nesta dissertação, dentro da jornada maior do espírito humano que todos nós compartilhamos, uma importante meta pessoal foi alcançada. Na minha trajetória acadêmica tive contato com pessoas que me marcaram para sempre, sem as quais este projeto não se realizaria, direta ou indiretamente.

Assim, impossível de expressar a grandiosidade que representaram, dedico a vocês meus sinceros agradecimentos.

À minha mãe, que em nenhum momento questionou a viabilidade dos meus sonhos, apoiando-me sempre, ainda que a distância.

A Adilson, pela amizade fraterna nos tempos de crise, pelos desabafos, pela paciência e pelo que, muitas vezes, está além da nossa compreensão limitada. Obrigada por ser um pai admirável, auxiliando nos cuidados com o Iago durante todo percurso e por não ter me deixado desistir.

À minha família, pela compreensão da ausência e pela preocupação constante.

Ao meu orientador, professor Brunno V.G. Vieira, por ser um mestre em sentido pleno, que exerce o conhecimento, acompanhado de sua mais bela virtude: a humildade, em um universo, algumas vezes, sabidamente hostil, o que o torna verdadeiramente sábio e digno de inestimável admiração. Obrigada pelas —provocações! intelectuais, pelo incentivo à autonomia de pensamento, pelo respeito com que trata a todos igualmente e pelo dom de despertar em nós o desejo de ousarmos conhecer nossas próprias capacidades e de questionarmos de forma consciente a tradição que nos cerca, pela compreensão nos momentos difíceis e por não ter me permitido desistir.

Às companheiras latinistas de 2008 até o momento presente: Thalita, pelos diálogos figurativos; Mariana pelo apoio constante nos últimos tempos; Lívia, pelo exemplo de serenidade e competência e Cíntia, amiga de todos os momentos, meu modelo acadêmico de dedicação e excelência. Obrigada, Cíntia, por também não ter me deixado desistir e por praticar também a valiosa lição de que conhecimento e humildade devem ser parceiros inseparáveis aos olhos dos alunos que passarão por nós. A todas, pelos nossos congressos e momentos de descontração.

A todo o corpo docente do curso de Letras, pelas aulas que inspiraram e pelas que instigaram indagações acerca do *status quo* tanto na conduta profissional quanto nas teorias vigentes na academia.

Um agradecimento especial aos membros das bancas de qualificação e defesa pelas leituras atentas e sugestões valiosas para o amadurecimento deste trabalho.

Aos alunos da área de Estudos Clássicos da FCL-Ar, por serem dedicados,
competentes e solidários em todas as ocasiões.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma visão das discussões modernas sobre tradução, problematizar as visões preconceituosas que cercam o trabalho tradutório ao demonstrar seu caráter de experiência e reflexão. Com esse pressuposto e partindo da influência da desconstrução — termo cunhado por Jacques Derrida — pretendemos aqui lançar um novo olhar para a crítica da linguagem literária, no caso, traduções literárias de obras da antiguidade latina. Com isso, a metalinguagem crítica por nós pretendida se inicia no pensamento instaurado de forma sistematizada por Derrida sobre a questão do

—logocentrismo ocidental ou —a metafísica da presença. A partir dessa abordagem, pouco aplicada aos textos antigos, discutiremos nesse trabalho algumas questões relativas às traduções de tais obras. Esta pesquisa se filia, assim, à corrente teórica que percorreu e influenciou todas as áreas das ciências humanas: a crítica da visão logocêntrica e positivista na leitura do mundo, cujo expoente foi o filósofo francês, influenciado pelos escritos de Nietzsche e Freud, que questionaram anteriormente o valor imutável da razão, edificada sobre o poder do *logos* ou discurso, como detentora de verdades estáveis. Desse modo, a significação — ou, como a tradição especula, o sentido — agora é revista, por ser lançada no tempo, é propagada num movimento que não cessa, está sempre passível de (re)leituras. No âmbito desta pesquisa, nos apropriamos do debate de Derrida para repensar as verdades tradicionais da prática tradutória e refletir as propostas da visão desconstrutivista nos Estudos Clássicos, propondo uma tradução do Canto III, de *Punica*, do poeta latino Sílio Itálico (26-102 d.C.).

Palavras-chave: Crítica Tradutória. Desconstrução. Recepção da literatura latina.

ABSTRACT

This research intends to present a vision of modern discussions about translation, question the prejudiced views surrounding the translation work to demonstrate your character experience and reflection. With this assumption and based on the influence of deconstruction - a term devised by Jacques Derrida — here we intend to launch a new perspective at the critique of literary language, in this case, literary translations of Latin antiquity works. Thus, the critical metalanguage for us desired begins on established thinking in a systematic way by Derrida on the issue of "Western logocentrism" or "the metaphysics of presence." From this approach, little applied to ancient texts, we will discuss this work some issues relating to translations of such works. This research joins thus the theoretical current that ran through and influenced all areas of human sciences: the critique of logocentric and positivist view in reading the world, whose exponent was the French philosopher, influenced by the writings of Nietzsche and Freud, who questioned previously the unchanging value of reason, founded on the power of *logos* or speech, as the holder of stable truths. Thus, the significance, or, as speculated tradition, the sense, is now reviewed, it is released in time, is propagated in a movement that never ceases, is always open to (re) readings. Within this research, we appropriate the Derrida's debate to rethink the traditional truths of translation practice and reflect the proposals of the deconstructionist vision in Classical Studies, proposing a translation of Canto III of *Punica*, written by Latin poet Silius Italicus (26-102 AD).

Keywords: Critical translational. Deconstruction. Reception of Latin literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A DESCONSTRUÇÃO COMO PROPOSTA DE ABORDAGEM	13
1.1 Pressupostos derridianos.	
1.2 Redimensionando o lugar da tradução.	18
1.3 A questão do sentido.	26
2. O TRADUTOR E AS (RE)TRADUÇÕES	35
2.1 A(s) gênese(s) do(s) original(is).	
2.2 Apelo à “pervivência” da escritura.	42
3. PUNICA, DE SÍLIO ITÁLICO: CONTEXTO, TEXTO E TRADUÇÃO	46
3.1 A literatura flaviana: breve apresentação.	
3.2 <i>Punica</i>, canto III	51
3.3 Traduzir <i>Punica</i> III: artes e artifícios	56
3.4 Particularidades da tradução apresentada	68
4. PUNICA III: TEXTO LATINO E TRADUÇÃO	71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXO (Índices de assuntos de <i>Punica</i>, por Everton Natividade)	122

INTRODUÇÃO

A presente dissertação originou-se de duas investigações desenvolvidas na Iniciação Científica (“José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no século XIX: Tradução de *Tiestes*, de Sêneca” e “José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no século XIX: versões da *Farsália*, de Lucano”) que ofereceram estudos de história da tradução e recepção da literatura greco-romana em língua portuguesa com o objetivo de formar material para crítica reflexiva sobre tradução, bem como de divulgar versões literárias de textos latinos. Aquelas pesquisas abordaram textos já traduzidos, com o intento de verificar quais os procedimentos tradutórios tinham sido utilizados por certo autor/tradutor.

No decorrer daqueles primeiros exercícios de crítica de tradução, tomamos conhecimento de novas correntes teóricas que propiciaram o surgimento deste trabalho, cujo objetivo é oferecer uma tradução de um canto de *Punica* de Sílio Itálico. Tendo desenvolvido esse conhecimento prévio de crítica de traduções realizadas em contexto luso-brasileiro nos trabalhos de iniciação científica, tivemos, nesse espaço de tempo e de pesquisa, nas muitas leituras realizadas, contato com pontos essenciais tradicionalmente aceitos que consideramos ser necessário rever. Com esse pressuposto e partindo da influência da desconstrução — não um conceito, mas um modo de leitura, terno cunhado por Jacques Derrida —, pretendemos aqui lançar um novo olhar para a crítica da linguagem literária, no caso, traduções literárias de obras da Antiguidade latina. Partindo do pressuposto de que a leitura é um movimento de abertura, a metalinguagem crítica por nós pretendida se inicia no pensamento instaurado de forma sistematizada por Jacques Derrida sobre a questão do “logocentrismo ocidental” ou “a metafísica da presença”.

A partir dessa abordagem, pouco aplicada aos textos antigos, o que aponta uma das possíveis contribuições deste trabalho, discutiremos algumas questões relativas às traduções de tais textos e proporemos uma tradução de um canto da epopeia *Punica* de Sílio Itálico.

Pretendemos, assim, integrar Sílio Itálico (26 -102 d.C) ao cenário atual das traduções de textos latinos em português ao traduzir o canto III da obra épica *Punica*, em que é descrita a Segunda Guerra Púnica, maior embate entre Cartago e Roma. Embora possamos verificar a importância da obra de Sílio, principalmente na crítica em língua inglesa, há relativamente poucos trabalhos sobre esse autor e obra em português.

Esse poeta latino que, ao lado de Lucano, foi um dos últimos escritores de poemas épicos nacionais romanos, é um dos autores que estão sendo reavaliados contemporaneamente. O poeta viveu na dinastia Flávia (69-96 d.C) e produziu sua grande obra, *Punica*, na maturidade. Teve em Tito Lívio o material histórico para sua epopeia. Estilisticamente, esse período conheceu uma volta aos moldes clássicos de Homero e Virgílio — grandes modelos para os autores posteriores a eles — e utilizou-se da herança helenística, tanto que Albrecht afirma ser um momento marcado por um “classicismo moderado” (1999, p.832). Os poemas épicos escritos em tal época oferecem, sem dúvida, rico material para ser resgatado do esquecimento a que foi relegado pela crítica em língua portuguesa.

Filinto Elísio, pseudônimo do padre Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), traduziu quatro dos 17 cantos dessa que foi a mais extensa épica latina legada a nós. Depois de estudar os cantos traduzidos por ele e de ler a obra na íntegra, nos decidimos pelo terceiro canto. Esta escolha guiou-se pela condensação dos *tópoi* épicos que ele abriga e pela sua relevância na obra já que ali é narrada a travessia de Aníbal pelos Alpes, fato histórico deveras conhecido. Sílio vale-se de retomadas de autores e cenas tradicionais das grandes epopeias anteriores a ele. O que evidentemente proporciona inúmeros comentários sobre as relações de Sílio Itálico com esses seus antecessores. Neste canto temos, por exemplo, a despedida dos esposos que ocorre com frequência nas narrativas heroicas (Heitor e Andrômaca, na *Ilíada*; Eneias e Creúza, na *Eneida*; Pompeu e Márcia na *Farsália*); encontramos ainda marcas do estilo ovidiano na digressão que conta a história da ninfa Pirene que deu nome aos Pirineus dentro de um catálogo de tropas, elemento convencional do gênero épico; além de uma consulta oracular e uma conversa entre Júpiter e Juno, nos moldes da *Eneida* e *Ilíada*. Não menos importante a respeito da inserção da obra na tradição literária, convém citar a contemporaneidade de Sílio Itálico com o expoente da épica de tema histórico na Roma antiga, Lucano, autor da *Farsália*.

Isso posto, iniciamos nosso percurso reflexivo e tradutório revendo os pontos essenciais em que a desconstrução colabora para a revisão dos conceitos tradicionalmente aceitos na tarefa tradutória.

No primeiro capítulo, apresentamos como a desconstrução, termo cunhado pelo filósofo francês Jacques Derrida, colocou diante de nós novas perspectivas de interpretação da cultura ocidental construída e mantida pelo valor, até então pouco questionado, da pretensão da verdade através do *logos*. Discutimos como a escrita, a

leitura, o significado e o sentido dos textos e da realidade estão conectados com a leitura subjetiva que o indivíduo faz do mundo em que está inserido. E, notando a ausência dessas reflexões na área dos Estudos Clássicos, procuramos propô-las no presente estudo que se debruça sobre o fenômeno tradução, refletindo sobre a configuração do sentido nesse contexto que traz mais interrogações que respostas pré-determinadas.

Em seguida, refletimos sobre o tradutor como o reponsável pela gênese do original, observando que o original é derivado da tradução, existe em relação a ela. Nesse momento, os papéis do tradutor e das traduções no contexto literário também são colocados em discussão. Mostramos que a tradução, para nós, não é secundária, e sim o meio de pervivência da obra.

No terceiro capítulo, são tecidos comentários ao período flaviano e a inserção de *Punica* na produção literária que se desenvolveu naquela época.

Na quarta parte uma introdução à tradução aqui apresentada e, em seguida, na quinta, o texto latino seguido de tradução.

Por fim, trazemos as conclusões desta pesquisa.

2. A DESCONSTRUÇÃO COMO PROPOSTA DE ABORDAGEM

2.1 Pressupostos derridianos.

Esta pesquisa se filia a uma corrente filosófica que percorreu e influenciou todas as áreas das ciências humanas a partir da segunda metade do século XX: a crítica da visão logocêntrica e positivista nas construções sócio-culturais humanas, cujo expoente foi o filósofo francês Jacques Derrida, influenciado pelos escritos de Nietzsche e Freud, que questionaram anteriormente o valor imutável da razão, edificada sobre o poder do *logos* ou discurso, como detentora de verdades estáveis. Tal mudança de paradigma foi iniciada na história e na historiografia, como demonstra Martins, em seu artigo “As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução”:

Em 1929, o lançamento da revista *Annales*, em Strasbourg, por Lucien Febvre e Marc Bloch, marcou o surgimento de uma nova maneira de se pensar a história e a historiografia representando uma reação à tradição positivista do século XIX [...] Essa nova história questiona o próprio lugar do observador, do historiador, que deixa de falar sob um ponto de vista absoluto, e se volta para os novos objetos, a ênfase nos grandes homens se transferiu para os povos e mentalidades. (1996, p.39):

Assim, a historiografia passou a ser vista como construção, influenciada pela experiência de mundo do historiador, um sujeito histórico e social, fatalmente influenciado pela subjetividade. A autora parte da nova concepção dessa disciplina e afirma também que “A revisão dos conceitos tradicionais [...] sob a inspiração da nova história, que lhes acrescentou uma dimensão social, e de uma epistemologia construtivista fez com se repensasse a escrita de histórias de várias áreas do saber e dos seus respectivos objetos” (MARTINS, 1996, p. 42), ou seja, a reflexão sobre a construção do conhecimento como artefato influencia as práticas vigentes, além do fato de considerarmos que toda cultura se dá no espaço/tempo constituído pela história. Derivando dessa crítica — história como seleção ideológica de fatos ou acontecimentos —, o registro escrito, forma como o conhecimento humano é resguardado, passa pelo crivo da dúvida. Desde o Mito da Caverna de Platão¹ que a realidade é vista como projeção do Ideal, uma imitação; podemos assim, apropriarmo-nos desse argumento

¹ O mito está inserido no diálogo **A república**.

para a escrita, ela seria a tradução do mundo ideal, a tentativa de apreender a verdade do discurso da palavra humana. Já, em *Fedro*, uma lenda egípcia é evocada para explicar a invenção da escrita. O feito teria sido realizado pelo deus Thoth, a quem o rei Tamus replica: “[...] não inventaste um remédio para a memória, mas apenas para a rememoração. [...] Transmites aos teus alunos *não a sabedoria em si mesma, mas uma aparência de sabedoria.*” (PLATÃO, 2000, p.121, grifo nosso) Assim, palavra escrita é vista então como remédio e veneno (*pharmakon*), impede o esquecimento, garante a sobrevivência, mas é também o esquecimento de um momento que rompe com seu presente para se projetar no futuro e essa projeção pode se distanciar da pretensão do significado, ou do ensinamento, da palavra inicial. Desse modo, a significação — ou como a tradição especulou, o sentido — é revista, por ser lançada no tempo, é propagada num movimento que não cessa, está sempre passível de (re) leituras.

Os estudos do filósofo francês se dirigiram a diversos aspectos das ciências humanas. Marcos Siscar (2011) esclarece sobre a desconstrução, termo cunhado por Derrida, nos estudos literários, em seu contraste com o estruturalismo vigente:

“[...] ao mesmo tempo que o Estruturalismo se estabelecia institucionalmente, tanto na crítica literária, quanto em outras ciências humanas, Derrida propunha uma crítica ao conceito de estrutura [...]. Para Derrida a teoria estruturalista apesar de procurar romper com os discursos da verdade e da centralidade, quer seja ao retomá-los em parte, quer seja ao rejeitá-los em bloco, acaba por manter a suposição de uma origem e, de certa maneira, a funcionalidade estável de um centro” (SISCAR, p.16, 2011).

Como parte constituinte da desconstrução, há uma crítica do conceito de linguagem como o conhecemos tradicionalmente, um conjunto de signos que se relacionam, produzindo um conteúdo que significa algo apreendível e atribuindo ao discurso o poder de comunicar com precisão absoluta. O filósofo define um importante conceito — caro a nós —, a “escritura”, como a pluralidade das linguagens que agem num mesmo momento, em que o sujeito recebe como agente e paciente, simultaneamente, as influências do que conhecemos por contexto. Em sua obra *Gramatologia*, ele explana:

Afirmar, assim, que o conceito de escritura excede e compreende o de linguagem supõe, está claro, uma certa definição da linguagem e da escritura. Se não a tentássemos justificar, estaríamos cedendo ao movimento de inflação que acabamos de assinalar, que também se

apoderou da palavra “escritura”, o que não aconteceu fortuitamente. Já há algum tempo, com efeito, aqui e ali, por um gesto e por motivos profundamente necessários, dos quais seria mais fácil denunciar a degradação do que desvendar a origem, diz-se “linguagem” por ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade etc. Há, agora, a tendência a designar por “escritura” tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, **mas também a totalidade do que a possibilita**; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e, a partir daí, tudo o que pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ela distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também “escritura” pictural, musical, escultural etc. (DERRIDA, 1973, p.09, grifo nosso)

Partindo do pressuposto destacado acima, vemos que a “escritura” propõe uma revisão ao próprio signo saussuriano, por entender que a supremacia linguística do signo é relativa — esta já era uma prerrogativa de Saussure: o signo existe no contraste, na diferença, ele é o que ele não é —, pois ele é presença de algo que está ausente, uma fala e a escrita dela, sua presença reconvoca o que se ausentou, esse processo, por sua vez, também será intermediado por agentes e novos signos que se alternam — negando-se e afirmando-se — para se definirem numa sucessão eterna no terreno da linguagem. Este movimento é, na desconstrução, o que possibilita a significação. Derrida o denominou *différance*, ou seja, o que se vislumbra no espaço da alternância. A diferença entre os pensadores é a presentificação do significado na concepção de Saussure, enquanto na desconstrução o que se vislumbra é a transferência do significado para um novo signo. A linguagem abre-se, mas não podemos escapar de sua clausura.

Por isso, podemos notar assim uma crítica constituída a partir do próprio objeto alvo. É o signo, a língua que possibilita a reflexão, de tal maneira que quem escreve sabe que está deixando uma fala mais ampla se moldar nos limites da escrita, do signo, e que é ciente de que, quando lido, será reconvocado apenas em partes. Tal movimento da reflexão pretende deslocar a pretensa superioridade do *logos*, como privilegiado portador da verdade, esta tida como estável. A verdade ocidental, para nós foi se construindo ao longo do tempo desde a Grécia clássica, devido à grande influência dos pensadores gregos na formação das sociedades ocidentais. No âmbito desta pesquisa, nos apropriamos do debate de Derrida para repensar as verdades tradicionais da prática tradutória. Desse modo, nossa intenção nesse trabalho foi refletir as propostas da visão desconstrutivista nos Estudos Clássicos.

Ainda em sua obra *Gramatologia*, discutindo e desconstruindo as noções de Rousseau sobre a escrita nos *Essais*, visto que a desconstrução é um movimento na leitura, que para Rosseau, é mero suplemento da fala, a morte da vivacidade da fala — encontramos a seguinte afirmação:

O suplemento será sempre mexer a língua ou agir pelas mãos de outrem. Tudo aqui é reunido: o progresso como possibilidade de perversão, a regressão em direção a um mal que não é natural e que se prende ao poder de suplência que permite nos ausentarmos e agirmos por procuração, por representação, pelas mãos de outrem. Por escrito. Esta suplência sempre tem a forma dos signos. Que o signo, a imagem ou o representante tornem-se forças e façam “mover-se o universo”, este é o escândalo. (DERRIDA, 2013, p.181)

Na leitura aprofundada e desconstruída das obras de Rousseau, Derrida explana que a própria evolução humana, a agricultura, a metalurgia, a própria linguagem, ou seja, tudo que entendemos como evolução (cultura) e sobrevivência do ser humano, são suplementos à natureza e que esses meios ou instrumentos perverteram a ordem das coisas. Agora é a natureza que fornece bem-estar ao homem, é nela que ele se abriga quando precisa fugir da cidade. A natureza torna-se o suplemento. O autor de *Gramatologia* faz um percurso da cadeia de suplementos em vários níveis desconstruindo textos clássicos de Rousseau. Aqui nos valem das reflexões específicas da escrita que ele desenvolve nas páginas subsequentes.

Do mesmo modo, a linguagem logocêntrica tornou-se suplemento da fala. O discurso escrito, o signo, se estabeleceu como racional e digno de credibilidade. A fala, agora, na civilização, não é nada mais que mero registro informal, irrelevante. A fala suplementa a escrita — a fala é o que não mereceu ser gravado —, resistente ao tempo, legítimo e duradouro, melhor dizendo, a escritura é a imagem da fala que se pretende definitiva. Cabe notar, que a fala, o discurso oral também é componente da visão da escritura. A fala possibilita a escrita, por ser primeira na linha temporal, e por isso está em sua composição. Por outro lado, não é mais possível ver essa relação de forma independente, a escrita tornou-se um modelo a ser seguido pela fala.

Nesse ponto, cabe notar como a desconstrução age questionando o poder inquestionável do *logos*, mas não o descarta no percurso de leitura proposto por Derrida. O *logos* é parte importante da cultura humana por nos permitir ter acesso ao contrato social que é a língua. Basta que lembremos a situação em que a fala explica o registro escrito, ou a que o registro escrito é garantia à nossa memória; é um movimento

convergente. Uma coletividade só de falantes – o que acontece nas línguas ágrafas-ameaça a sobrevida da língua, ou hipoteticamente apenas de escreventes, seria carente de vãos de subjetividade indispensáveis para a compreensão do mundo como pluralidade — ainda que essa imagem reflita nosso afã sempre fracassado de mostrar via fala ou escrita nossa incapacidade de compreensão global, de compreender toda pluralidade multidisciplinar que compõe o discurso. Assim também age o pensamento em relação à fala. O discurso oral é filtrado pelas regras sociais e pela adequação a situações externas ao nosso consciente pensante: “[...] o sujeito presumido na frase diga sempre servindo-se de *suplemento*, mais, menos, ou coisa diferente do ele *quereria* dizer.” (DERRIDA, 2013, p.193). Não há como negar o fato intrínseco aos falantes: são regidos por uma língua que se organiza em uma lógica própria; todo escritor ou escrevente também está submetido a esse jogo, porém, não detém a ciência do que ele comanda e o que não comanda, do que ele consegue comunicar e do que é entendido. A comunicação do sentido acontece presumida em acordos sociais, mais certa em discursos filosóficos e menos firmes, ou seja, menos sujeita a descrições formais, em discursos artísticos, por exemplo.

Para Derrida, é tarefa da crítica perscrutar esse caminho entre o que é produzido e fica evidente no texto lido, e o que por não estar presente, também pode ser presumido: o que ele chama de “estrutura significante” e que a crítica deve *produzir* (DERRIDA, 2013, p. 194). Aqui o autor alerta para a prática tradicional, o comentário reduplicante de sentido, na qual o crítico apenas aponta as trocas aparentes que o escritor sujeito histórico, enquanto usuário da língua e seu sistema contratual, efetuou com esta. Porém, explica:

Sem dúvida, este momento do comentário reduplicante deve ter seu lugar na leitura crítica. Por não reconhecê-la e não respeitar todas suas exigências clássicas, o que não é fácil e requer todos os instrumentos da crítica tradicional, a produção crítica arriscaria a fazer-se em qualquer sentido e autorizar-se em dizer quase qualquer coisa. Mas este indispensável parapeito nunca fez senão *proteger*, nunca *abriu* uma leitura. (DERRIDA, 2013, p.194)

Por outro lado, o autor alerta para o perigo de nos desviarmos para algo que não seja o texto, a “tarefa de leitura” não deve tornar-se leviana, direcionando-se a um referente que poderia se dar fora da língua, da escritura daquele texto. Ou seja, a visão deve abrir a leitura, ampliá-la, criticá-la, enriquecê-la, mas não situar-se num fora texto.

Pois como Derrida afirma logo em seguida: “*Não há fora-de-texto*” (2013, p.194, grifo do autor).

O desafio se coloca em vários níveis perante nosso condicionamento logocêntrico. O modo de compreendermos e explicarmos o mundo é estreitamente ligado aos conceitos construídos no *logos*. É indispensável para nós a metafísica da presença para que vejamos nossa fala como racional, organizada, passível de entendimento. No entanto, nossa maturidade linguística ou, como deseja Derrida, de escritura e de leitura, permite-nos colocar em jogo nosso próprio condicionamento. A ocorrência do significado já se abre para uma análise não simplificada, colocando-se como dois pólos que se atraem e se opõem. A não presença, a *différance*, aquilo que está sempre por ser percebido, já nos é perceptível em leituras atentas, já temos a visão afinada para perceber os muitos vãos que as abordagens tradicionais sobre linguagem, literatura e tradução deixam nas análises presas à ideia de texto cerrados em análises tradicionais e de significado terminado.

Rosemary Arrojo, em “Compreender X Interpretar” (2003, p.68), defende que a interpretação supõe a compreensão do sujeito de forma correta. Assim, haveria nos textos um significado imanente que apenas aguarda pela compreensão do sujeito, mas não dependeria de fatores externos à construção textual, que carregariam em si, nesse entendimento, uma independência absoluta. Porém, a possibilidade dessa tarefa já subentende que temos um arsenal cultural interiorizado, o conhecimento humano acumulado (oriundo de nossas leituras anteriores, por exemplo) é um dos meios para que tal tarefa seja realizada. A estabilidade aparente dos significados resgatados em análises, aqui falando de textos literários, ditas objetivas deve-se a saberes previamente adquiridos.

1.2 Redimensionando o lugar da tradução.

Cumpramos notar que a tradução de textos literários indica um movimento de terceira ordem — em moldes tradicionais procederia à escrita e à leitura. Sobre a impossibilidade da neutralização do significado e o questionamento da invisibilidade do tradutor, também ponto de nossa discussão, diz a autora: “É, entretanto, na área de teoria da tradução que as questões implícitas pela aceitação da possibilidade da ‘compreensão’ em moldes logocêntricos são particularmente problemáticas”, e acrescenta:

Toda tradução, por mais simples e breve que seja, trai sua procedência, revela as opções, as circunstâncias, o tempo e a história de seu realizador. [...] Revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e, não, meramente, uma compreensão “neutra” e desinteressada ou um resgate comprovadamente “correto” ou incorreto” dos significados supostamente estáveis do texto de partida. (ARROJO, 2003, p. 68)

Por séculos a tradição prescreveu essa postura para o tradutor, que atenda às expectativas pré-estabelecidas, que atente menos à forma que ao significado e que se limite ao papel de produtor de um texto secundário e inferior, obscurecido pela sombra do original, ou seja, que não ouse “macular” a obra traduzida.

Esse pensamento, o texto de partida ser visto como superior, vem ao encontro de uma visão geral e, a nosso ver, coerente, de que apenas textos significativos — e a discussão é ainda mais sensível no território da poesia, objeto desse trabalho — merecem ser traduzidos, sua glória é a tradução, suporte de sua sobrevivência e pervivência ao longo do tempo (BENJAMIN, 2011, p.207). Por outro lado, a sacralização dos textos, coloca-os numa esfera sobre-humana ao mesmo tempo em que os limita, enclausurando-os numa forma que não deveria ser acedida; a primazia do significado é prejudicial às suas particularidades formais e estilísticas, o que pode nos afastar do prazer estético, impedindo-nos de desfrutar da arte que são portadores. Por isso, Arrojo finaliza em seu texto:

Assim, a compreensão, num plano humano e “não-divino”, será sempre, também, interpretação, uma produção — e não um resgate — de significados que impomos aos objetos, à realidade, aos textos. A interpretação, ou a compreensão, escapa, portanto, a qualquer tentativa de sistematicidade [...], pois a possibilidade de sistematizá-las implicaria, inescapavelmente, a própria possibilidade de se sistematizar e pré-determinar tudo aquilo que constitui o “humano”: o subjetivo, o temporal, o inconsciente [...] (2003, p.70)

E a tradução, como toda atividade humana, não pode prescindir desses fatores subjetivos.

Ainda sobre as considerações de Arrojo, em outro texto da mesma coletânea, “A tradução como paradigma dos intercâmbios intralinguísticos”, ela faz um percurso crítico da questão do significado e da tentativa racional de apreendê-lo. Ela parte de uma epígrafe de Octávio Paz, em que ele afirma que há tradução na própria língua materna, quando parafraseamos ou simplificamos palavras para uma criança, por

exemplo, — ou tradução intralingual, como preconizou Jakobson (2003) no famoso ensaio “Aspectos linguísticos da tradução”. Assim, a tradução é a condição básica do entendimento, mesmo entre os intercâmbios dentro de um mesmo idioma, a tradução então passa a ser um processo regulador de toda comunicação e não apenas a relação estabelecida entre duas línguas distintas. Esta problematização é exposta na seguinte afirmação:

A comparação da fala ou da leitura produzidas dentro da língua materna à tradução “propriamente dita”, ao intercâmbio entre significados de línguas distintas (que o logocentrismo frequentemente vê como difícil e frustrante), permite uma reflexão desmistificadora não apenas sobre os processos de significação que constituem a fala, a leitura e a tradução, mas, também, sobre o que aproxima essas atividades e até mesmo uma língua estrangeira da outra. (ARROJO, 2003, p.52)

A autora levanta ainda a questão sobre a exatidão da leitura sendo a definidora ou modelo correto e exato de tradução: “Como sabem os tradutores bem-sucedidos, nenhuma leitura é tão atenta e tão cuidadosa quanto aquela que compõe a mais simples das traduções bem realizadas.” (ARROJO, 2003, p.52). Mas lembra que a visão da leitura é ainda presa aos grilhões do conforto proporcionado pela tradição.

Até mesmo a inversão simétrica da relação tradução/leitura — a noção mais comprometedora para a leitura de que está é também uma forma de tradução — pode ser considerada não-problemática desde que se mantenha dentro dos padrões estabelecidos pelo logocentrismo. Ou seja, desde que aquilo que necessariamente implica uma tradução — o desencontro com a origem, a diferença no tempo e no espaço que separa o original de sua tentativa de repetição e a interferência de pelo menos uma segunda voz autoral no processamento da significação — possa ser encaixado no bom comportamento previsto pelo desejo racionalista de equivalências perfeitas e estáveis, imunes a qualquer perspectivismo. (ARROJO, 2003, p.53)

De acordo com esse ponto de vista, o tradutor deve angariar o *status* de um leitor minucioso e creditado, uma espécie de portador de erudição suficiente para que seja considerado confiável, um indivíduo equilibrado e dono de conhecimentos palpáveis e racionalizáveis. Esta confiança, muitas vezes, constrói-se pela profundidade do conhecimento da língua que é traduzida, conhecimento literário, número de traduções efetuadas, ou seja, fatores que primam tradicionalmente pela *quantidade* de informação. Ele deve estar apto para transportar o significado, fazer o papel de portador idôneo e

impessoal, aquele capaz de alcançar o significado imanente no texto, o “intermediário”. A dificuldade nessa abordagem é qualificar a mobilização que o tradutor faz dos instrumentos que possui. Benjamin faz um paralelo entre o trabalho do poeta e do tradutor, por exemplo. O poeta pode ser um tradutor competente, enquanto o tradutor não é necessariamente um poeta: “Pois assim como a tradução é uma forma própria, também a tarefa do tradutor pode ser entendida como uma tarefa própria, podendo ser diferenciada com precisão da do escritor” (BENJAMIN, 2001, p. 217). A lição que temos aqui é não se entregar tão somente à subjetividade, lembrando a recomendação de Derrida sobre não haver *fora-de-texto*, mas, por outro lado, considerar todos os fatores e consequências do transporte que o texto “sofre”, quando trazido de outra época e de outro contexto, pois todos esses fatores influenciam na formação do texto que ele será na língua de chegada, ele será a junção do texto que foi, de seu trajeto no tempo com o que é no aqui-agora da linguagem presente. Os textos possuem marcas históricas, quando o texto é retomado ele é colocado em nova situação de fala. Desse modo, a escritura acontece em sucessão temporal, avançando e retrocedendo, (re)construindo-se.

A questão que se impõe é encontrar onde está o sentido — e quantificar sua importância — como prescrevê-lo e como preservá-lo sob tais circunstâncias (ARROJO, 2003, p.55). A questão se torna mais desafiadora quando se volta a textos literários e a traduções destes.

Tendo em vista tais questões, propomos aqui a tradução de uma parte dos *Punica*, pois a retomada de um texto já traduzido oferece aos interessados e estudiosos da história da tradução, duas ou mais leituras que se tornam passíveis de serem estudadas ao lado do texto de partida, na lógica do suplemento de Derrida, uma suplementa a outra e a pesquisa tenciona, então, situar uma nova leitura além da já feita pela tradução de Filinto Elísio de *Punica*, e oferecer uma tradução contemporânea do Canto III da obra citada, seguindo a tendência de vários países de resgatar e reapresentar aos leitores da atualidade, um dos últimos autores de poemas épicos de renome da literatura clássica romana, Sílio Itálico.

Como tentamos demonstrar, a inovação do presente trabalho reside na proposta de tradução do Canto III aliada à busca de uma abordagem contemporânea de traslados de textos poéticos — como preconizam os trabalhos de Benjamin, Berman e Campos, dentre outros abordados aqui— tais pensamentos teóricos trazidos à tona, a respeito do trabalho tradutório, ainda não foram exercitados sistematicamente nos Estudos

Clássicos no meio acadêmico². Por esse motivo, consideramos fundamental tratar essas posturas tradutórias e suas particularidades em moldes críticos e reflexivos, para alcançar, nos limites dessa dissertação, uma posição intermediária entre as novas formas de tratamento de textos a serem traduzidos, pois como dito em Campos “[...] a tradução de textos criativos será sempre *recriação*, autônoma, porém recíproca.” (CAMPOS, p.35, 1992, grifo do autor).

No entanto, há modulações na prática da recriação e pretendemos ensaiar uma tradução que teste os limites do contato entre o latim, uma língua literária, e o português atual, língua em constante movimento, em transformação, aberta a modificações. Porém, não olvidamos que a tradução “[...] não reproduz o original, recria o que o seu tradutor leu e interpretou no/do original. [...] a tradução é sempre uma *certa* leitura do original.” (VASCONCELLOS, 2011, p. 74, grifo nosso). Se essa *leitura* se recria em um novo texto, há de se ter ciência de que este não se pretende definitivo, mas aberto ao debate, passível de revisões e historicamente datado.

Nesse sentido, o pesquisador finlandês em estudos de tradução e interpretação, Yves Gambier, no artigo “A tradução : retorno e desvio” (1998, p. 415), propõe uma interessante reflexão: “Atividade submissa ao tempo – tempo da recepção, duração do processo mesmo, aceitabilidade datada do produto da transferência, a tradução é sempre um ato inacabado, a refazer.”³

Esta afirmação norteia nosso trabalho, por considerarmos que nenhuma tradução é um processo acabado e definitivo. Ao longo do tempo os textos são revisitados e seus leitores/tradutores podem considerar importante renovar a leitura do texto. A renovação garante que leitores de todos os tempos, se interessados, possam ter acesso ao texto numa linguagem que lhe seja contemporânea. Neste ponto, poderia haver restrições às traduções de viés arcaizante, mas cabe notar que o arcaico só existe em contraste com o presente, ou seja, percebemos o arcaico por fazermos uso de uma linguagem que nos parece mais atualizada.

Há uma tendência atual de pesquisadores de diversas áreas retraduzirem textos; que podem ser traduções indiretas — passando por uma segunda língua, caso de obras

²Essa teoria contemporânea tem sido pensada em relação ao legado clássico por alguns pesquisadores da UFSC, entre os quais se destaca o trabalho do latinista Mauri Furlan (2011) que também é tradutor de Berman (2007). Nossa proposta reside em exercitar essas ideias na tradução propriamente dita de um texto literário antigo.

³“Activité soumise au temps – temps de la réception, durée du processus même, acceptabilité datée du produit du transfert, la traduction est un acte toujours inachevé, à refaire.”

greco-romanas que foram vertidas do francês para o português, por exemplo — ou diretamente do texto fonte. Autores da antiguidade ou modernos: Virgílio, Horácio, Catulo, Dostoiévski, entre outros, receberam várias (re)traduções. Por isso, há interesse de vários pesquisadores em construir nas nossas letras uma história da tradição. Como já discorrido, a história, para nós é vista como construção de sujeitos que selecionam e organizam períodos e textos. Assim, uma “tradição” é algo construído e se situar nela pode ser atividade voluntariamente escolhida, movimento de adesão ou de ruptura, para ser possível dialogar outras formas e leituras de uma mesma área e até mesmo de um objeto.

Entendemos, assim, que o diálogo com a tradição é desejável, porém, se esse for o objetivo principal de uma tradução, esse desejo pode cercear uma leitura que se pretenda autêntica, ainda que seja uma autenticidade utópica, circunscrita e vigiada pelos dogmatismos da tradição.

Na contramão das afirmações sobre a “verdade” que apresentamos aqui, devemos lembrar que tratamos de um objeto ficcional (a literatura/ a obra literária), assim, discorrer sobre verdade e autenticidade dessa ficção é relevante, pois mesmo possuindo uma existência intrínseca, essa existência é posta em cheque no movimento tradutório. A tradução, nesse cenário, encarrega-se de desmascarar o objeto poético, redimensionando as elaborações das construções que lhe garantem a aparência de verdade.

Haroldo de Campos, em “Tradução e reconfiguração do imaginário: o tradutor como transfigidor”, toma por “lugar semiótico” o espaço operatório da tradução em poesia que se configura na língua pura teorizada por Walter Benjamin (2011, p.47). Tal pensamento de Campos é pertinente por retirar a aura sagrada do texto poético, permitindo que o vejamos como construto, passível de ser desmontado e reconfigurado na língua de chegada. Assim, a tradução também constrói um objeto real, ainda que essa realidade reencontre vida no imaginário — seu local por excelência —, pois possui qualidades inerentes que se refazem em sua reconfiguração, chamada por Haroldo de transfuncionalização. Porém, não olvidando que a fragilidade da tradução será sempre seu caráter provisório:

Provisório, aqui, quer dizer ‘histórico’, num sentido que substitui o “fim messiânico” dos tempos da teoria benjaminiana do traduzir pela noção de câmbio e fusão de horizontes, que percorre, como uma acidentada e não retilínea marca d’água todo processo de ‘tradução da tradição’. (CAMPOS, 2011, p.49)

Nosso trabalho encerra uma proposta de leitura/tradução que aborda aspectos teóricos trazidos à tona nessa discussão preliminar, como preconizado por Berman, aliando experiência e reflexão. Nossa tradução está baseada em sua própria reflexão como tal, espelho de si mesma e transmite em sua forma os preceitos teóricos da desconstrução. O que chamamos experiência, porém, não nos deixa desatentos à “tarefa de leitura”, desafio proposto por Derrida, e guardamos o ensinamento que percorre toda crítica literária, não importando a escola a que se filie: “não há fora-texto”. Assim, estamos cientes de que nosso texto de chegada, por levar o estigma de experiência de iniciante em tal abordagem seja ainda mais fugaz, não ultrapassando a duração da presente dissertação, porém, as reverberações de nossa reflexão podem gerar outras etapas de trabalho com o texto e com a perspectiva de leitura que estamos procurando aprimorar.

1.3 A questão do sentido.

Em nossa reflexão, o sentido não encontra estabilidade, ele se articula tentando se integrar às sinuosidades das reformulações da tradução do texto literário; uma vez que foi concebido para uma língua ou um texto primeiro, aquele com o qual se une em forma e conteúdo. Desse modo, quando a tradução rompe essa união primeira, o sentido passa a ser algo fugidio, pois ao trabalhar com o significante, a forma, a letra, o tradutor passa a forjar um sentido que, mesmo presente, perde a prioridade diante das reconfigurações formais do novo texto erigido em outro idioma.

Por esse motivo, na tradução de textos literários, na sua transposição do uso condensado em significados, ou seja, no uso artístico da língua, a extensão da discussão desenvolvida até aqui é reduplicada. Se a língua, os textos, ou seja, a escritura já são alvos de dúvidas e de revisitações, visto que, desde a crítica de Nietzsche e Freud (entre outros precursores de Derrida) ao sujeito tido como coisa distante do objeto, essas instâncias nos colocam com um olhar revisto diante dessas construções sócio-culturais humanas, para nós é uma grande e desconfiada interrogação que a literatura seja um objeto neutro, uma estrutura estável, que se presta a análises inquestionáveis e objetivas, construídas pelo autor do texto, como diversas escolas acomodam o fenômeno literário, pensamos aqui nas linhas estruturalista e formalista.

Ainda na coletânea de textos de *O signo desconstruído*, organizado por Arrojo, são desenvolvidas ideias que questionam nossa visão de leitura, interpretação, compreensão, sujeito, signo, significado, sentido, entre outros — como temos explanado aqui. A questão fundamental que perpassa a leitura que os autores fazem sob a perspectiva desconstrucionista é a alteração da perspectiva do sujeito e objeto logocêntricos, ou seja, daquela idealidade do sentido e significado estáveis que os discursos devem possuir. Na parte que nos interessa especificamente, a tradução, verificamos o problema dessa suposta estabilidade do texto de partida e de sua significação considerada imanente, transcendental. Tal significação só seria atingida pelo intermediário capacitado para a tarefa, e a função deste seria encontrar a intenção do autor no arranjo artístico das palavras. A imanência no arranjo, segundo a visão tradicional, seria perene e o significante, eterno, pertencendo pelas eras ao texto e ao autor. A nós, receptores, caberia a função passiva das tentativas mais ou menos bem sucedidas de aceder ao sentido pretendido pelo escritor.

Assim, teorias vigentes, como o estruturalismo, o formalismo e o *New Criticism*, proporcionam fórmulas corretas e exatas ao leitor diante do segredo inflexível do significado oculto na forma. Apenas elas poderiam resultar numa leitura correta.

Toda discussão que pretenda ir além dessa visão prescritiva é censurada como não científica. Segundo essa perspectiva, a ciência seria um objeto humano que nos transforma em criadores, proporcionando o conhecimento e a cultura, possibilitando-nos ser a espécie dominante. A razão tomaria a frente desse movimento de dominação que estabelecemos através do *logos*, o domínio da razão nas tarefas científicas parece-nos natural. O *logos* e o saber, ferramentas gêmeas, conquistas aparentes, que nos confortam diante da fragilidade das nossas certezas, provêm do exercício da linguagem que permitiu ao homem nomear a realidade em que se integra. Além disso, a ciência idealiza o cientista — que, por sua vez, também espera alcançar a objetividade plenamente —, como afirma Maria José Coracini em seu texto “O cientista e a noção de sujeito na linguística: expressão de liberdade ou submissão?”, em *O signo desconstruído*:

A valorização permanente do estável, do controlável, do presente, assegura ao cientista a ilusão de soberania e poder sobre os dados que crê poder olhar de forma neutra, isenta de toda contaminação dos desejos, fobias, ideologias (experiências e conhecimentos prévios) que integram e determinam nossas crenças, nossas ações, nosso viver. Ilusão da verdade, ilusão do sujeito que não é dado conhecer-se nem conhecer o outro e a natureza... (CORACINI, 2003, p.23)

E o problema se agrava diante da vontade de delimitar o espaço das ciências, que convencionamos chamar humanas. A discussão e a proposta da desconstrução é flexibilizar as fronteiras dos saberes que nos influenciam reavaliando-as, visando à abertura do texto, como vimos acima na citação de Derrida e como afirmam seus leitores como, por exemplo, Rajagopalan:

Com isso, Derrida inaugura um movimento palpitante de cunho pós-estruturalista que leva o nome de “*desconstrução*”. Culler (1987), no entanto, chama a atenção para os perigos inerentes ao uso da qualificação ‘pós-estruturalista’ pelo fato deste termo poder engendrar a impressão errônea de que se trata de um novo método que vem para suplantar o velho. No dizer de Norris (1982: 1), apresentar “*desconstrução*” como se ela fosse um método, um sistema, ou um conjunto de ideias pronto e acabado seria falsear a sua natureza e abrir caminho para ser censurado por um equívoco de redução. (2003, p.26)

Na reflexão desenvolvida em “A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussuriano”, Rajagopalan reflete sobre a leitura desconstrutivista aplicada à obra de Ferdinand de Saussure, porém o trecho apresentado acima esclarece a desconstrução e sua, digamos, aplicabilidade.

Quanto à tentativa de compreender o termo desconstrução fomos ao texto “Carta a um amigo japonês”, em que Jacques Derrida responde à dúvida do tradutor de sua obra no Japão sobre o vocábulo “desconstrução”. O filósofo ensaia no texto o movimento da significação que compõe tal conceito. A carta do autor ao seu tradutor termina em interrogação, por exemplo, quando esperávamos um texto prescritivo:

A possibilidade para (a) desconstrução seria que uma outra palavra (a mesma e uma outra) se encontrasse ou se inventasse em japonês para dizer a mesma coisa (a mesma e uma outra), para falar da desconstrução e para conduzi-la para um outro lugar, escrevê-la e transcrevê-la. Em uma palavra que seria também mais bela.

Quando falo dessa escritura do outro que seria mais bela, entendo, evidentemente, a tradução como risco e a possibilidade do poema. Como traduzir “poema”, um “poema”? (DERRIDA, 2003, p.27)

Uma hipótese para a compreensão/leitura dessa forma de resposta, é que a desconstrução se propõe a interrogar, postura ativa do pensamento diante dos conceitos.

Vimos que no início da carta, Derrida explana o percurso da palavra em gramáticas e dicionários e já anuncia que as definições ficam próximas ao que ele “queria, pelo menos, sugerir”, a partir daí seu percurso é discorrer sobre o que a desconstrução “não” é. Assim, a tentativa de apreensão do significado — do sentido — é por meio de negativas: “não é um modelo mecanicista” (DERRIDA, 2003, p.23), não é uma *análise*, nem uma *crítica* (p.24), “não é um método”, “não é sequer um *ato* ou uma *operação*” (p.25).

Evidentemente, o tradutor esperava uma resposta mais assertiva, porém, foi conduzido a indagar a língua francesa e a língua japonesa, para que fosse possível transportar de um a outro idioma “a mesma e outra coisa”. Cumpre notar, que Derrida também questiona seu próprio idioma e a insuficiência das palavras, além de esclarecer que a desconstrução não é algo relacionado à demolição, como pode parecer em princípio.

Desse modo, a atenção na obra de Derrida é para o porvir, o futuro, o que se anuncia nas estruturas pré-concebidas (mas não se encerra nelas), “a possibilidade e o risco”, a busca pela palavra mais bela, como lemos na citação acima. A tradução é para este escritor a desconstrução por excelência, e na tradução literária, temos o desafio de encerrar e datar um texto, uma escritura efêmera, buscando não só fazer a palavra significar em outra língua, mas toda sua manifestação ser evocada e ainda com a missão de torná-la “mais bela” — Derrida observa: “Não penso, por todas essas razões, que essa seja uma *boa palavra*. Sobretudo, ela não é bela” (2003, p.27). Por essa observação, podemos concluir que a fruição estética é importante para ele, podemos, inclusive, nos interrogar se a tradução deve ser a busca do mais belo.

Assim, pretende-se a reavaliação da delimitação das diversas áreas do conhecimento por meio da interrogação e do questionamento; atingindo, inclusive, áreas que têm se auto-declarado, via alguns teóricos, como distintas: a linguística e a teoria literária. O dogmatismo vigente na academia impede que alguns cientistas vejam as ligações claras e inegáveis entre as duas ciências, ainda na atualidade e com todas as revisões que as teorias estanques vêm sofrendo. Como continua em seu texto, Rajagopalan: “Daí o porquê do próprio termo “*desconstrução*”: uma atividade infundável que visa “*desmascarar*” passo a passo a “*construção*” que daí vai despontando-se por detrás — ela mesma uma outra máscara” (2003, p.27).

Por esse motivo, podemos afirmar que sociologia, filosofia, história, entre outras, compartilham terrenos similares em suas construções de significados em nossa

cultura, é necessário ter em vista que todas as abordagens possíveis compõem a *escritura*; assim, diante dessa amplitude, nossa leitura deve se alçar além das divisas ditas “racionais”, num movimento que é vivo e que incorpora, inclusive a época e o sujeito, já que este não pode ser abrigado no conforto da certeza. Seu posicionamento como leitor, crítico, e aqui neste trabalho, tradutor, é afetado pelas suas vivências como ser social, mas também pelas suas percepções individuais conscientes e inconscientes.

Temos observado que pesquisadores, teóricos e filósofos da linguagem têm se debruçado sobre como os saltos realizados na sincronia histórica em qualquer espécie de narrativa, ou como, já que os registros não conseguem ser lineares e contemporâneos aos acontecimentos, são afetados pela escrita, por si só uma seleção ideológica das falas, fatos e textos — escritura — e afetam nosso entendimento do conhecimento construído pela humanidade. Nossa concepção de história foi reavaliada, e nosso pensamento de origem eurocêntrica se desmorona diante da multiplicidade cultural que nos cerca. Tendo em vista que o pensamento filosófico e científico na verdade constitui uma visão particular de quem o faz, ou seja, o reconstrói — fazendo uso da linguagem —, Furlan, a partir de postulados de Meschonnic, aponta para a potencialidade reflexiva desse novo olhar sobre tradução:

Tal reflexão fundada sobre uma teoria histórico-materialista da linguagem põe fim ao reinado subjetivo, imanente, imutável, ahistórico, próprio de uma concepção que perpetua conceitos como o da inferioridade da tradução frente ao original, fidelidade, transparência, apagamento do tradutor, etc. (FURLAN, 2013, p. 288)

Assim, os estudos de tradução passam a se mostrar menos focados no etnocentrismo⁴, a necessidade de fazer textos parecerem “adaptados” à língua de chegada, negando os estranhamentos e as diferenças naturais entre as línguas, negando a licença à alteridade. O sentido do texto — o conteúdo — é a única preocupação dos tradutores desta escola tradutória, que encontrou seu grau máximo nas *belles infidèles*, nos séculos XVII e XVIII na França, mas que, no entanto, até a atualidade mantém seguidores que propagam a clareza do texto, a “arrumação” do sentido, aclimatando-o à língua/cultura que o recebe.

⁴ Nos dizeres de Antoine Berman (2007, p.28): “Etnocêntrico significará aqui: que traz tudo a sua própria cultura, as suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura”.

É importante notar aqui, que para o pensamento do estudioso, a tradução é uma passagem a qual já aludiam os alemães (BERMAN, 1984, *apud* SISCAR, 2013, p.153), ou seja: “Todo conhecimento já é, sempre e de imediato, uma tradução; em outras palavras, constitui-se como um desvio em relação à identidade a si de uma suposta experiência original”. Ainda que sujeito à língua, veículo da manifestação humana, assim como lembra Marisa Grigoletto em “Desconstrução do signo e a ilusão da trama”, um dos textos de *O signo desconstruído*:

Mas, perguntará o leitor, se aceitarmos a polissemia, essa disseminação incontida de significantes, como é possível que haja compreensão entre indivíduos por meio da linguagem? A possibilidade se dá porque a interação acontece dentro de um discurso determinado social e historicamente, e institucionalizado, que circunscreve a polissemia. No interior desse discurso institucionalizado (FOULCAULT, 1971)⁵, o jogo é limitado e a polissemia do signo não é arbitrária ou incontrolada. E o indivíduo, ao se expressar, promove mais uma ilusão: a ilusão de estar criando um discurso próprio e original. (2003, p.33)

A novidade da desconstrução é, então, a própria capacidade da língua adentrar em si, e questionar discursos estáveis, agregando-lhes mais significados do que a tradição tem permitido em suas delimitações firmes e, *a priori*, intransponíveis até então.

Essas novas visadas ao fazer tradutório são nossos aportes para uma abordagem que visa a colocar a tradução numa perspectiva crítica e não relegada a segundo plano, numa situação inferior como a tradição a condenou por séculos, propagando o famoso adágio italiano: *traduttore traditore*.

Desse modo, reiteramos que este trabalho pretende apresentar uma visão das discussões contemporâneas sobre tradução, problematizar preconceitos que cercam o trabalho tradutório — muitas vezes tido como secundário e inferior — ao demonstrar especialmente no terreno dos Estudos Clássicos, seu caráter de experiência e reflexão, apresentando uma tradução que seja “a reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência”. (BERMAN, 2007, p.19)

Como ciência da linguagem e pensamento teórico — ainda que em novos moldes, pois não nos é mais concebível, a tradução ser vista como “ciência” em seu

⁵ Nesse ponto a autora cita o texto *A ordem do discurso*, de Michael Foucault, em que ele trata das engrenagens de controle e de delimitação do discurso institucionalizado.

sentido prescritivo, em que a repetição exata de uma experiência geraria o mesmo resultado — entendemos que devem ser cumpridas etapas para que o aprendizado do fazer tradutório seja internalizado e a reflexão intensificada a cada passo para que, ao fim, chegue-se à habilidade de uma tradução que se alce à poesia, seja ela ou não em versos metrificados — a preservação ou reconfiguração dos metros em tradução de poesia é cristalizada pelo tempo como ideal, outro ponto que pretendemos analisar no futuro. Assim sendo, seguindo um preceito de Goethe, citado por Berman (2007, p. 97), os passos da tradução seriam: a) tradução palavra por palavra (não literária); b) tradução adaptadora ou paródica e c) tradução interlinear elaborada, porém, vemos que neste último há gradações na qual se encaixa uma tradução expressiva. Assim, nesse estágio buscaremos outros aspectos do texto em seu construto artístico verbal, naquilo que o difere de um texto científico, por exemplo.

O tradutor e teórico francês, em *A tradução e a letra, ou, o albergue do longínquo* (2007) teoriza sobre a prática da “tradução literal” — e não servil. Aqui, cabe um aparte sobre como até os termos entre os teóricos são ainda inconsistentes, pois para grande parte deles “literal” seria palavra a palavra —, mas para Berman é a letra que ocupa um lugar privilegiado, pois ela se volta para o jogo dos significantes. Ele explica ainda que literal não é a tradução palavra por palavra, esta é servil, mas sim a tradução da *letra*, que leva em conta as relações estabelecidas no texto artístico para a construção da rede de significados, ou como, talvez, poderíamos daí interpretar: para a relação entre significantes e significados.

Berman propõe que a ciência tradutória, tradutologia, é uma reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência, ou pensamento da tradução. Para ele o duplo binômio vigente nos meios tradutórios, a saber, teoria/prática, deve ser substituído por experiência/ reflexão — em constante revisão e transformação assim como os idiomas e a língua literária. Afirma também que a tradição que preconiza o “equivalente”, corre o risco de apagar as marcas do texto de partida, pois, muitas vezes, a busca pela equivalência neutraliza as construções próprias daquele texto, as quais deveriam ser mantidas, em um trabalho peculiar de tradução, para que o texto de chegada seja digno e condizente com a construção artística daquele com o qual se relaciona.

Nesse livro ainda, o teórico defende um pensamento que consideramos fundamental: “Não existe *a* tradução (como postula a teoria da tradução), mas uma multiplicidade rica e desconcertante, fora de qualquer tipologia, *as* traduções, o espaço

das traduções, que cobre o espaço do que existe em todo e qualquer lugar paratraduzir” (BERMAN, 2007, p. 24). Embora tais palavras possam parecer um tanto ousadas para o entendimento da tradução até há pouco tempo, para nós parece apontar para uma crítica aprofundada e autoconsciente do ato de traduzir, como discutem também Benjamin, Derrida e Arrojo, por exemplo. Por fim, o teórico escreve sobre a “Análítica da Tradução e a Sistemática da Deformação”, capítulo em que explicita as tendências deformadoras de um texto traduzido. Essa expressão, tendência deformadora, pode ser vista de forma pejorativa, mas quando entendemos o que o autor pretende solucionar com elas, tais se tornam válidas e pertinentes aos estudos tradutórios. Cada uma delas parece uma ameaça à letra — todas as particularidades do texto de partida, que o tornam um objeto estético —, mas em algum grau elas são praticadas, por serem necessárias ao exercício tradutório. A prática crítica da tradução encontra aqui sua contradição e sua viabilidade, ou seja, está ciente das transformações que a leitura do texto traduzido produziu, por isso é crítico-reflexiva.

Assim, como defendido por Walter Benjamin em “A tarefa do tradutor” e, retomando-o, por Derrida em *Torres de Babel*, o texto concebe sua própria traduzibilidade em sua forma, num desejo poético de permanecer, ou seja, ser traduzido: “A traduzibilidade é uma propriedade essencial de certas obras”, afirma Benjamin (2011, p.205). O texto é um elemento vivo. Mesmo que esteja esquecido, que não seja lido (e/ou traduzido), ele vive em estado latente: “Assim, seria possível falar de uma vida ou de um instante inesquecível, mesmo que todos os homens o tivessem esquecido” (BENJAMIN, 2011, p. 205). E é na história que ele adquire esse *status*, ainda segundo Benjamin “[...] quando se reconhece vida a tudo aquilo que possui história e não constitui apenas um cenário para ela que o conceito de vida encontra sua legitimação” (2011, p.205), ou seja, na sua sobrevivência, nas suas traduções e no interesse despertado no futuro, no qual um texto é lançado, que ele é a sua própria história, sendo assim revivida sua forma. Derrida enuncia em *Torres de Babel* “Tal sobrevivência dá um pouco mais de vida, mais que uma sobrevivência. A obra não vive apenas mais tempo, ela vive *mais e melhor*, acima dos meios de seu autor” (2002, p.33).

Assim, quando pensamos em traduções e retraduições, temos que vislumbrar dois lugares distintos: o do texto, que carrega em si, ao mesmo tempo, as sementes e o alimento de sua sobrevivência e a crítica do fazer: a teoria. Nessa última é que se insere a recepção do traslado da obra, no entanto, embora se complementem, a tradução não é recepção, esta pode fazer uso dela para constituir sua história, mas a obra traduzida

idealmente basta a si como objeto estético. Lemos em “A tradução em manifesto”, Berman defender que:

A constituição de uma história da tradução é a primeira tarefa de uma teoria *moderna* da tradução. Toda modernidade institui não um olhar passadista, mas um movimento de retrospecto que é uma compreensão de si. Assim, o poeta-crítico-tradutor Pound meditava simultaneamente sobre a história da poesia, da crítica e da tradução. (BERMAN, 2002, p.12)

Ou seja, o olhar crítico que lançamos às obras literárias “originais” deve equivaler ao lançado à tradução, pois, e aqui Berman critica “a periodização incerta” de Steiner em *After Babel* “a propósito da história ocidental da tradução. É impossível separar essa história daquela das línguas, das culturas e das literaturas [...]” (BERMAN, 2002, p.13).

Com esse preceito, Berman atribui grande responsabilidade ao trabalho do tradutor, não como um exercício diletante ou apenas seguindo um padrão forjado há séculos, mas como trabalho reflexivo e ético, respeitando a alteridade da língua e do texto de partida. Desse modo, é a recepção que se apropria da alteridade que se edificou em determinada língua, a crítica literária e de tradução pode se debruçar sobre procedimentos tradutórios, mas não sobre as originalidades do texto “original” quando se trata de tradução, a não ser que seja para alcançar novas propriedades negligenciadas deste texto de partida.

Dessa maneira, nosso pensamento guia da tradução também converge com o de Walter Benjamin, filósofo e tradutor, este autor apresenta um postulado mais rígido quanto à relevância da *autonomia* do texto artístico,— para ele o leitor, se for o norteador, o objetivo principal da tradução, pode prejudicar a qualidade do texto, ou seja, não deve ser essencialmente considerado no trabalho tradutório. Benjamin acredita que a responsabilidade do tradutor diz respeito aos textos, constituições linguísticas e artísticas, pois a obra de arte carrega mais do que comunica, ela é um conjunto de tangível e não tangível. Essa dicotomia é o desafio do tradutor. Por esse motivo, o autor afirma que o tradutor poeta é o mais eficiente, ele pode atentar não apenas ao que o texto comunica, mas sim como ele o faz. O poeta seria capaz de perceber e intentar manter a forma guardada pelo original é por isso que ele afirma que “a tradução é uma forma” (BENJAMIN, 2001, p.191). No entanto, ele frisa que ambas as tarefas diferem.

Pois as regras da tradução são distintas das da composição inédita da poesia, o que encoraja nosso intento tradutório proposto nesta dissertação.

O texto de Benjamin suscita reflexões sobre a suposta pureza da língua, sob uma visão metafísica e platônica, para o alemão, a língua pura seria a Poesia. A supra-língua ultrapassa a barreira dos idiomas e ordena seus procedimentos para serem válidos na transmissão de conteúdos poéticos, por esse motivo, o texto poético é passível de tradução, sua manifestação física em todos seus aspectos: idiomas e construções próprias, pois a poesia e as regras poéticas seriam uma espécie de idioma universal, compartilhado numa esfera além das fronteiras linguísticas.

Desse modo, o autor entende que o trabalho de tradução mantém a vida das obras, ainda que cada versão se relacione com a época e a cultura em que é produzida, notemos que o mesmo ocorre tanto com textos traduzidos quanto com os inéditos devido às especificidades da tradição literária em que nascem. Note-se que esse preceito é também defendido por Burke (2009, p.16) que ressalta a importância de se relacionar obras e contextos, pois as normas, regras e convenções que governam as práticas tradutórias se alteram na linha temporal.

Benjamin preconiza um aspecto que consideramos de extrema relevância, com o qual Berman também concorda: a tradução amplia as fronteiras da língua de chegada, ao tentar alcançar a magnitude da linguagem poética considerada pura: “redimir na própria (de chegada) a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação — essa é a tarefa do tradutor”. (BENJAMIN, 2001, p.211)

Entre nós, no cenário brasileiro, figura Haroldo de Campos teorizando e praticando essas contemporâneas concepções de tradução. De Ezra Pound, Haroldo assumiu a prática de recriação do texto traduzido, que “desenvolveu uma teoria da tradução e a reivindicação pela categoria estética da tradução como criação” (CAMPOS, 1967, p.24). Como Berman e Benjamin, Pound e Campos também elevam a tarefa tradutória como construção de um texto original.

Para Campos, o que alguns denominam impossibilidade de tradução da poesia, é exatamente o que permite ao tradutor dialogar e recriar a forma de um texto estrangeiro. O texto traduzido é então criativo ou “criação paralela, autônoma, porém recíproca”. (CAMPOS, 1967, p. 24)

Alerta o crítico que a tradução não se prende ao significado e sim ao “tom” de uma obra, como afirma o poeta Boris Pasternak e, como partidário de Pound, atribui grande valor à logopeia textual, ou seja, “a dança do intelecto entre as palavras”. A

elevação do trabalho de crítica — atento à logopeia —, superior ao de interpretação, atribui à tradução a tarefa de por em circulação novas formas e de “produtos poéticos básicos, reconsiderados e vivificados”. (CAMPOS, 1967, p.25)

Assim, o trabalho do tradutor é fazer renascer a obra na atualidade, não como se houvesse sido escrita hoje, mas relacionando-se com sua vida através do tempo, e com as mudanças que essa trajetória acarreta para seu entendimento. A obra é nova enquanto tradução presente, mas essencialmente conectada ao texto e língua de partida e com as peculiaridades daquela.

Com esses preceitos e sua prática tradutória em grego e latim, Haroldo de Campos, no Brasil, iniciou a valorização da tradução criativa. Desafiando a crítica tradicional, resgata a teoria e as traduções de Odorico Mendes, lançando à obra deste um olhar revisitado elencando não apenas as vicissitudes dela, mas justificando a legitimidade das traduções odoricanas, principalmente por serem feitas de forma coerente, aliando teoria e prática, ou seja, com um projeto de tradução.

Por fim, a defesa fundamentada de Campos de que a tradução é um trabalho minucioso de crítica literária embasa-se também nos resultados das experiências do movimento modernista, que justamente por pretender lançar novas bases ao trabalho dos poetas brasileiros e afirmar nossa independência literária, considerou o trabalho de tradução um meio de aprofundamento e aquisição de manejos poéticos patentes em textos de partida e de chegada. Campos alerta que:

O “nacionalismo” literário brasileiro não pode ser considerado a partir de um ponto de vista fechado e monológico. Não pode ser explicado como projeção ou emanação de um espírito nacional, que gradualmente desvelaria e revelaria a si mesmo como tal. (CAMPOS, 2011, p.124)

A contribuição das traduções e, principalmente, de sua prática consciente e minuciosa, estimula-nos a seguir os passos do trabalho de Haroldo, no que concerne à perda da ingenuidade e da passividade diante do texto traduzido, ou a traduzir, e estender nosso olhar à configuração histórica de nossa literatura pode ser um exercício bastante produtivo para ter uma visão plural do lugar que a tradução sempre ocupou em nosso meio.

2. O tradutor e as (re)traduções

2.1 A(s) gênese(s) do(s) original(is).

Apropriando-se da discussão que estabelece o signo como o representante presente do significado que, pré-estabelecido, é anunciado em sua ausência, Rosemary Arrojo em “A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor” nos convida para lançarmos novos olhares sobre a tradução, o papel do tradutor, e as relações estabelecidas entre texto original e texto traduzido. Em sua reflexão, Arrojo parte da concepção desconstrutivista da *différance*:

Partindo do *insight* saussuriano de que é o princípio da diferença e da arbitrariedade que necessariamente constitui todo processo de significação, a desconstrução do logocentrismo proposta por Derrida tem tentado demonstrar que não há saída possível do labirinto inescapável de signos que se referem sempre e tão-somente a outros signos, num processo de adiamento infinito que proíbe qualquer encontro com uma suposta presença externa a esse labirinto. (2003, p.74)

Nessa perspectiva a autora propõe a leitura da dicotomia original/tradução (2003, p.73):

Se na relação signo/referente, o primeiro é visto apenas como mediação e adiamento, como mero substituto daquilo a que se refere, na relação tradução/“original”, o segundo passa a ocupar o lugar da coisa-em-si, da presença do significado que a tradução, como um adiamento incômodo, apenas representa e substitui. Nessa presença ingrata de simulacro, de representante inadequado do “original” em outra língua, em outro tempo e em outra cultura [...]. Toda tradução é também necessariamente secundária e provisória em relação àquilo que supostamente substitui.

Podemos dizer que o original porta a verdade do texto como ele significou quando foi escrito, mais que isso, a única e possível primeira verdade, ainda que intangível. Por isso, a tradução tem ocupado posição inferior e o trabalho do tradutor é um trabalho invisível, visto que seu trabalho será tido como bom na mesma proporção de seu ocultamento. Se ele denuncia sua presença, a tradução é considerada uma traição ao texto original. A invisibilidade do tradutor, como discute Arrojo, lembrando as questões levantadas por Lawrence Venuti (1995), é oriunda tanto da desejável e pretendida legibilidade confortável ao leitor na língua de chegada — ausência de

estranhamentos no nível lexical e sintático, além de costumeiras aclimações culturais —, quanto do próprio trabalho do tradutor que é visto como menor, não sendo reconhecido monetariamente, pois ocupa o lugar de copista, de mero reproduzidor capaz de escrever numa língua o que lê em outra, sem nenhum subjetivismo ou criatividade digna de mérito. A mesma linha de pensamento segue Siscar quando afirma incorporando a crítica que avalia o quanto as novas abordagens possibilitam uma nova visão:

[...] nossa época assiste a uma renovação da teoria da tradução que coincide com a crítica à lógica da transferência do sentido e ao rebaixamento do texto traduzido como secundário, mero simulacro do texto original. [...] Uma faixa substantiva da teoria da tradução atual procura resgatar a dignidade [...] daquilo que é sistematicamente marginalizado como derivação do original, como atividade servil [...] (SISCAR, 2013, p. 168).

Arrojo, naquele mesmo texto, levanta uma prerrogativa que deve levar os tradutores à reflexão crítica do seu trabalho, profissional e eticamente falando. A autora atenta para o fato de que a invisibilidade pode dar lugar ao não comprometimento; enquanto que, lançando luz ao trabalho tradutório, obrigatoriamente a responsabilidade muda de proporção. Se notado, se colocado em evidência, o trabalho do tradutor se torna autoral, ele é então o criador daquela versão e responderá por ela frente ao trabalho da crítica. Será inserido na história da tradução do país pela qualidade e pela responsabilidade criativa a que se outorgou frente a uma obra. Esta visão não permitiria que trabalhos de qualidade inferior ocupassem lugar de destaque no mercado, preservando seu original do escamoteamento que pode sofrer para atender à demanda por preços acessíveis, ou dirigidas a um público considerado incapaz de aceder aos refinamentos formais do texto de partida, por exemplo. Obras clássicas, de notória fama literária e construção artística memorável, transformam-se muitas vezes irreconhecíveis devido ao empobrecimento sofrido nas mãos de um tradutor que não criou um vínculo ético e criativo com elas, ou que apenas vislumbrou o leitor em seu trabalho, outorgando-se, assim, a missão de facilitador do texto para um público não iniciado ou leigo.

Embora ocupe lugar “desprivilegiado” — e reconheçamos que essa visão está em evolução — como demonstrado acima e, por um lado, seja vista como impossível por inúmeros teóricos, segundo os quais devemos aceitar a equivalência, como o maior acesso ao texto original, ou seja, como nos lembra Berman:

Para o tradutor formado nesta escola, a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar este sentido mais claro, limpá-lo das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira. Esta é, caricaturalmente, a famosa “equivalência dinâmica” de Nida. (2007, p. 22)

Por outro lado, a tradução, paradoxalmente, é condição inevitável de sobrevivência de um texto, se uma obra interessar apenas aos falantes naturais da língua em que foi produzida será o mesmo que afirmar que não interessa ao caráter do ser humano em geral. Assim, a sobrevivência do texto via tradução, foi teorizada por Walter Benjamin no ensaio “A tarefa do tradutor”, e também defendida por Antoine Berman e seus seguidores, dentre outros teóricos. No entanto, a tradução possui um tempo determinado de validade, ela se insere numa língua que está em constante mudança, assim como as manifestações literárias do idioma em que é recepcionada, o que, certamente, influencia os procedimentos e temas de traduções realizadas em determinada época. Como afirma Jacques Derrida em *Torres de Babel*, ratificando Walter Benjamin, na pervivência da obra — em sua transformação e renovação — o “original se modifica”, o texto encontra-se sempre em estado de maturação (DERRIDA, 2002, p.211). Devido a isso, uma nova tradução torna-se necessária. Com ela as vias de acesso ao texto são reabertas e novos, anteriormente, desconsiderados aspectos são desvelados. Ainda que certas traduções sejam modelares e se ofereçam plenas possibilidades de diálogo com futuros tradutores — em língua portuguesa podemos citar a tradução ovidiana de Bocage ou as homéricas de Odorico Mendes, por exemplo — a marca do tempo recai sobre elas. O texto literário exige ser renovado, relido, e, portanto, traduzido novamente. Os tradutores não devem deixar de voltarem-se ao original.

Nesse ponto, cabe a pertinente observação de Marcos Siscar sobre a questão do original. O próprio conceito que atribuímos ao texto fonte não foi alvo de reflexão. Pois:

Não haveria texto ou sentido original antes de uma leitura. Aquilo que chamamos original se estabelece e se modula segundo as diversas interpretações de um texto [...] O sentido do original é o sentido que lhe atribui um leitor ou uma determinada situação interpretativa, um determinado contexto de leitura. [...] não existe original *antes* de sua tradução; é a tradução que de alguma maneira, *cria* seu original. (SISCAR, 2013, pp. 168-9, grifo do autor)

De fato, tal visão vai ao encontro da desconstrução, inclusive aquela por que o texto passa no fazer tradutório. Há que se ter “ética”, mas na reconstrução do sentido — e com todas as implicações em torno deste — ou reconfiguração da forma, como preferimos chamar, não pode ser negado o papel da criatividade, para Siscar: “aquela que viabiliza o conhecimento e o rigor no trato com seu objeto” (2013, p.169), que assim como o sentido, não é tangível.

Assim, se a leitura/tradução cria o original, ela só é possível por meio da traduzibilidade que lhe é inerente, questão à qual seu tradutor dispõe-se a resolver, como afirma Walter Benjamin (2002). Nesse movimento, a significação é criada, a mobilização do texto em sua direção para outra língua, ele não pertence mais a nenhuma delas, está no entre-lugar, na *différance* derridiana e isso, para Siscar, articula “[...] uma estrutura de pensamento que tem proximidade com os programas já conhecidos da crítica histórica, da psicanálise ou da filosofia” (2013, p.169).

Há ainda outra observação perspicaz de Siscar — que nesse texto está debatendo os posicionamentos de Jacques Derrida — sobre a tomada de responsabilidade do tradutor e da visibilidade de seu trabalho no ato tradutório. Se a apreensão do sentido do texto literário é desdobramento intertextual, como definir o momento de sua forma? Ora, podemos ver o texto fonte, agora “original”, como uma nascente inesgotável de sentidos, e a tradução como seus intermediários, também originais, visto que a tradução não deve levar em conta seu leitor, mas é na leitura dele que ela se realiza e se materializa como função de renovação: “De alguma maneira, a leitura passa a ser o ‘original’, um ‘original’.” (SISCAR, 2013, p. 171). As funções de cada agente são singulares e independentes, mas o que rege a todos é a escritura, nela comungam textos e leitores, a experiência original. O momento em que o texto encontra o sentido é nesta comunhão que não pode ser retida. Todos compartilham a experiência em algum grau, mas o texto é dotado de liberdade e nega-se à clausura, por esse motivo pervive.

Nesse panorama em que a pervivência é a continuidade e construção do sentido de uma obra, vislumbramos uma ou mais traduções de um mesmo texto como uma forma de desdobramento, porém um desdobramento limitado. Cada tradução se encarrega de um ou mais aspectos, mas – tarefa hercúlea e, então, poderíamos afirmar impossível – jamais alcançará todas as nuances da complexidade inefável de um texto primeiro, partindo aqui do pressuposto de que uma obra literária, por sobreviver, atesta sua alta qualidade. O paradoxo, nessa discussão, é que são justamente as traduções que,

muitas vezes, quando estudadas, revelam o que deixaram de observar no texto de partida. Assim, cada tradução é um “original” incompleto que se oferece às leituras posteriores. Um mesmo texto de partida dá origem a vários originais que podem ser, inclusive, diversos entre si, por cada um lançar luz a um aspecto da obra primeira.

Desse modo, o fato de um mesmo texto ser traduzido e re-traduzido os coloca em um período linear na história de sua sobrevivência, assim o diálogo que esses textos estabelecem entre si não deve ser desconsiderado, visto que as leituras — mesmo quando se negam umas às outras — se sobrepõem e se complementam, os textos dialogam entre si, e cada um dialoga a seu modo com texto de partida, cada tradutor se pretende mais exato ou se atenta a um aspecto não percebido por outrem. Para Antoine Berman, a retradução busca “reabrir o acesso” às obras que já exerceram grande influência sobre nossa cultura (2007, p.109). Assim, ainda segundo Berman, a tradução e a retradução são necessárias à literatura, sejam aquelas dos clássicos que foram canonizados ao longo dos séculos, sejam as de outros autores e períodos, pois as obras possuem, *a priori*, “vida eterna” que é reiterada pela necessária (re) tradução. Nesse sentido, essa prática exerce a dupla função de revivificar o texto de partida e de revisar a tradução anterior, transportando e desvelando as obras para novas leituras na contemporaneidade, bem como revigorando o meio literário em que é inserida, com seus temas, modos, figuras.

Mauri Furlan em seu texto “Retraduzir é preciso” (2013, p.287) defende que a revisão de textos traduzidos em outras épocas demonstra maturidade da língua de chegada, assim, a atividade do leitor/tradutor pode se movimentar no horizonte histórico da língua e da crítica literária e de tradução. Há uma tradição e a crítica desta se origina nela própria, num movimento convergente e divergente, pois:

[...] percebe-se hodiernamente a aceitação paulatina de uma nova concepção de escritura e, conseqüentemente, de tradução, na qual passamos da frase ao texto como unidade de tradução, numa época em que as já velhas línguas vernáculas ocidentais atingem elevado grau de amadurecimento, e que se busca novo acesso àqueles mesmos textos antigos que fundaram nossa cultura e literatura ocidentais. (FURLAN, 2013, p. 287)

Furlan cita ainda Meschonnic, um dos grandes interlocutores de Berman, que “definirá tradução como ‘reenunciação específica de um sujeito histórico’ (1973: 308), noção que compreende ainda a constante reelaboração do dito/ escrito pelo indivíduo

que escreve e pelo que lê, “cada leitura faz uma leitura/ escritura” (FURLAN, 2013, p.292). Mais à frente, o estudioso afirma mais uma vez a importância da retradução, dessa vez recorrendo àquele posicionamento veiculado por Antoine Berman:

[...] Porque chegamos a um momento de outra maturidade linguística e histórica, e queremos *reabrir* o acesso às obras que constituem nosso solo religioso, filosófico, literário e poético; às obras que modelaram decisivamente nosso modo de sentir e existir — Homero, Platão, a poesia latina, etc. — mas ao mesmo tempo se esgotaram ao longo dos séculos. “A retradução moderna é uma *memória repatriante*, pois estas obras dominaram imperiosamente durante muito tempo nossa criação literária.” (FURLAN, 2013, p.292)

Aproveitando-se do argumento de Furlan sobre essa dominação imperiosa das obras em nossa criação literária, e rememorando que nossa literatura nasceu em contexto luso-brasileiro - que ao longo de mais de cinco séculos a língua portuguesa no Brasil tem se firmado e se constituído no que chamamos de português brasileiro -, nada nos parece mais justo que visitar as traduções que temos acesso via literatura portuguesa. Nosso próprio idioma já reflete sobre si mesmo enquanto língua literária e em transformação. Nosso contexto difere do de Portugal, temos agora nossa própria literatura, ainda que esta guarde as matrizes portuguesas de seu “nascimento”. É óbvio, que resguardadas as diferenças, somos todos falantes da mesma língua: o português, porém cada uma possui seu modo peculiar de expressão, acentuado cada vez mais pelo tempo.

No caso do texto de Sílio Itálico que trabalhamos nesta dissertação, temos como ponto de referência a tradução que Filinto Elísio nos legou. A tradução foi produzida em contexto português, atendia a demandas daquele país e se dirigia àquele público leitor do início do séc. XIX. Em suas anotações ao texto traduzido, Filinto se dirige a sua época e ao comportamento linguístico do português de então. Eis então o porquê de as traduções serem datadas, a língua se transforma, assim como o contexto. No nosso caso, já temos nossa própria história da tradução que se constrói enquanto revisita e critica o percurso das traduções em língua portuguesa.

Para ajudar-nos a refletir sobre as condições do nascimento da literatura brasileira e sobre como instauramos outra identidade cultural e linguística, abordaremos o texto “Tradição, tradução, transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico”, de Haroldo de Campos. O autor situa nossa literatura a partir do Barroco, não tivemos assim, uma literatura “afásica” para amadurecermos. Ela já nos nasceu expressando um

código elaborado: “desde o barroco, isto é, desde sempre, não podemos pensar em nós mesmos como uma identidade fechada e acabada, mas como uma ‘diferença’, uma ‘abertura’, um movimento dialógico da diferença contra o pano de fundo do universal”. (CAMPOS, 2011, p. 124)

Campos desenvolve seu argumento baseando-se na poesia de Gregório de Matos, que escrevendo na Bahia, fazia uso do português, mesclado com africanismos e indianismos, além do espanhol. Este processo híbrido deu a sua obra um caráter único, pois, se não representava a nação brasileira, que ainda não existia como tal — ausência de idioma cristalizado e de público leitor, por exemplo —, também não a deixava de representar num movimento que possibilitava transparecer nossa falta de identidade, pois a própria língua era a do colonizador, mas também nossa inspiração literária foi marcada pela diferença:

O barroco, tanto na literatura brasileira como em várias outras literaturas latino-americanas, significa ao mesmo tempo hibridismo e tradução criativa. Tradução como apropriação transgressiva, e hibridismo (ou cruzamento) como a prática dialógica de expressar o outro e expressa-se através do outro, sob o signo da diferença. (CAMPOS, 2011, p.125)

Assim, Haroldo introduz os processos tradutórios como práxis de nossa literatura. Países que foram colônias, sempre passaram pela tradução do “outro” e para inovar e definir a si mesmos, em temas e formas literárias, tiveram que importar e retraduzir este outro.

Por este motivo, Campos situa em seu debate o poeta modernista Oswald de Andrade (1890-1954), autor do “Manifesto Antropófago” (1928). Para Haroldo, Oswald viu nossa literatura como “processo transformacional de tradução criativa e transgressiva” (CAMPOS, 2011, p.125). A antropofagia oswaldiana é “uma espécie de ‘desconstrução’ brutalista: a devoração crítica do legado cultural universal” (CAMPOS, 2011, p.126). Não podemos relegar o papel da tradução em nossa formação literária, assim como devemos compreender que a tradição se edifica por meio da crítica e dos contrastes teórico e prático. Em outro momento, no texto “Tradução e reconfiguração do imaginário: o tradutor como transfigidor”, Haroldo reafirma essa posição na leitura de “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin:

Ao efetuar a suspensão do caráter comunicativo da obra de arte, ao “distrair-se” do significado (assim desvalorizando-o do seu valor de culto, reverencial, sacralizado na teoria da tradução servil), Benjamin muda a ênfase do processo translático para a “essência” [...] (CAMPOS, 2011, p. 54)

Com isso, podemos afirmar que a dessacralização dos textos contribui para que lidemos com eles de forma interativa e possamos lê-los de forma mais independente do seu preconcebido contexto. No entanto, esse ganho é também responsabilidade na abordagem dos textos representativos de nossa formação linguística e literária.

3.2 Apelo à pervivência⁶ da escritura

Como já discutido, o movimento do texto em direção ao futuro, sua pervivência, se estabelece por meio de diferentes traduções que pretendem se completar, dizer mais a respeito do texto de partida, ou proporcionar uma nova leitura. Berman defende que: “É essencial distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das primeiras traduções e o das retraduições. [...] A retraduição serve como original e contra as traduções existentes.” (BERMAN, 2007, p.97). Articulando-se com esse argumento temos a posição de Gambier, que, segundo Faleiros:

[...] destaca dentre as possíveis razões de uma retraduição, o fato de esta ter como intuito: dar visibilidade a partes suprimidas de uma obra (nesse sentido uma retraduição seria em certa medida uma primeira tradução). (2009, p.149)

Neste ponto, o posicionamento de Walter Benjamin quanto à tradução e à independência do texto estético como tal nos é essencial, embora pareça limitar o texto em uma só leitura imanente, as leituras inevitavelmente são plurais, pois são realizadas por diferentes sujeitos:

Não apenas o fato de se estabelecer uma relação com determinado público ou seus representantes constitui um desvio; o próprio conceito de um receptor “ideal” é nefasto em quaisquer indagações de caráter estético, pois devem pressupor unicamente a existência e a natureza do homem em geral. Da mesma forma, também a arte pressupõe a

⁶ A palavra pervivência não é dicionarizada em nossa língua. Ela faz parte das reflexões teóricas de Haroldo de Campos: “De pervivência se trata: *Fortleben*, como diz Walter Benjamin quando fala da sobrevivência das obras literárias para além da época que as viu nascer.” (CAMPOS, 1989, p.59)

natureza corporal e espiritual do homem; mas, em nenhuma de suas obras, pressupõe sua atenção. Pois nenhum poema dirige-se ao leitor, nenhum quadro, ao espectador, nenhuma sinfonia aos ouvintes. E uma tradução? Será ela dirigida a leitores que não compreendem o original? (BENJAMIN, 2011, p. 189)

Assim, a tradução do *córpus* proposto procurou aplicar conceitos tradutórios caros a Benjamin, como aquela definição de “forma da tradução”, que se guia e se consolida como texto autônomo, reconfigurando-se de acordo com suas próprias regras internas, com sua própria forma de construir significados ao fazer uso da “língua pura” – que, para Benjamin, seria a “Poesia” –, e entender como ela se expressa através do tempo nas obras poéticas. Essa língua, como depois Derrida afirma em sua leitura de “A tarefa do tradutor”, no ensaio *Torres de Babel*, tem sua origem no mito de Babel: desejo do homem de se comunicar em uma só linguagem mítica é frustrado pela ira de Deus que os limita na plenitude e insuficiência da multiplicidade de idiomas — “transparência proibida, univocidade impossível” (DERRIDA, 2002, p.25). Tanto isso se verifica que imaginamos poder expressar tudo, mas o todo somente seria possível numa língua ideal, que abrangesse os modos particulares, principalmente se vemos como Edward Sapir que a língua é um recorte da cultura de seus falantes. Somente uma língua superior, poética, portanto, daria conta de uma apreensão unificadora e eficaz da confusão babélica dos idiomas, pois como afirma Benjamin:

Toda afinidade supra-histórica entre as línguas repousa no fato de, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é visada; algo que, no entanto, não pode ser alcançado por nenhuma delas isoladamente, mas somente na totalidade de suas intenções reciprocamente complementares: a pura língua ou linguagem. (2011, p.213)

Mas a unidade já fora miticamente proibida. O sentido da linguagem poética está no entre-lugar inacessível. Assim, a tentativa de se transmitir apenas o mesmo sentido para um leitor ideal numa tradução que ignorasse essa multiplicidade já resultaria em malogro, em uma reprodução sem forma significativa, abandonando o que faz do texto poético um objeto único, pois:

[...] aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado— e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial — não será isto o que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta? De fato, daí deriva uma segunda

característica da má tradução, que se pode definir, conseqüentemente, como uma transmissão inexata de um conteúdo inessencial. E assim é, sempre que a tradução se compromete a servir o leitor. (BENJAMIN, 2011, pp.203-4)

Vemos nesse pensamento de Benjamin uma afinidade com a “estrutura significante” a que alude Derrida (1973, p.194). Para os dois autores, o engendramento poético está lançado no porvir, a Poesia é a língua originária, eternamente reconfigurada, em movimento, desdobramento infinito; está acima do nosso conceito limitado e histórico de língua nacional, pois sendo inapreensível, ela não cessa de se transformar, sua estrutura é atemporal. Por esse motivo, os textos poéticos não visam ao leitor, mas a algo que os eleve acima do entendimento corriqueiro e pragmático da linguagem a uma nova experiência por intermédio da linguagem, mas não reduzida a ela. Por outro lado, quando Benjamin encerra o texto “A tarefa do tradutor”, cita as traduções de Hölderlin das tragédias de Sófocles como protótipos, por apenas tocarem o sentido, ele alerta: “Precisamente por isso nelas reside, mais que em outras, o monstruoso perigo originário de toda tradução: que se fechem as portas de uma língua tão ampliada e reelaborada, encerrando o tradutor no silêncio” (BENJAMIN, 2011, p. 227). Os dois lados da tarefa acabam sendo fundamentais, ainda que não se leve o leitor em primeiro plano, há o risco de encerrar as obras no silêncio, e isso também deve ser evitado.

Dessa maneira, o poema sobrevive, sendo experiência humana — “um instante inesquecível” (Benjamin, 2011, p.205). Ele não se exaure, pois sua linguagem é eterna, como supracitado. Todas essas acepções colaboraram através dos séculos, para ratificar a intraduzibilidade de textos poéticos. Sobre esse aspecto reflete Benjamin:

E, não seriam elas, até certo ponto, de fato intraduzíveis, se partirmos de um conceito rigoroso de tradução? [...] Pois vale o princípio: se a tradução é uma forma, a traduzibilidade deve ser essencial a certas obras.[...] o que não quer dizer que a tradução seja essencial para elas, mas que uma determinada significação contida nos originais se exprime em sua traduzibilidade. (2011, p.205)

Em *Torres de Babel*, Derrida desdobra essa ideia no sentido de que a traduzibilidade latente no texto é como uma pergunta para tradutor, respondê-la é sua tarefa, ele chama essa resposta de “reconciliação” (2002, p.27). O tradutor se encarrega de fazer florescer o embrião que o texto poético matura. Maturação esta que se renova,

por isso a forma do texto poético é eterna, mas a sua reformulação na tradução é efêmera, um acontecimento e uma experiência. Walter Benjamin diz no texto desvelado por Derrida:

Pois na sua pervivência [...] (que não mereceria tal nome, se não fosse transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica. Existe uma maturação póstuma mesmo das palavras que já se fixaram: o que à época do autor pode ter obedecido a uma tendência de sua linguagem poética, poderá mais tarde esgotar-se; tendências implícitas podem surgir como novas da forma criada. (BENJAMIN, 2011, p.211)

Sabe-se que uma tradução pode revelar aspectos encobertos, mas o tempo e a língua em que ela está inserida renovam suas formas de expressão e, no caso, reformulações tradutórias; as leituras se sobrepõem, outros aspectos e sentidos podem se reconfigurar. O movimento da língua dá-se com os falantes fazendo uso do idioma, colocando em circulação novas formas, enquanto abandonam outras, por isso a mesma obra pode, e deve, ser traduzida várias vezes num mesmo idioma.

3. *Punica*, de Sílio Itálico: contexto, texto e tradução

3.1 A literatura flaviana: breve apresentação.

O escritor de *Punica*, poema épico em que são narrados os eventos ocorridos na Segunda Guerra Púnica, maior embate entre Roma e Cartago, Sílio Itálico (*Silius Italicus*, 26-101 d.C), nascido em família privilegiada, teve educação retórica e bilíngue, latim e grego, como era costume em Roma, foi um dos últimos autores de renome da literatura romana antiga, ao lado de Valério Flaco e Estácio. Na dinastia júlio-claudiana foi político e orador, sendo, no período de Nero, apontado como delator, prática tida como comum a quem desejasse ser parte do círculo do imperador. Foi nomeado cônsul no ano 68. Mais tarde, já na era flaviana, foi procônsul sob o governo de Vespasiano, em 77, na Ásia. Em 95, retira-se da vida pública para viver numa propriedade afastada. Iniciou sua obra em cerca de 88, já na idade madura. Faleceu por inanição voluntária, atitude ligada à filosofia estoica, diante de uma doença incurável.

O abastado e pródigo autor era cultor das artes e colecionador de livros, pinturas, esculturas e imóveis. Adquiriu propriedades que pertenceram a Cícero e Virgílio, deste, inclusive, conservou o túmulo. Era devoto do poeta mantuano e celebrava a data de nascimento dele com grande solenidade.

A grande maioria dos dados biográficos do autor são retirados de menções de Marcial. Alguns dos *Epigramas* (7,63; 8,66; 9,86) dedicados a Sílio Itálico, sempre laudatórios, ajudam os pesquisadores a calcularem a datação de sua vida e obra. A crítica que tem avaliado o poeta ao longo dos anos considera tais elogios exagerados e comprometidos com o fato de Sílio ter sido um dos patrocinadores de Marcial. Em um dos epigramas este lhe nomeia herdeiro de Virgílio, por exemplo (KENNEY; CLAUSEN, 1990). Por esse motivo, ao longo do tempo, tem se preferido as anotações de Plínio, o Jovem, na ocasião da morte do poeta, que ao escrever a um amigo⁷ fornece alguns dados sobre o autor. A carta denuncia a prática da delação, o que teria arruinado a honra de Sílio, porém na mesma carta alude ao fato de este ser um sobrevivente dos tempos sombrios do imperador Nero; fala ainda das recitações do poeta e de seu círculo erudito em sua vida de *otium*. Quanto à honra maculada de Sílio, podemos pensar que para sobreviver a um governo tirano, como o de Nero, talvez as pessoas praticassem atos não tão honrosos. Escreve ainda uma crítica à obra épica de Sílio, os *Punica*, que

⁷ *Epist.* 3.7

pode ter colaborado para que esses escritos tenham chegado a nós apenas na Idade Média e apenas recentemente sendo objeto de pesquisa nos meios acadêmicos, ofuscada pelos cânones consagrados: *scribebat carmina maiore cura quam ingenio* [...] ⁸, embora seja a maior em extensão que nos foi legada e Sílio haver sido bastante conhecido em seu tempo, H.E. Butler afirma já no século XX, em 1909, que é a maior e pior épica que nos chegou (*apud* VESSEY, 1989, p. 646)).

Neste ponto, essa pequena exposição encontra a questão da recepção cristalizada pelo tempo da literatura latina. Os autores da era de Augusto elevaram a língua latina ao seu ápice e consolidaram a literatura romana, Virgílio, Horácio e Ovídio, entre outros, escreveram textos amplamente reconhecidos como obras primas da literatura ocidental nos mais variados gêneros, desde a elegia à epopeia, num momento em que o império vivia um período de paz e apogeu político e econômico. A *Eneida* de Virgílio, por exemplo, adquiriu *status* de cânone rapidamente entre seus contemporâneos e sobrevive até nossos dias tida como texto maior da língua dos antigos romanos; de não menos prestígio gozam as *Éclogas* e as *Geórgicas*, do mesmo poeta.

Este entendimento, e a parte verdadeira que lhe cabe, elegeram a era augustiniana como a “Era de Ouro” do Império Romano. Nos séculos posteriores, o império entra em declínio, e assim o que seguiu, em termos de produção literária, também foi classificado como parte da chamada “Era de Prata”, ou seja, menos esplendorosa e produtiva e, embora haja muitas críticas à associação do declínio sócio-histórico ao literário, ainda esse dado é atestado por estudiosos como Michael Von Albrecht (1997, p.896). No entanto a palavra declínio não é a melhor escolha para descrever o período, o crítico enfatiza a influência do filelismo dos Adrianos, num período em que a literatura romana não era tão vigorosamente vinculada ao espírito nacionalista e patriótico, típicos da idade de Augusto. Desse modo, devemos relativizar o ponto de vista crítico desse período, pois se não o interpretarmos a partir de suas próprias características, ele sempre será obscurecido pela grandiosidade dos poetas augustanos.

Dessa maneira, parecem-nos bastante lúcidos alguns questionamentos iniciais acerca de tal visão, os leitores contemporâneos ou não da literatura de Roma a partir da Era Cristã, veem com restrições influências exteriores ao que se convencionou chamar

⁸ “Escrevia os poemas mais com zelo que com talento” (tradução nossa)

literatura latina, como se esta pudesse permanecer sempre a mesma com o passar do tempo e com as mudanças históricas e sociais que vivenciou.

Assim a ideia de contaminação e perda da pureza ou clareza linguística relativamente aos cânones supera a valoração de iniciativas muito autorais. Um erudito como Sílio Itálico, ao construir uma extensa épica na qual a sensação de mosaico de referências cultas predomina, o que pode tornar a leitura difícil ou tediosa, por exemplo, já tem sua obra considerada previamente como inacessível e de má qualidade. Atesta essa hipótese, por exemplo, a seguinte afirmação de Vessey: “Sem dúvida, é muito otimista esperar que muitos leitores sintam-se instigados a escrutinar os dezessete livros dos *Punica* em busca de suas melhores passagens. (1989, p.614, tradução nossa). Outro ponto relevante é também alvo da leitura de Vessey, os poetas posteriores a Virgílio, Sêneca, Ovídio e Lucano tiveram que criar suas obras à sombra de seus predecessores “cujas exigências eram, coercitivas e dominantes” (1989, p.614). Se os poetas posteriores foram relegados pelo talento e maestria das composições daqueles, cabe a nós as diversas revisões ainda indispensáveis sobre o legado clássico, seja de autores, obras ou mesmo práticas tradutórias. No caso de Sílio, por exemplo, junto com seus detratores mais recentes convivem também opiniões como as de Álvarez, ao dizer que, ainda que pesem muitas carências, há, nos mais de 12.000 versos do poema, passagens sublimes, e que muitas críticas que recaem sobre Sílio são juízos apriorísticos (2005, p.138)

Com efeito, a partir da visão contemporânea sobre as diferentes e singulares configurações que o Império Romano assumiu ao longo de sua existência, estamos aptos a afirmar que, a partir do séc. I d. C., com a grande comunicação entre todas as regiões que compunham o vasto domínio romano, as diferenças culturais entre elas, lembrando que Roma não as coibiu de terem suas particularidades, trouxeram ao território romano uma grande variedade de estilos e modos de vida.

É natural que isso se reflita na literatura. O nacionalismo extremado e a elocução classicizante vivida no período augustano, por exemplo, já não era a tônica da literatura em língua latina. Se os poemas épicos após Virgílio são vistos como exercícios retóricos ou de rebuscamento estilístico, eles também possibilitaram modos de expressão bastante ricos como o maneirismo de Lucano, por exemplo (VIEIRA, 2011, p. 56), poeta que ainda rompeu com muitas prescrições da tradição épica, sendo inovador, enquanto outros autores se voltavam à imitação dos modelos canônicos.

Ao atestarmos, assim, que muitos poetas passaram por certa indolência da crítica, tentamos nesse trabalho trazer à tona tais questões, a partir de uma leitura a partir do original e da tradução de Sílio Itálico que fugisse ao crivo negativo que ele tem recebido até recentemente. Cumpre notar que estamos cientes da impossibilidade de se poder igualar um autor a outro como Virgílio e outros na grandiosidade criativa, no entanto, se não nos debruçarmos em novas abordagens e novos textos, corremos o risco de tornarmos repetitivos e inócuos os estudos na área da recepção/tradução dos Estudos Clássicos.

De fato, muitos dos imperadores que sucederam Augusto deixaram um legado de maus governos e caprichos pessoais. Nero e Calígula são os mais lembrados quando se fala desse período, porém, alguns imperadores fizeram ou intentaram fazer um bom governo com obras públicas, reorganização de finanças e resolução de conflitos, como o conflito judaico-romano na dinastia Flávia. Domiciano, deste período, terminou a construção do Coliseu e restaurou o Templo de Apolo, por exemplo. Cabe lembrar que tanto Nero quanto Calígula possuíam pretensões artísticas, isso ao menos prova que a arte nunca deixou de ser privilegiada e símbolo de *status*.

Assim, vemos que a literatura de um não breve período deve ser reavaliada, pois, na perspectiva histórica de mais de dois mil anos que nos é permitida, não podemos ser tão passíveis de rotulações, como, por exemplo, os próprios autores antigos, em relação à política e sociedade da época, tomando-os como as únicas matrizes para demarcar e julgar criticamente as manifestações literárias produzidas em determinado período, como tem sido feito até recentemente. Muitas vezes, elas partem de generalizações e simplificações, que fazem parecer que, por um longo período, as obras possuíam as mesmas características. Os autores pós-augustanos sofreram consequências desse tipo de abordagem, tendo sido lidos como decadentes e prolixos.

No texto “Flavian Poetry and its greek past” (2014), Antony Augoustakis mostra que os escritores do período flaviano buscaram se voltar às influências gregas, desde a era arcaica na Grécia ao posterior helenismo, ou seja, percorreram tanto as fontes dos temas e estilos tratados quanto o percurso da própria literatura de língua latina.

Joaquín Alba Álvarez, no estudo que precede sua tradução espanhola da obra completa de Sílio (2005), explana sobre a produção de textos épicos no período. Ao contrário da *Eneida*, que foi escrita para expressar a identidade nacional de Roma no período em que o império alcança seu ápice de poder e influência, atribuindo a Augusto

origem divina e possuindo, assim, uma espécie de justificativa social, os poemas da era flaviana voltavam-se a valores estéticos e literários diferentes. Com isso, houve a percepção de que tais obras estariam distanciadas da realidade e serviam apenas a exercícios retóricos. Acrescenta-se a isso o fato de que eram recitadas nos círculos cultos.

Na épica, o expoente do período pós-augustano foi Lucano, que inovou na forma e tratamento em sua obra de tema histórico com a *Farsália*, com uma estética denominada barroca. A força e talento do sobrinho de Sêneca tiveram grande influência nos escritores de seu tempo e posteriores a ele. Alguns autores voltaram-se para temas mitológicos, como Estácio em sua *Tebaida*, já Sílio Itálico, como Lucano, revisitou a história, mas diferentemente dele sem grandes ousadias que rompessem totalmente com seus predecessores.

Assim, encontramos em Sílio um erudito amante das artes, que não escreveu na juventude e que obviamente o fez com *cura*. Se os cuidados formais careceram de ímpeto criativo e talentoso, por não inovar notoriamente em sua obra, não é motivo para relegarmos o estudo do autor em nossos tempos. Ao contrário, contemporaneamente, o autor tem sido alvo de muitas pesquisas e trabalhos acadêmicos.

No ano de 2005, *Punica* foi lançada em espanhol pela editora Akal na Espanha. Sílio Itálico foi ainda tema de uma conferência na Universidade de Sidnei, na Austrália, em 2011. Em uma resenha na revista *The Classical Review* (2011, p.480) Dietrich, da Universidade Nacional da Austrália, ao apresentar um livro organizado por Augoustakis (*Brill's Companion to Silius Italicus*, 2010) destaca a diversidade de trabalhos sobre Sílio em língua inglesa. Enumera a autora: “Exemplary Epic; Silius Italicus’ *Punica*” (Tipping, 2010); “From Republic to Empire: Scipio Africanus in the *Punica* of Silius Italicus” (MARK, 2005); “In the Image of the Ancestors: Narratives of Kinship in Flavian Epic” (2008) e do próprio Augoustakis, “Motherhood and the Other: Fashioning Female Power in Flavian Epic” (2010). Todos os estudos abordam *Punica* sob os mais diversos aspectos, o que evidencia a importância da épica para a literatura tardia em língua latina. Embora possamos verificar a importância da obra de Sílio, principalmente da crítica em língua inglesa, há relativamente poucos trabalhos sobre esse autor e obra em português. No Brasil, Natividade tem se debruçado sobre diversos aspectos da obra siliana (2005, 2010, 2013) e mais recentemente temos notícias de pesquisas voltadas a sua obra.

Jonh K. Newman em *Epic Classic Tradition*, no capítulo “The Latin Epical after Virgil: Ovidius to Statius”, após lembrar que a crítica da obra de Sílio a considera como a mais intolerável épica que nos foi legada, em seguida enumera qualidades que podem ser encontradas em *Punica*, como o fato de essa obra organizar todas as referências da tradição épica anterior e que tal dado não é, afinal, um feito simples. Sílio, como lemos em Jonh Clark (2009), encontrou uma maneira de colocar em seu poema todos os lugares comuns da tradição: a descrição do escudo do herói, um sonho de alerta ao comandante Aníbal, jogos heroicos, visão dos Infernos e catálogo dos combatentes “He has a hero’s shield, a hero’s dream, a hero’s heroic games, a vision of the places underworld, and a catalogue of combatants” (2009, p.138). O crítico acrescenta que como os outros poetas de seu tempo, Sílio Itálico possuía talento para a descrição (p.140).

O período é também conhecido pela maneirismo de seus expedientes estilísticos e pela multiplicidade intertextual, por tudo isso, consideramos que o movimento de resgate que várias pesquisas têm feito de autores não estudados — e ainda a revisão e novas abordagens dos textos canônicos — promove uma visão mais detalhada e crítica de nossa herança cultural.

3.2 *Punica*, canto III

A mais extensa epopeia do legado romano que chegou até nós possui dezessete cantos. Ofuscada pela primazia dada a autores de predileção moral cristã que se instaurara após a queda do império em meados do séc. V d. C., *Punica* só foi descoberta no Renascimento italiano, no Concílio de Constanza (1471) por Poggio Bracciolini. Após algumas edições, a crítica não se voltou ao texto de forma minuciosa. Sílio Itálico, Estácio e Valério Flaco são os últimos nomes da epopeia latina que nos chegaram; outras obras tidas como menores foram escritas até o século VI de nossa era.

O nascimento da epopeia no mundo ocidental é marcado pela obra monumental do grego Homero. *Ilíada* e *Odisseia* sempre serão os grandes textos originários de nossa tradição literária. Na literatura latina, a primazia é dada à *Eneida* virgiliana e como modelos alternativos à clareza clássica de Virgílio, brilharam Ovídio nas *Metamorfoses* e Lucano com a *Farsália*. Sobre esses autores há inúmeros e exaustivos estudos, porém, ao escolhermos Sílio Itálico como objeto de experimento da reflexão desenvolvida nesse trabalho, percebemos que nosso desejo era olhar para fora do cânone estabelecido,

seguindo o princípio de Derrida da descentralização: não há centro ou periferia, tudo compõe o mundo a que temos acesso, devemos nos propor ler de forma justa nosso legado histórico. Tal pensamento vem ao encontro da leitura que fizemos de Ortega y Gasset que nos convida a traduzir o legado clássico independentemente de uma suposta boa ou má qualidade, simplesmente por existirem antes são inerentes a tudo que construímos posteriormente, conhecê-los é conhecer a nós mesmos.

Desse modo e também pelo crescente interesse nos autores da épica do período flaviano que o ambiente acadêmico vem experimentado, o autor escolhido foi Sílio Itálico e sua monumental *Punica*. Posteriormente, devido à inviabilidade de nos debruçarmos sobre um número de versos que não seria possível transladarmos no exíguo tempo do mestrado além de colocá-los na perspectiva da proposta desconstrutivista que aqui se faz, escolhemos entre os dezessete cantos de Sílio, o canto III.

A Segunda Guerra Púnica foi o maior embate entre romanos e cartagineses, rompendo um tratado de paz, Aníbal Barca travou uma guerra que se prolongou por dezessete anos (218-201 a.C.). Sabemos que Roma construiu um império grandioso devido ao espírito aguerrido e ambicioso de seus governantes, no entanto, a guerra aqui tratada acabou por tornar-se uma ameaça à soberania romana no mar Mediterrâneo pela ousadia destemida do general de Cartago. Aníbal realizou uma façanha jamais vista na antiguidade, atravessou os Alpes com grande número de homens, armamentos e até elefantes, cercando a cidade de Roma por dezessete anos, até sua derrota em Zama.

Como observou Maria H. da Rocha Pereira, o poema não apresenta grandes inovações formais, mesmo a ordem cronológica dos acontecimentos é mantida, ao contrário da *Ilíada* e *Eneida*, por exemplo, que se iniciam *in medias res*. Seguimos aqui a exposição de Álvarez no quadro dos Cantos da obra⁹:

I-II. Origens da guerra, tomada de Sagunto;

III-VI. Vitórias de Aníbal;

VII-X. Batalha de Canas;

XI-XII. A estadia de Aníbal em Cápua;

XIII-XV. Recuperação de Roma;

⁹ Há no final deste trabalho um anexo com um resumo mais detalhado, constante no texto “Aníbal: o guerreiro cartaginês e as *Punicas* de Sílio Itálico” (NATIVIDADE, 2005, pp.59-60)

XVI-XVII. Guerra na Espanha e África. Batalha de Zama.

O tradutor para o espanhol dos 17 livros de *Punica* expõe que assim como a batalha de *Farsália* na obra de Lucano marcaria o ponto central do poema, Sílio valeu-se do mesmo procedimento em relação à batalha de Canas, tal embate é decisivo marcando o fim das vitórias das forças cartaginesas frente ao exército romano, dali em diante Roma recupera forças e a guerra caminha para a derrota de Cartago.

Em uma a leitura descomprometida da obra, já que nosso trabalho não pretende um estudo exaustivo da mesma, o tratamento do personagem Aníbal parece inovador a nossos olhos. O vingador profetizado no Canto IV da *Eneida* (625-9) ganha um espaço notório na obra, embora impelido pelo ódio e fúria, mostra-se uma espécie de anti-herói — usando aqui um termo anacrônico na literatura da época —, inimigo de Roma, no entanto, protagoniza parte do poema, seu escudo é descrito como foram antes os de consagrados heróis, como Eneias e Aquiles, por exemplo.

Ainda que os críticos tendam a ler o poema como exaltação patriótica dos valores romanos na época da guerra, acompanhar a trajetória de Aníbal parece não desmerecer o valor do inimigo. Podemos concluir dessa leitura duas possibilidades de entendimento, por um lado, vencer um inimigo ardoroso elevou ao ápice a glória romana e, por outro, vemos os motivos do inimigo, suas perdas, seus valores. Não cabe cogitar o desejo de ver Cartago vencedora, mas traz o conflito para o nível humano e fatídico, Aníbal é um homem que seguiu seu destino e lutou pela liberdade e poderio de sua pátria. A mágoa de Dido contra Eneias, ganha assim repercussões reais, como havia anunciado Virgílio.

Desse modo, no momento que precedeu à escolha do *corpus* definitivo a ser estudado, notamos que não nos interessávamos pelos primórdios da guerra, mas por um trecho expressivo da narrativa, foi quando chegamos ao Canto III que narra a ingente travessia das montanhas geladas dos Alpes, muito conhecido pela temeridade e valentia de Aníbal. Então, após a leitura atenta do texto em questão, os seus 714 versos mostram uma visão geral do que não agrada a crítica: a reunião de muitos *tópoi* da herança épica num mesmo texto, o mosaico de informações e referências eruditas, descrições geográficas ao gosto do helenismo, a esse respeito afirma Vessey: “Não menos tediosas que tais invenções é a predileção pela informação obscura, os catálogos e a doutrina enciclopédica” (1989, p. 614, tradução nossa). O que parece ter sido cansativo para um público de leitores que, além de conhecer tudo isso, ainda saboreava um dos mais

notáveis episódios da história romana pela conceituada e vigorosa pena de Tito Lívio¹⁰, para nós foi um convite aceito.

Se nossa recepção é exercício retórico das teorias das abordagens literárias, porque se omitir diante de um episódio que foi justamente um elaborado exercício da linguagem, num período em que a poesia épica não representava mais os ideais de outrora? Se Sílio, como descreve Vessey, não mereceu atenção para a *imitatio* após ele e sim despertou o interesse de filólogos, decidimos retomá-lo com os olhos contemporâneos de também filólogos, mas prioritariamente de leitores privilegiados pelo distanciamento temporal.

O texto não está mais comprometido com a tradição em que se inseria, é obra que se dispõe a ser estudada por si, artefato de linguagem, sobrevida da literatura da qual somos herdeiros, mas atitudes tradicionais não podem limitar nosso acesso a ela. Dessa forma, seu contexto de produção deve nos interessar menos que a tarefa de leitura tradutória que nos dispomos a fazer em sua sobrevida.

Como dito acima, o Canto III narra a travessia de Aníbal Barca e seus aliados em uma estratégia de guerra cuja fama perdura até nossos dias. O episódio inicia-se após o cerco de Sagunto, quando as tropas dirigem-se à Cádiz, na costa da Espanha. Dali, um mensageiro é enviado para consultar o oráculo de Ámon e o templo é descrito em detalhes, assim como os ritos de adoração e os trabalhos de Hércules que adornavam o pórtico do templo. Notemos que ainda que a sequência seja descritiva, as glórias do herói protetor da destruída Sagunto são lembradas, Aníbal não tinha ciência, mas já trilhava um caminho perigoso de atos temerários que desembocariam em sua derrota.

Depois, o movimento da maré que dali se observava é descrito como fenômeno maravilhoso aos olhos de Aníbal, já que não acontecia no mar mediterrâneo, ele se encontra agora costa do oceano atlântico. Nereu, as ninfas, a esposa do Oceano e a Lua são citados na cena. É recorrente a inserção dos motivos mitológicos e/ ou lendários nas descrições de Sílio. Após a maré há a cena da despedida dos esposos, com longas falas de Aníbal e sua esposa Imilce. O poeta, como citamos antes, está em constante diálogo com os autores anteriores de cenas tradicionais das epopeias, o que evidentemente poderia proporcionar inúmeros comentários sobre as relações de Sílio Itálico com as épicas e autores greco-romanos antecedentes a ele. Neste canto temos, por exemplo, a despedida dos esposos, que ocorre com frequência nas histórias heroicas (Heitor e

¹⁰ *Ab urbe condita* (XXI-XXX).

Andrômaca, na *Ilíada*; Eneias e Creúza, na *Eneida*; Pompeu e Márcia na *Farsália*); temos ainda marcas do estilo ovidiano na digressão que conta a história da ninfa Pirene, que deu nome aos Pirineus; além da consulta oracular, um aviso de Júpiter que envia Mercúrio ao sonho de Aníbal, para alertar o general nos cuidados da guerra; catálogo dos guerreiros; uma conversa entre Júpiter e Vênus, nos moldes da *Eneida* e *Ilíada*.

Sílio intercala o catálogo dos inúmeros povos de diversas regiões que compunham a brigada cartaginesa com as dificuldades da travessia dos montes gélidos, assim a narrativa caminha junto com a jornada, quando alterna os catálogos, sabemos que o exército está avançando, os combatentes são tantos quanto as dificuldades do caminho.

Nos versos finais temos Vênus sendo apaziguada por Júpiter quanto à sorte futura de Roma; e, tendo transposto os Alpes, já acampado na Gália, o exército recebe Bóstar que conta sua viagem ao local do templo de Ámon e conta os auspícios favoráveis, inflamando as hostes.

Devemos alertar que o canto descreve uma infinidade de povos, líderes, regiões e cidades antigas, além de inúmeros costumes de cada um dos contingentes aliados de Cartago. Além disso, Sílio é repleto de referências a outros textos, principalmente à obra de Virgílio, a qual era grandemente admirada por ele. As reminiscências virgilianas estão por toda parte, destacamos os versos 287-91/ 380-81 que aludem ao *Geórgicas*, entre muitas outras passagens. É clara também a influência ovidiana nas inúmeras digressões, especificamente quando o poeta relata a origem do nome dos Pirineus nos versos 420-40. Um estudo minucioso que se debruce apenas no levantamento das heranças e homenagens a poetas anteriores a Sílio seria também produtivo.

Assim, esse são os fatos descritos no canto eleito. Em dado momento, nesse ligeiro percurso do mestrado, percebemos que não seria possível explorar todas as nuances possíveis do texto siliano. Ao lado da reflexão teórica, apresentamos uma experiência tradutória que coadunasse com nossa linha de ideias, objetivo dessa dissertação. No entanto, afirmamos categoricamente que a obra de Sílio faz jus a leituras mais significativas e profundas, mostra-se aberta para estudos em tradução e em língua e literatura latina. Como muitos dos autores lidos alertaram: que nossas pesquisas e críticas deixem de reduplicar-se na tradição que se resguarda do novo — seja este representado por autores, práticas e/ou textos. É com essa expectativa que nos entregamos ao experimento tradutório desse controverso exemplar épico.

3.3. Traduzir *Punica III*: artes e artifícios.

A reflexão teórica que desenvolvemos até aqui é a base da tradução que acompanha este trabalho. Temos em mente que a denominação tradução leva a um entendimento tradicional dessa atividade, ou seja, mera transferência de conteúdos de uma língua a outra, no entanto, a nosso ver, o texto traduzido é, sobretudo, uma experiência de linguagem, pois esse trabalho constitui uma reflexão baseada nas ideias desconstrutivistas e, com isso, acaba por atingir a questão, ainda que negada, ou negativamente criticada, da facilidade de leitura. O papel do leitor, visto que somos todos leitores e esse lugar possui seu valor, nunca deixa de ser o grande destaque em análises de traduções.

O crítico de tradução, muitas vezes não tradutor ou escritor, deixa-se influenciar pelo seu próprio gosto e visão de literatura, por esse motivo, os tradutores acabam por se colocarem num espaço de aceitabilidade e de compreensão ao leitor médio. Como já citamos anteriormente, no primeiro capítulo, Derrida nos alerta que a crítica literária acaba, por ser um comentário reduplicante, tornando-se um fechamento da leitura enquanto deveria ser aberta a múltiplas possibilidades. Lembremos aqui que falamos de literatura, ou seja, um objeto inapreensível, ou, melhor ainda, um não-objeto, um Ser que se edifica na subjetividade do leitor, assim, fechar a leitura literária em formas pré-concebidas é cercear sua própria natureza. Tal argumento também se aplica às traduções do universo literário.

Desse modo, a desejável facilidade de leitura e compreensão pode ter limitado muitos tradutores a aplicar em seus textos algo não esperado, aceito ou entendido pelo seu leitor. Nosso grande contra-exemplo desse tácito ideário tradutório, são as traduções de textos gregos e latinos de Odorico Mendes no século XIX, as quais, mesmo tendo sido bem recebidas por seus contemporâneos¹¹, chegaram a nós carregadas de críticas negativas da época, condenadas durante anos como exemplares mais difíceis que seus textos de partida e sem uma revisão crítica, o que atesta que, se o tradutor não se coloca como facilitador, quase sempre sua tradução é tida como não eficiente, se a chamamos de criativa, o senso comum parece considerar que essa ideia incute que o texto sofreu uma transformação aleatória.

¹¹ VIEIRA em seu artigo de 2010, na revista *Phaos*, “Recepção de Odorico Mendes no séc. XIX”, relata a leitura e crítica feitas das traduções odoricanas pelos leitores da época.

No texto “A voz e o fenômeno”, Derrida opõe duas posições. A de Kant, para quem o conhecimento não pertence ao objeto, ele é criado na relação entre os dois, e a de Husserl para quem a relação entre sujeito e objeto é que cria o conhecimento, propondo a volta às coisas mesmas no processo de conhecimento, a revelação do objeto em si, autônomo. Precisamos notar que esta visão já pressupõe um exercício intelectual ao qual não estamos acostumados. Assim como notamos em Benjamin, não destinar a tradução ao leitor é diferente de lançá-la num abismo inalcançável, o tradutor opera com a possibilidade de o receptor ter acesso a ferramentas para entendê-lo. Odorico ousou em sua época, mas deveria supor que literatos, estudantes ou interessados, teriam acesso tanto ao texto de partida quanto a traduções em outras línguas; no entanto isso para um Brasil ainda intelectualmente acanhado e conservador soou como uma barreira intransponível.

O fato de novas pesquisas, revisões de traduções¹² e trabalhos críticos sobre diversos tradutores estarem sendo feitos em nosso país, aponta a necessidade de nos apropriarmos de novas abordagens, de superarmos toda questão canônica, tradicional e logocêntrica da intocabilidade dos textos (FURLAN, 2013). Este gesto de revisão é particularmente importante nos Estudos Clássicos, devido à tradição que outorgou aos estudos de línguas clássicas um terreno sensível demais para ser revisto. A sobrevida como língua de cultura, no caso da língua latina, por mais de dois mil anos ainda influencia o tratamento diferenciado quando se trata da antiguidade greco-romana. É para fora dessa redoma que nosso olhar se lança. Aceitarmos que não podemos recuperar muito além da letra latina, da escritura; mas que, por outro lado, podemos reconfigurar a fala que morreu na escritura num contexto diverso e irrecuperável, e, por este motivo, nesta nova circunstância ela significa diferente, é outro texto, um novo original.

Antes já mencionamos que a ordem do significado é anterior à do significante, como vimos em Derrida. No caso do texto literário da Roma Antiga, o que certo texto realmente significou em sua época não é apenas anterior, é irrecuperável. Mesmo com todas as ferramentas interdisciplinares que possuímos — história, arqueologia, acervo crítico — o significado e a forma como foi recebida pelos contemporâneos do texto pouco pode ser resgatada.

¹² Há um grupo de pesquisa na UNICAMP que revisa a obra de Odorico Mendes, por exemplo. E dessas revisões novos conceitos surgem para os pesquisadores e leitores.

Pelos motivos aqui elencados, dentre outros, nossas traduções muitas vezes têm sido exercícios de eruditos que desejam compartilhar certo autor de preferência ou canônico, observemos que isto não é necessariamente negativo, contudo são tempos de necessárias inovações no que tange ao tratamento de textos, autores e crítica dos textos antigos.

Há um consenso de que o original é a causa da tradução, mas vimos, no capítulo dois, que este é o efeito da tradução, ela é causa do que chamamos original. Assim, quando encerramos a teoria e a prática num horizonte devemos recordar que "o horizonte do saber absoluto é o apagamento da escritura no logos" (DERRIDA, 2003, p.32), assim a abertura a novas formas de escrituras nas traduções pode desconstruir a verdade atribuída ao logos e construir novos experimentos tradutórios. Com isso, o desejo não é a destruição da tradição, mas a incorporação nela do movimento de autonomia que o tradutor deve ter resguardado, garantindo sua autoria e visibilidade.

Nesse sentido, ainda que a norma pertença à cultura, nosso trabalho seria inócuo se fosse apenas repetição. É nosso dever de pesquisadores refletir acerca de nossa própria cultura e dogmas. A expansão do pensamento humano ainda não conhece limites, nosso tempo histórico e subjetivo adicionados à nossa reflexão da linguagem pela própria linguagem nos estimula para que avancemos em buscas de conhecimento para adicionarmos ao já conhecido e, assim, expandir o espírito intelectual humano em direções sempre latentes de novas experiências.

É da tarefa de leitura, repetimos, vista como um exercício de abertura e não fechamento, que se origina uma tradução. O quanto de aceitação ou repúdio que uma tradução pautada em tais princípios pode receber não deverá ser fator de influência, pois cada novo exercício altera a percepção de quem o faz e de quem tem contato com tal texto.

Ainda que o estranhamento de novas formas de traduzir seja inevitável, ele não deve ser o objetivo único da tradução, soar estranho não é um fim em si mesmo. Estranho é algo desconhecido e o que se pretende é marcar diferenças, aquele texto primeiro no tempo, agora um original, não pode ser ele mesmo, mas também não é possível a tradução ser definitiva; a partir do nascimento do original, há infinitas impossibilidades de uma tradução, também inédita, vir à luz.

A lição do mito de Babel, retomado por Derrida, é a desestabilização do que o homem pensava possuir, a unidade se desfaz e os fragmentos agora são peças de encaixe com os quais trabalhamos. Não é possível o acesso absoluto à língua original, à

plenitude do texto original, no caso da obra de Sílio Itálico, tal plenitude torna-se mais limitada pelas críticas/leituras negativas, como lemos no capítulo seis. A despeito disso o texto existe/resiste e está passível de novas leituras, como aqui ensaiamos realizar.

A tradição teórica nas ciências humanas no último século se construiu a partir da lição estruturalista de Ferdinand de Saussure. Seu *Curso de Linguística Geral* fez com que as dicotomias servissem de baliza para a organização do pensamento crítico e teórico. Não é nossa intenção revisar tal obra, nosso objetivo é retomar o pensamento de Saussure no momento em que afirma que a língua exprime ideias num sistema funcional que gera valor nas oposições, afirma também que há algo como um dicionário e uma gramática no intelecto de cada falante. Partindo desse princípio geral da teoria saussuriana, e adicionando o que ele diz sobre a imagem acústica ser uma impressão psíquica, de maneira óbvia, percebemos que o estudioso propôs o entendimento da língua muito além do estudo gráfico. Aqui tentamos visualizar o quanto a dicotomia definidora para o signo linguístico — significante/significado — é passível de diversas abordagens inserindo novas perspectivas. Ademais, quando se constrói um juízo sobre a língua, o primeiro dado a ser lembrado é de que ela é virtual e de que o sentido que se quer expresso é uma representação mental. É razoável depreender disso que esse sistema carrega mais subjetividade do que comumente atribuímos a todo processo da comunicação linguística, da escrita e da leitura.

No capítulo V do *Curso*, são explicadas como funcionam as relações sintagmáticas e as relações associativas, tal parte é de especial interesse para esse trabalho, por enxergarmos ali uma possível flexibilidade na construção tradicional do sintagma lógico-discursivo, gramatical e logocêntrica do significado ou conteúdo expresso apreendido. Lemos na página 143: “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.” (SAUSSURE, 2003)

O que se pretende demonstrar em nossa tradução é justamente essa capacidade que o falante tem de resgatar também pela ausência de termos e expressões o significado de uma frase, de uma fala, é a língua em movimento deixando-se moldar em uma experiência consciente dos questionamentos que pode ocasionar. A experiência é um estudo em demonstração, não um fim em si mesmo. Desse modo, aqui a tradução, já e sempre experiência, exercita-se em um movimento que tira um possível leitor do seu contato estável, e quase inconsciente, com a língua para colocá-lo em um estado de

vigilância, pois, o que ele não lê expressamente, deve ser evocado *in absentia*, a partir do sistema que porta em sua mente e das relações que a escrita estabelece também com os elementos ausentes.

Para esclarecer esse viés do nosso pensamento, trazemos à reflexão um texto do poeta crítico Augusto de Campos “A moeda concreta da fala”, no qual ele se utiliza dos pensamentos de Susanne K. Langer, filósofa da arte e de Edward Sapir, renomado linguista, para elucidar alguns pontos sobre a linguagem da poesia concreta. Tal manifestação da poesia nos interessa aqui por produzir além dos textos poéticos uma seara crítica que muito contribui para os estudos sobre linguagem, poesia e tradução.

Augusto discorre sobre a questão da comunicação na poesia e como essa comunicação estabelece-se de forma diferenciada em relação à “linguagem em seu uso literal” — conceito de Langer —, ou seja, o discurso não artístico. Partindo do ponto de vista que a característica de uma obra de arte não é comunicar, ao menos, na visão corriqueira que temos da comunicação: um conteúdo do mundo real que adquirimos através das “formas de cogitação racional”; assim, partindo de tal pressuposto Augusto continua elencando os pontos pensados por Langer: a poesia é um discurso simbólico cujo material é a linguagem, porém, “o que é criado é uma aparição composta e ordenada de uma nova experiência humana” (LANGER, *apud* CAMPOS, p.111). Nesse sentido, queremos granjear para a tradução também o *status* senão de arte, ao menos de artifício de linguagem, experiência inédita que se organiza em palavras. Muito inapropriado seria aqui nos autodenominarmos artistas, mas a alcunha de artesãos muito nos cabe e interessa.

Além disso, Campos para esclarecer como funciona o caráter simbólico da linguagem na literatura ainda reafirma Langer para dissociar o idioma poético também não é um discurso embelezado, afirmação muitas vezes equivocada proferida pelo senso comum, embora possa expressar “efeito artístico” com vistas ao belo.¹³ Aqui o ponto crucial é o alerta de que a linguagem do poema não funciona no mesmo nível semântico do discurso, embora os dois façam uso da língua como matéria-prima (CAMPOS, 2006, p.112). O autor ainda argumenta sobre a natureza de rompimento com a clausura da linguagem comum que o poema sempre intenta realizar, rompimento que visa à renovação, reiterando a nova experiência humana, tal como proferiu Susanne K. Langer.

¹³ Não é objeto da presente discussão indagar o que é o belo na arte, mas cumpre notar que tal conceito há muito ultrapassou a visão singela das formas agradáveis, seja em tema, seja em forma.

Para concluir sua exposição, Campos recorda o pensamento de Edward Sapir quando este afirmou que o uso pode ter efeito tirano sobre a linguagem, empalidecendo sua vivacidade, ou, tornando-a “um sistema de formas das quais terá desaparecido toda coloração vital e que só persistirão por inércia” (CAMPOS, 2006, p.113), o esforço dos poetas é, portanto, não permitir que a língua torne-se material pálido ou mecânico.

Essa exposição de Campos em seu texto a respeito da linguagem, a qual se vale de Langer e Sapir, vem ao encontro do que procurávamos elucidar em Saussure sobre as relações associativas *in absentia*, nosso domínio sobre a língua é virtual, nossa capacidade de associações supera o mero enunciado de um sintagma padrão da língua constituído por substantivos, verbos, objetos e seus termos acessórios. Nossas perguntas são: “O que faz um enunciado entendido, o que é excesso em nossa linguagem? Campos responde essa questão no texto, usando argumentos de Sapir, do funcionamento econômico da língua chinesa frente às línguas indo-europeias e às traduções de poemas chineses para tais línguas – ele fala de traduções para o inglês (p.117 e ss).

Desse modo, nosso objetivo na presente tradução foi experimentar com o equilíbrio da nossa costumeira estabilidade logocêntrica em um texto que tem como característica ser narrativo, a epopeia. O romance, a literatura em prosa, veio a ser tido como sucessor direto da poesia épica. Espera-se, assim nas traduções que ela associe-se mais com a linguagem da prosa do que com a desestabilidade peculiar do caráter econômico da língua, como vemos no poema. Desse modo, o expediente utilizado- qual seja, desvincular-se do caráter linear da narração- tem por objetivo reforçar a qualidade de estrangeiro do texto, ele não foi e não será escrito, via tradução, em nossa língua; nosso maior empenho é que esse fato seja lembrado e não olvidado em construções que o aclimatem ao português brasileiro. Tal experiência não pretende romper ou legitimar-se como resposta ao uso prosaico da língua em traduções, buscamos aqui pensar em como colocar em funcionamento um texto que resgatasse, sempre que possível, apenas os elementos essenciais para o entendimento de seu conteúdo, os quais, em última instância são os que possibilitam a tradução. Assim, novamente fazemos uso das palavras de Edward Sapir citadas por Campos em “A moeda concreta da fala”:

Quais são os conceitos absolutamente indispensáveis da fala, os conceitos que devem ser expressos se se quer que a linguagem seja um meio satisfatório de comunicação? É evidente, por princípio, que necessitamos ter um bom sortimento de conceitos básicos ou radicais, a moeda concreta da fala. [...] Nenhuma proposição, por muito abstrata que seja em sua finalidade, é

humanamente possível se não se vincula, por um ou mais pontos, ao mundo concreto dos sentidos.
(SAPIR, apud CAMPOS, ANO, p.119)

E mais à frente:

Nenhuma língua desconhece por completo por completo a distinção entre substantivo e verbo, ainda que em certos casos particulares seja difícil captar a natureza da distinção. Com as demais partes da oração não sucede o mesmo, NENHUMA DELAS É INDISPENSÁVEL PARA A VIDA DA LINGUAGEM.”
(SAPIR, apud CAMPOS, ANO, p. 119, destaque do autor)

No texto “Força e significação” de *A escritura e a diferença*, Jacques Derrida questiona o predomínio da crítica estruturalista — neste acaso a literária —, ela é repensada pelo autor mais que “consciência pura e simples como pensamento do passado, isto é, do fato em geral. Reflexão sobre o realizado, o constituído, o *construído*.” (DERRIDA, 2014, p. 04) nos interessa, pois, ao explicar sobre como ocorre a significação na literatura e ao analisar a obra *Forme et signification, essai sur les structures littéraires de Corneille à Claudel*, de Jean Rousset, que problematiza o estruturalismo como abordagem crítica, opera uma reflexão sobre nossas práticas de crítica e tradução.

O que Derrida novamente nos lembra é de que a crítica “mesmo se for totalidade da forma e do sentido, pois então se trata do sentido repensado na forma, e a estrutura é a unidade *formal* da forma e do sentido” (DERRIDA, 2014, p.05), no entanto, o autor alerta que este exercício já é pré-idealizado pelo escritor, em tal análise haveria assim algo de cerimonioso e determinante. No entanto, mesmo o autor de determinada obra não pode cerrar a leitura do sentido de sua obra, pois nisto reside a beleza artística.

Deve-se esclarecer que Derrida considera a importância dessa linha crítica, porém, alerta para os “valores modernos sem dúvida, mas já tradicionais a ponto de se tornar o lugar-comum da crítica, e, portanto suscetíveis de reflexão e desconfiança.” (DERRIDA, 2014, p.07).

Para nós, a aplicação dessa reflexão e desconfiança em nossa tradução visa ao entendimento de que uma obra antiga, embora se suceda em inúmeras traduções que acabam por se tornarem tradicionais, compreendemos que para vivificá-la não podemos apenas realizar uma tradução que a torne apenas passiva de entendimento, mas sim, restaurar sua força em movimento, o jogo da alternância e diferença que particulariza uma obra e uma tradução diante das suas sucessivas traduções, como uma tentativa que talvez já carregue em si a frustração de estar-por-ser, sendo entrelugar, pois a linguagem

em movimento jamais cessa de significar, de ser uma promessa de acabamento, o texto traduzido faz com que esse movimento seja amplificado ao estar sempre sujeito a novos entendimentos no ato tradutório e em sua leitura.

Assim, o distanciamento temporal deve enriquecer e possibilitar maior amadurecimento e liberdade nas leituras tradutórias que fazemos dos textos, visto que a análise do texto, que não pretenda enclausurá-lo, coloca-o no jogo que se constrói entre língua de partida, texto original, tempo, conhecimento das diversas abordagens literárias e tradutórias de nossa tradição, tradutor/leitor e, resultante disso, a proposta de uma tradução. Sendo assim, por meio de todos esses elementos é que o texto tenta recompor-se em significado.

Por fim, nesse pensamento introdutório que antecede a tradução proposta para o canto escolhido de Sílio Itálico, depois de evidenciarmos nossa perspectiva para a tradução de textos literários nessa dissertação, particularmente nos Estudos Clássicos, desejamos encerrar esse capítulo com uma leitura do ensaio “Miséria e esplendor da tradução” (1937), do filósofo espanhol José Ortega Y Gasset (1883-1955). É importante dizer que este texto é escrito de forma diversa da tradicional, em que geralmente os conceitos são apresentados em seu positivismo sem serem questionados, nele o autor encena uma fala para professores do Collège de France.

As perguntas, observações e intervenções dos ouvintes — Senhor X; Jean Baruzi, um professor de história da arte, um filólogo e um sociólogo — representam a voz do senso comum, difundida nas diversas áreas das ciências humanas, e também a resistência dessas vozes em aceitar outro discurso que não se filie passivamente ao pensamento tradicional. Desse modo, o modelo dialético de texto, permite apresentar simultaneamente os pontos que sua fala pretende rever e o que de original ao pensamento sobre tradução o autor oferece.

Assim, o texto inicia-se pela indagação sobre a traduzibilidade ou não de certos escritores, questão que permeia os estudos e prática da tradução. Em seguida, o autor trata do infortúnio dos feitos humanos: “Ocupa-se em conhecer, sem conseguir conhecer nada plenamente” e “Traduzir não é, irremediavelmente, um afã utópico?” (ORTEGA Y GASSET, 2013, p. 05), lembrando-nos não de nossas impossibilidades, mas sim das limitações próprias do homem, a inviabilidade da apreensão da totalidade e da compreensão absoluta: “quero sugerir que nenhuma dessas coisas são realizáveis, que são por si próprias impossíveis, que ficam numa mera pretensão, projeto vão e tentativa inválida” (ORTEGA Y GASSET, 2013, p.06).

Em seguida, somos lembrados de que escrever bem “É um ato permanente de rebeldia contra o entorno social, uma subversão” (ORTEGA Y GASSET, 2013, p.07), ou seja, uma violação da língua usual: a escrita literária retira a palavra de seu lugar comum e o eleva à arte, lugar em que será regido pela força criativa, assumindo posição inapreensível em sua plenitude no jogo textual, e a pergunta é: “O que fará com o texto rebelde?” (p.08), considerando que aprisioná-lo na gramática normativa é submeter-se ao *traduttore, traditore*, inquietação dos tradutores de todas as épocas.

Mais adiante no texto, depois de especificar algumas características da tradução de textos técnicos ou científicos, não literários, Gasset discorre pelo que denomina “os dois utopismos”:

O mau utopista pensa que, *dado* que é desejável, é possível, e disso a acreditar que é fácil não há mais que um passo. Assim persuadido, não questionará muito sobre como se deve traduzir, mas, sem rodeios, começará a tarefa. Eis o motivo por que quase todas as traduções feitas até agora são ruins. O bom utopista, por outro lado, pensa que, *dado* que seria desejável libertar os homens da distância imposta pelas línguas, não existe probabilidade de que possa ser alcançado; portanto, que somente cabe tentar em medida aproximada. Mas esta aproximação pode ser maior ou menor..., até o infinito, e isso abre, ante nosso esforço, uma atuação sem limites, em que sempre cabe melhora, superação, aperfeiçoamento; em suma: ‘progresso’. Em tarefas deste tipo consiste toda a existência humana”. (ORTEGA Y GASSET, 2013, pp.17-8, grifos do autor)

Com isso, o filósofo não diz que as traduções não devem ser feitas, sua afirmação apenas nos recorda da impossibilidade de alcançarmos o infinito que é um texto literário em outra língua – e aqui se assinala ainda mais dificultosa tarefa de lidar com textos que além de tempo carregam certa gravidade juntamente com suspeita, por não haver falantes que o atestem ou falem muito sobre ele naquilo que a crítica literária deveria fazer: lendo-o e desdobrando-o, ao menos, almejando decifrar e esgotar seus recursos e efeitos. Diante disso, a incumbência da tradução faz-se ainda mais paradoxal e nos valendo ainda dos argumentos de Gasset, quando diz que a tarefa do intelectual é chamar a atenção do paradoxo, pois *doxa* refere-se ao senso comum e a tarefa de quem se dedica a analisar percursos de pensamentos e práticas no campo intelectual deve buscar fugir a esse estreitamento que acaba por sofrer tudo que é tradicionalmente aceito (ORTEGA Y GASSET, 2013, p. 23).

Da mesma forma, nos Estudos Clássicos, cada tradução é menos uma oferta definitiva ou pretensão de acabamento e mais uma questão colocada àqueles aptos a

responderem ou questioná-la, se assim o quiserem. Nossa tarefa é revivificar, trazer à luz, refletir e incentivar novas abordagens, não apenas pela monotonia atribuída a práticas cristalizadas, mas também pela carga que as línguas antigas carregam de serem imutáveis. Este é um fato verdadeiro, mas a recepção dos textos dessa língua está em movimento, assim como as teorias que buscam embasá-la.

Para enfatizar a impossibilidade de alcançar a completude, o filósofo espanhol nos convida a refletir sobre como falar exatamente o que queremos também é trabalho árduo, senão utopia.

De modo que a língua não somente apresenta dificuldades à expressão de certos pensamentos, mas também estorva a recepção de outros, paralisa nossa inteligência em certas direções.

Não vamos agora entrar nas questões verdadeiramente radicais – e as mais sugestivas! – suscitadas por este enorme fenômeno que é a língua. A meu ver, essas questões não foram ainda sequer percebidas, precisamente pelo fato de o equívoco perpétuo oculto nessa ideia de que a fala nos serve para manifestar nossos pensamentos nos ter cegado para elas (ORTEGA Y GASSET, 2013, p. 27).

Nesse ponto, podemos vislumbrar que o pensamento sobre a tradução e linguagem expresso no texto vem ao encontro da desconstrução que Jacques Derrida lucubrou como alternativa de leitura do mundo mais ampla que a prevista pelo logocentrismo. Na página 34, o autor nos convida a relembrar o valor sagrado que a palavra e o dizer já possuíram, a magia mítica da origem da linguagem que consideramos intrinsecamente ligada ao nascimento da própria Poesia mas que, com o tempo, as metáforas e metonímias poéticas são absorvidas e propagadas pela fala, deixando de serem entendidas literalmente, como acreditamos que outrora o fizeram, dessa maneira Gasset acaba por afirmar que “Nossas línguas são instrumentos anacrônicos. Ao falar somos humildes refêns do passado” (ORTEGA Y GASSET, 2013, p. 38). Desse modo, conseguimos visualizar a clausura dos conceitos que Derrida explica em sua obra, ou seja, a língua está em um movimento impossível de ser alcançado.

A partir desse ponto do texto, Gasset discorre sobre o esplendor da tradução, que seria então e esplendor humano de não se negar às tentativas de resolver os enigmas de nossa existência e cultura. Se, por vã utopia ou por força motivadora, devemos sempre nos dispor para o novo, para o desconhecido. Sendo assim, a tradução é sobre o desconhecido e, talvez, até o inusitado; os temas humanos podem ser limitados, mas não

o é nossa experiência no manejo da linguagem. Propor-se a movimentarmos na linguagem de partida nos textos em que trabalhamos, almejando trazê-la em sua estranheza para a atualidade, nesta consistiria a verdadeira tradução. Assim, o espanhol provoca a reflexão do que era então entendido por tradução¹⁴:

Entende-se esta [a tradução] como uma manipulação mágica em virtude da qual a obra escrita num idioma surge subitamente em outro? Então estamos perdidos. Porque essa transubstanciação é impossível. A tradução não é um dublê do texto original; não é e não deve querer ser a obra mesma com léxico distinto. Eu diria: a tradução nem sequer pertence ao mesmo gênero literário que o texto de partida. Conviria insistir nisto e afirmar que a tradução, é um gênero literário à parte, distinto dos demais, com suas normas e finalidades próprias. Pela simples razão de a tradução não ser a obra, mas um caminho para a obra. Se esta é uma obra poética, a tradução não o é, mas antes um aparato, um *artifício técnico* que nos aproxima daquela sem pretender jamais repeti-la ou substituí-la.
(ORTEGA Y GASSET, 2013, p.40, grifo nosso).

Ainda que nessa frase o feito tradutório seja tido como “artifício técnico”, não consideramos tal expressão pejorativa, a técnica humana não pode prescindir de pensamento criativo e imaginação, notemos aqui um exemplo em que o conceito atribuído à palavra técnica não alcança seu desejo de significar, remetendo a outros conceitos, sinônimos ou complementares, um exemplo da impossibilidade de enclausurar um significado.

Em seguida, na parte final do texto, Gasset nos fala sobre a importância de revisitarmos a antiguidade grega e romana, pois neles remonta nossa origem cultural: “é preciso reabilitar para a leitura toda a antiguidade grecoromana, e para isso é imprescindível uma gigantesca tarefa de nova tradução” (ORTEGA Y GASSET, 2013, p.43).

Cabe notar que o autor nos orienta para uma tradução maciça e abrangente de todos os autores que chegaram até nós, que nos guiemos mais pela identificação de sermos e estarmos na mesma trajetória humana -“bracejaram desesperadamente como nós no perene naufrágio do viver” (p. 43) - do que pela busca de modelos, pois não vivemos mais numa cultura moldada em modelos de obras literárias ou autores. Por esse motivo é que as traduções podem ser variadas, podem trabalhar apenas em um

¹⁴ O texto de José Ortega y Gasset data de 1937. No Brasil, novas visões sobre teorias e práticas tradutórias são vistas com desconfiança e até repreendidas mesmo após quase 80 anos.

determinado aspecto de uma obra: “Porque se antes falei que é impossível a repetição de uma obra e que a tradução é somente um aparato que nos leva a ela, infere-se que um mesmo texto presta-se a diversas traduções” (p.43).

Além disso, Gasset afirma que uma tradução nem sempre prima pela beleza literária enquanto fim, pois “é necessário que o leitor saiba de antemão que ao ler uma tradução não lerá um livro literariamente belo, mas que usará um aparato bastante enfadonho” (p.45) podemos, neste ponto, observar como o conceito de tradução para este escritor já foi superado pela prática dos poetas “transcriadores”, que tiveram o horizonte da criação literária e de sua beleza como fim; porém a tradução que acompanha esse trabalho pretende ser o que Ortega y Gasset proferiu: espaço de estranhamento e contraste entre as línguas, o objetivo é que o leitor menos se deleite e mais reflita, não esquecendo assim que está diante do longínquo, do inalcançável, de um texto escrito há mais de dois mil anos e que jamais poderemos resgatar a impressão exata causada em seus contemporâneos, assim como desejou Eugene Nida formular com o difundido funcionamento da equivalência dinâmica.

Pretendemos assim, colaborar para o novo espaço que a tradução em suas variadas formas e pretensões agora ocupa nas pesquisas acadêmicas, não olvidando nosso recorte limitado pelo tempo, as limitações próprias de uma dissertação e também o pretendido desejo de nos aprofundarmos nas questões aqui estudadas, voltando aos autores e, principalmente, a Jacques Derrida, com maior maturidade e profundidade no entendimento de suas ideias em projetos posteriores, pois, como ele mesmo nos alerta em seus textos, nossa tarefa de leitura é infinda.

O que pretendemos foi investigar como, cientes ou não, anulamos elementos do funcionamento da língua latina – de um texto latino – em contato com outro idioma, em uma tradução. Em nossa trajetória consideramos que a ética da tradução solicita um maior espaço para as idiosincrasias do latim, quais sejam é o que perscrutaremos, e só então é que desconstruiremos a estabilidade da tradução pautada em entendimento da língua como portadora de um conteúdo. A primazia desse conteúdo na tradução é, em nosso ponto de vista, nossa verdade logocêntrica a ser questionada; pois o discurso literário é por natureza instável, é no artefato literário que devemos nos pautar. O diálogo não deve se dar entre a língua latina e a portuguesa, mas sim entre um poema – um recorte de língua – e outro texto que se pretende (re)construído com a sensibilidade responsável da e elasticidade possível em uma língua suscetível a

expansões e, por que não, experimentações, como é o caso do idioma vivo que é o português que fazemos uso.

3.4 Particularidades da tradução apresentada

Diante de uma tradição que prima, na maioria das vezes, pela tradução explicativa quando se trata de textos da língua latina, pois dominar um idioma antigo sempre foi tido como privilégio de alguns, propomos aqui alguns desvios ao que costumeiramente vimos em tais traduções.

O primeiro ponto é concernente ao uso das preposições, artigos e conjunções que não existiam no latim clássico que serão suprimidos sempre que forem dispensáveis ou presumíveis pelo contexto ou pelo conhecimento linguístico do leitor falante da língua portuguesa. Como somos acostumados a ler explicitamente os conteúdos das traduções, a proposta de suprimir elementos pode causar estranhamentos, mas que nos chamam para uma leitura mais vigilante do texto proposto.

A escolha do artifício acima dialoga com nossa visão sobre a forma de narrar na antiguidade (épica) diante da forma contemporânea (romance). Ou seja, enquanto o texto épico era uma manifestação poética em que se narrava uma sucessão de ações heroicas, e que, portanto, seguia as regras da poesia, nas traduções faz-se o uso de elementos da narrativa, como as conjunções aditivas, repetições e explicações que visam encenar o encadeamento das ações e torná-las facilmente memoráveis. Para o leitor moderno, essas características textuais estão relacionadas à construção das narrativas em prosa, seguindo assim regras diferentes da linguagem própria dos poemas, que, grosso modo, guia-se pela concisão e adensamento do significado dos vocábulos considerados mais importantes, de acordo com Sapir, como vimos na página 64, sobretudo os nomes e verbos. Este argumento foi articulado por Augusto de Campos para formular uma teoria para a linguagem da poesia concreta e nos serve de modelo, ainda que nossa experiência esteja em estágio inicial e não se pretenda uma fórmula acabada ou um manifesto, como foi o caso daqueles poetas.

Em alguns pontos, alteramos o tempo e modo dos verbos, visando manter o engendramento poético-semântico que percebemos no texto de partida, em outros, fizemos escolhas diante da pluralidade de possibilidades significativas diante de certos casos e suas declinações.

A manutenção, sempre que possível, da etimologia dos vocábulos foi também importante em nosso trabalho, manter a relação histórica das línguas cria um vínculo material da sobrevivência do latim, ou melhor, um dado que contribui para nos lembrar que estamos diante de um texto originariamente antigo.

As dificuldades tradutórias se manifestaram em inúmeros momentos, pelo que o objetivo inicial de trabalhar todo o texto foi prejudicado.

O Canto III de Sílio Itálico é profundamente imagético. O tema, a travessia temerosa dos Alpes realizada pelos cartagineses e seus aliados, é amalgamado com a linguagem, que se torna bastante difícil em vários trechos que descreve as dificuldades da empresa. Tropeçamos muitas vezes e parte do texto careceu de revisões adequadas em sua finalização. Apenas os primeiros duzentos versos foram exaustivamente estudados e se apresentam da forma que pretendemos inicialmente apresentar todo o texto, o que não foi realizado.

Algumas notas de rodapé ilustram nosso trabalho, que deverá ser retomado assim que possível em futuras etapas de pesquisa.

4. PUNICA III: TEXTO LATINO¹ E TRADUÇÃO

¹ O texto latino segue a cuidadosa edição da coleção francesa *Le belle lettres*.

4. PUNICA III: TEXTO LATINO² E TRADUÇÃO

<i>Postquam rupta fides Tyriis et moenia castae non aequo superum genitore euersa Sagunti, extemplo positos finiti cardine mundi uictor adit populos cognataque limina Gades.</i>	
<i>Nec uatum mentes agitare et praescia corda cessatum super imperio: citus aequore Bostar uela dare et rerum praenoscerere fata iubetur.</i>	5
<i>Prisca fides adytis longo seruatur ab aeuo, qua sublime sedens, Cirrhaeis aemulus antris, inter anhelantis Garamantas corniger Hammon fatidico pandit uenientia saecula luco.</i>	10
<i>Hinc omen coeptis et casus scire futuros ante diem bellique uices nouisse petebat. Exin clauigeri ueneratus numinis aras captiuus onerat donis, quae nuper ab arce</i>	15
<i>uictor fumantis rapuit semusta Sagunti. Vulgatum, nec cassa fides, ab origine fani impositas durare trabes solasque per aeuum condentum nouisse manus. Hinc credere gaudent consedissee deum seniumque repellere templis.</i>	20
<i>Tum, quis fas et honos adyti penetralia nosse, femineos prohibent gressus ac limine curant saetigeros arcere sues; nec discolor ulli ante aras cultus; uelantur corpora lino, et Pelusiaco praefulget stamine uertex.</i>	25
<i>Discinctis mos tura dare atque e lege parentum sacrificam lato uestem distinguere clauo.</i>	

² O texto latino segue a cuidadosa edição da coleção francesa *Le belle lettres*.

Então, rompida a fidelidade pelos tírios, as muralhas destruídas
 — não justo o genitor dos súperos — da casta Sagunto
 aos povos postos no ponto limite do mundo,
 o vencedor logo avança, às fronteiras irmanadas de Cádiz.
 Nem dos vates agitar as mentes e proféticos peitos [05]
 cessa, a respeito do império. Chamado, enviado, aos plainos, Bóstar,
 que dê velas, conheça antes as coisas já fadadas³.
 Prisca fé, desde tempos longínquos, mantém-se nos santuários onde,
 êmulos das grutas de Cirra, em bosque sagrado,
 revela eras vindouras, entre ofegantes garamantes, cornígero Ámon. [10]
 Dali procurava-se saber presságios para os projetos, acasos futuros,
 antes do tempo, da guerra, vicissitudes antever.
 Depois, cobre as aras do venerado nume, clavígero, com os dons cativos que
 há pouco pilhou da chamuscada cidadela, o vencedor. Sagunto fumegava⁴. [15]
 Divulga-se, nem tal fé é vã, que desde a origem do templo
 as vigas colocadas perduram, pelas eras apenas
 conheceram as mãos dos fundadores. Disto, ufanam-se em acreditar
 ter assentado o deus — repelindo a velhice — nos templos⁵. [20]
 Ali, o direito divino e a honra que conhecem os mistérios do ádito,
 proíbem passos femininos, do limiar cuidam de
 afastar os eriçados porcos. Indistintos os trajes ante as aras:
 cobertos os corpos com linho, refulge com o fio de Pelúsio, a frente. [25]
 no sacrifício, a veste distinguir com laticlavo.

³ Nesses primeiros versos omitimos a conjunção *e* (*et*, *-que*) duas vezes e mantivemos uma, visando sintetizar e transmitir agilidade à passagem, que desemboca no envio imediato de um mensageiro para consultar um oráculo. Nos versos 6 e 7, a sequência ordenada entre vírgulas tenta demonstrar a ideia de rapidez do evento que o verbo inicial *cieo* (impelido/incitado) transmite.

⁴ Essa sequência e muitas outras são marcadas pelas inversões sintáticas em português, objetivando marcar a liberdade sintática de que gozavam os casos em latim. No verso 15, omitimos o “enquanto” adverbial (Enquanto Sagunto fumegava) o que resultou numa dubiedade para indicar que Sagunto estava queimando tanto no momento da pilhagem quanto no momento em que o vencedor oferecia os despojos pilhados.

⁵ Aqui foi utilizada a ambiguidade proporcionada pelo morfema *-is* para os nomes neutros. O caso poderia ser locativo, dativo e ablativo. O locativo é um caso mais antigo e como a passagem fala de um templo ancestral, decidimos optar por ele.

*Pes nudus tonsaeque comae castumque cubile.
 inrestita focis seruant altaria flammae.* 30
*Sed nulla effigies simulacraue nota deorum
 maiestate locum et sacro impleuere timore.
 In foribus labor Alcidae: Lernaea recisis
 anguibus hydra iacet, nexuque elisa leonis
 ora Cleonaei patulo caelantur hiatu.*
At Stygius saeuis terrenis latratibus umbras 35
*ianitor, aeterno tum primum tractus ab antro,
 uincla indignatur, metuitque Megaera catenas.
 Iuxta Thraces equi pestisque Erymanthia et altos
 aripedis ramos superantia cornua cerui.*
Nec leuior uinci Libycae telluris alumnus 40
*matre super stratique genus deforme bimembres
 Centauri frontemque minor nunc amnis Acarnan.
 Inter quae fulget sacratis ignibus Oete,
 ingentemque animam rapiunt ad sidera flammae.*
Postquam oculos uaria impleuit uirtutis imago, 45
*mira dehinc cernit: surgentis mole profundi
 inuictum terris subitum mare nullaue circa
 litora et infuso stagnantis aequore campos.
 Nam qua caeruleis Nereus euoluitur antris
 atque imo freta contorquet Neptunia fundo,* 50
*proruptum exundat pelagus, caecosque relaxans
 Oceanus fontis torrentibus ingruit undis.
 Tum uada, ceu saeuo penitus permota tridenti,
 luctantur terris tumefactum imponere pontum.
 Mox remeat gurges tractoque relabitur aestu,* 55

É costume, sem cintos, oferecer incensos e, lei dos ancestrais,
 Nus, os pés; cortados, os cabelos; casta, a cama.
 Inextintos, nas piras, conservam os altares, as chamas.
 Mas, nenhuma efígie ou simulacros de deuses conhecidos [30]
 encham de majestade e sacro temor o local.
 No pórtico, labores de Alcides: de Lerna
 jaz a hidra, junto a serpentes decepadas; estrangulada por uma gravata,
 a face do leão cleoneu, cinzelada com imensa goela.
 O porteiro estígio, que aterroriza as sombras com selvagens ladros, [35]
 pela primeira vez arrancado do eterno antro,
 se enfurece com os grilhões; Megera temia as correntes.
 Ao lado, as trácias éguas; a peste de Erimanto; aos altos
 ramos sobranceiros, os cornos da corça de brônzeos pés.
 Nem mais fácil foi vencido da terra líbia o filho, [40]
 quando sobre a mãe; abatidos os bimembres, disforme descendência,
 centauros; agora um rio menor é a acarnânia fronte.
 Entre as imagens, fulge em sagrados fogos, o Eta,
 à alma grandiosa arrebatam aos astros as chamas.⁶
 Então, satisfeitos os olhos com as várias visões de coragem, [45]
 maravilhas, dali, percebe: a imensidão do mar erguendo-se
 arrasta-se para a terra, de súbito, a maré. Ao redor nenhum
 litoral, os campos submersos pelo espraído mar.
 Por onde Nereu se desdobra em grutas azuis, no derradeiro profundo, [50]
 revira os braços netúnios. Impelido, o pélagos inunda: secretas,
 Oceano abre as fontes, torrenciais ondas rebenta.
 Os baixios, como se compelidos profundamente pelo impetuoso tridente,
 combatem com as terras para impor intumescido mar.
 De pronto, pela maré retornada, retrocede, reflui o sorvedouro, [55]

⁶ Alusão aos seguintes dos doze trabalhos de Hércules: a morte do leão de Nemeia e da hidra de Lerna; o rapto do cão Cérbero (guardião dos Infernos); captura das éguas de Diomedes, que as alimentava com carne humana e do javali de Erimanto; a captura da corça dos pés de bronze; a luta com o gigante Anteu, que quando pisava na Terra sua mãe, renovava as forças; vitória sobre os centauros da Arcádia; a luta com o deus do rio Aqueleoo, que pretendia a mão de Dejanira (os rios personificados possuíam fronte de touro). Hércules morreu em chamas no monte Eta.

*ac ratis erepto campis deserta profundo,
 et fusi transtris expectant aequora nautae.
 Cymothoes ea regna uagae pelagique labores
 Luna mouet, Luna, immissis per caerula bigis,
 fertque refertque fretum, sequiturque reciproca Tethys.* 60
*Haec propere spectata duci; nam multa fatigant.
 Curarum prima exercet, subducere bello
 consortem thalami paruumque sub ubere natum.
 Virgineis iuuenem taedis primoque Hymenaeo
 imbuerat coniunx memorique tenebat amore.* 65
*At puer, obsessae generatus in ore Sagunti,
 bisenos Lunae nondum compleuerat orbis.
 Quos ut seponi stetit et discernere ab armis,
 affatur ductor: "Spes o Carthaginis altae,
 nate, nec Aeneadam leuior metus, amplior, oro,
 sis patrio decore et factis tibi nomina condas,
 quis superes bellator auum; iamque aegra timoris
 Roma tuos numerat lacrimandos matribus annos.
 Ni praesaga meos ludunt praecordia sensus,
 ingens hic terris crescit labor: ora parentis* 75
*agnosco toruaque oculos sub fronte minacis
 uagitumque grauem atque irarum elementa mearum.
 si quis forte deum tantos inciderit actus
 ut nostro abrumpat leto primordia rerum,
 hoc pignus belli, coniunx, seruare labora.* 80
*Cumque datum fari, duc per cunabula nostra;
 tangat Elissaeas palmis puerilibus aras
 et cineri iuret patrio Laurentia bella.
 Inde ubi flore nouo pubescet firmior aetas,
 emicet in Martem et calcato foedere uictor* 85
in Capitolina tumulum mihi uindicet arce.

a barca vazia nos campos, arrebatado o profundo;
os nautas nos bancos de remadores, deitados, esperam o mar.
De Cimótoe os flutuantes reinos e do pélagos os labores,
a Lua volve; Lua, lançando suas bigas pelo cerúleo,
verte, reverte o mar, recíproca segue-a Tétis. [60]

Rápido, essas coisas passam ao comandante, muitas o fatigam.
Inquieta-o as primícias dos cuidados, tirar à guerra
a companheira de leito e o há pouco nascido, ainda nos seios da mãe.
Ao jovem, com as chamas virginais, no primeiro Himeneu,
afeiçoava a esposa, permanecia memorado o amor. [65]

O menino, nascido nas orlas da sitiada Sagunto,
não completara ainda doze órbitas da Lua.
Decidido a apartá-los, das armas separá-los,
fala o comandante : “Esperança de Cartago altiva,
ó filho, não menor inquietação dos enéadas, peço, sejam maior [70]
que a glória paterna, com feitos para ti renome fundes,
com o qual, guerreiro, possas superar ao avô. Já, aflita de temor,
Roma numera os teus, das matronas a lástima, anos.
Não me logram os sentidos pressentimentos interiores,
ingente fadiga aqui nessas terras avulta: o vulto do pai [75]
reconheço, na fronte séria já olhos de ameaça,
teu choro grave — rudimentos do meu rancor.
Se, porventura, algum dos deuses incidir em tantos feitos,
com nossa morte interromper os primórdios dos conflitos,
este penhor da guerra, esposa, labore para conservar. [80]

Quando ele dominar a fala, digo-te, conduza-o pelas nossas origens,
que toque com as mãos pueris os altares de Elissa,
às cinzas pátrias jure laurentinas guerras.
Assim, quando mais forte a flor da idade pubescer-lhe nova,
viceje na guerra, pisados os tratados, invicto, [85]
no alto cume capitolino reinvidique um mausoléu para mim.

*Tu uero, tanti felix quam gloria partus
 expectat, ueneranda fide, discede periclis
 incerti Martis durosque relinque labores.* 90
*nos clausae niuibus rupes suppostaque caelo
 saxa manent; nos Alcidae mirante nouerca
 sudatus labor et, bellis labor acrior, Alpes.
 Quod si promissum uertat Fortuna fauorem
 laeuaque sit coeptis, te longa stare senecta
 aeuumque extendisse uelim; tua iustior aetas,* 95
ultra me improperae ducant cui fila sorores”.
*Sic ille. At contra Cirrhaei sanguis Imilce
 Castalii, quae materno de nomine dicta
 Castulo Phoebai seruat cognomina uatis
 aequae ex sacrata repetebat stirpe parentes.* 100
*tempore quo Bacchus populos domitabat Hiberos
 concutiens thyrsos atque armata Maenade Calpen,
 lasciuo genitus Satyro nymphaque Myrice
 Milichus indigenis late regnarat in oris
 cornigeram attollens genitoris imagine frontem.* 105
*Hinc patriam clarumque genus referebat Imilce,
 barbarica paulum uitiatum nomine lingua.
 Quae tunc sic lacrimis sensim manantibus infit:
 “Mene, oblite tua nostram pendere salute,
 abnuis inceptis comitem? Sic foedera nota
 primitiaeque tori, gelidos ut scandere tecum
 deficiam montis coniunx tua? Crede uigori
 femineo; castum haud superat labor ullus amorem.
 Sin solo aspiciamur sexu, fixumque relinqui,
 cedo equidem nec fata moror; deus annuat, oro:* 115
i felix, i numinibus uotisque secundis

Tu, veramente, de tal rebento a glória venturosa,
 espere, veneranda pela fidelidade, fuge dos perigos
 do incerto Marte, afasta-te dos duros labores.

Picos enclausurados pela neve, escarpas sobrepostas no céu [90]
 nos esperam, do Alcida — a madrasta admirou-se —
 a suada labuta, mais árdua labuta que guerras, os Alpes⁷.
 Caso o prometido favor inverta a Fortuna,
 adversa nas empreitas, desejo que te mantendas em velhice prolongada,
 alongada seja tua existência; haja mais justa idade, [95]
 na qual as irmãs vagarosas, depois de mim, conduzam os fios.”
 Assim ele disse. Contesta Imilce, sangue de Cirra
 Castália⁸, que, chamada desde o nome materno,
 (Cástulo conserva o epíteto do vate de Febo),
 justamente remontava a antepassados de venerável descendência. [100]
 Nos tempos em que Baco submetia os povos iberos, percutindo,
 com o tirso e com a Ménade armada, o Calpe,
 — nascido de lascivo sátiro e da ninfa Mírice,
 Milico reinava amplamente nas fronteiras nativas,
 trazendo fronte cornígera, à imagem do pai. [105]
 Daí, pátria e descendência ilustre trazia Imilce,
 em bárbara língua com não muito corrompido nome.
 Ela, então, entre lágrimas, pouco a pouco, vertidas,
 assim começa a dizer: “Esqueces que da tua salvação depende a nossa,
 negas a minha, na empreitada, companhia? Assim, primícias do leito, [110]
 alianças do matrimônio, tua esposa, como faltarei, para
 escalar contigo montes gélidos? Crê no vigor
 feminino, labor algum supera o casto amor.
 Mas, somos vistas como um sexo solitário, deixar-me decidiste,
 recuo, de fato, não retardo os fados, que o deus consinta, rogo: [115]

⁷ Aqui a própria Juno, perseguidora de Hércules, admira-se da proeza que ele realizou e que os cartagineses também realizarão.

⁸ Fonte Castália. Sílio remonta a Apolo a descendência de Imilce.

*atque acies inter flagrantiaque arma relictæ
 coniugis et nati curam seruare memento.
 quippe nec Ausonios tantum nec tela nec ignes
 quantum te metuo: ruis ipsos acer in enses 120
 obiectasque caput telis, nec te ulla secundo
 euentu satiat uirtus, tibi gloria soli
 fine caret, credisque uiris ignobile letum
 belligeris in pace mori. tremor implicat artus,
 nec quemquam horresco, qui se tibi conferet unus. 125
 sed tu, bellorum genitor, miserere nefasque
 auerte et serua caput inuiolabile Teucris.'*

*Iamque adeo egressi steterant in litore primo,
 et promota ratis, pendentibus arbore nautis,
 aptabat sensim pulsanti carbasa uento, 130
 cum lenire metus properans aegramque leuare
 attonitis mentem curis sic Hannibal orsus:
 'Ominibus parce et lacrimis, fidissima coniunx.
 et pace et bello cunctis stat terminus aeuī,
 extremumque diem primus tulit; ire per ora 135
 nomen in aeternum paucis mens ignea donat,
 quos pater aetheriis caelestum destinat oris.
 an Romana iuga et famulas Carthaginis arces
 perpetiar? Stimulant manes noctisque per umbras
 increpitans genitor, stant arae atque horrida sacra 140
 ante oculos, breuitasque uetat mutabilis horae
 prolatare diem. sedeamne, ut nouerit una
 me tantum Carthago, et, qui sim, nesciat omnis
 gens hominum, letique metu decora alta relinquam?
 quantum etenim distant a morte silentia uitae? 145
 nec tamen incautos laudum exhorresce furores.
 et nobis est lucis honos, gaudetque senecta
 gloria, cum longo titulis celebratur in aeuo.*

‘Vá feliz, vá, tendo favoráveis numes e preces,
entre batalhões e armas em chamas, da deixada
esposa e do filho, cuidado lembra-te de guardar.

Porque não temo ausônios, lanças, chamas, [120]

tanto quanto temo a ti; temerário, lança-te nas próprias espadas,
expões a cabeça às lanças, ademais, a ti num evento favorável,
a virtude não sacia, a ti a glória de um único homem
carece de fim, crês ser um óbito ignóbil a varões

beligerantes morrer em paz. Um tremor enlaça meus membros,
não receio a ninguém, que sendo um só, combata contigo. [125]

Mas tu, genitor das batalhas, tem compaixão, o nefas
reverta, preserve esta cabeça inviolável aos teucros.”

Já desembarcados, tinham se estabelecido no início do litoral,
a embarcação, balançando, os nautas pendurados no mastro,
aparelhava, aos poucos, as velas que se agitavam ao vento. [130]

Apressando-se em abrandar os medos, remover da inquieta
mente pelas atônitas aflições, assim Aníbal começou:

“Modere as lágrimas, todas, fidelíssima cônjuge,
tanto na paz como na guerra está o termo dos anos,
ao último dia o primeiro trouxe; ir pelas bocas
o nome pela eternidade a poucos a mente ardorosa concede [135]

àqueles a quem o pai dos celestes destina às plagas etéreas.

Jugo romano, os baluartes de Cartago submissos
suportarei? Os manes me fustigam e, pelas sombras da noite,
interpela-me o genitor; persistem as aras e os horríveis sacrifícios [140]

ante meus olhos, a brevidade das horas mutáveis veta-me
procrastinar um dia. Que eu me assente para que, unicamente,
apenas Cartago me conheça? Quem eu seja ignore toda
raça dos homens? Que, por medo da morte, grandes honras abandone?

Quanto, realmente, diferem da morte os silêncios da vida? [145]

Não, não temas os ímpetos imprudentes dos louvores;
a honra da vida está em nós, alegre a glória da velhice,
quando é celebrada com títulos na longevidade.

te quoque magna manent suscepti praemia belli.
Dent modo se superi, Thybris tibi seruiet omnis 150
Iliacaeque nurus et diues Dardanus auri.'
dumque ea permixtis inter se fletibus orant,
confisus pelago celsa de puppe magister
cunctantem ciet. abripitur diuulsa marito.
haerent intenti uultus et litora seruant, 155
donec, iter liquidum uolucris rapiente carina,
consumpsit uisus pontus tellusque recessit.
At Poenus belli curis auertere amorem
apparat et repetit properato moenia gressu.
quae dum perlustrat crebroque obit omnia uisu, 160
tandem sollicito cessit uis dura labori,
belligeramque datur somno componere mentem.
Tum pater omnipotens, gentem exercere periculis
Dardaniam et fama saeuorum tollere ad astra
bellorum meditans priscosque referre labores, 165
praecipitat consulta uiri segnemque quietem
terret et immissa rumpit formidine somnos.
Iamque per umentem noctis Cyllenius umbram
aligero lapsu portabat iussa parentis.
nec mora. mulcentem securo membra sopore 170
adgreditur iuuenem ac monitis incessit amaris:
"Turpe duci totam somno consumere noctem,
o rector Libyae. uigili stant bella magistro.
iam maria effusas cernes turbare carinas
et Latiam toto pubem uolitare profundo, 175
dum lentus coepta terra cunctaris Hibera.
Scilicet id satis est decoris memorandaque uirtus,
quod tanto cecidit molimine Graia Saguntos?
En age, si quid inest animo par fortibus ausis,
fer gressus agiles mecum et comitare uocantem 180
respexisse ueto—monet hoc pater ille deorum —
te quoque magna manent suscepti praemia belli.

A ti também permanecem, magníficos, os prêmios da guerra empreendida,
 contanto que os súperos se dediquem, todo Tibre servirá a ti, [150]
 as noras de Ílio e o Dárdano, rico em ouro."

Enquanto entre si tais coisas com lágrimas misturadas falavam,
 o capitão, confiante no mar, da alta popa,
 a hesitante chama. Convulsa, é arrancada do marido.
 Detêm, atentos, os semblantes e guardam os litorais, [155]
 até que, arrebatando célere a quilha do navio ao líquido caminho,
 tolheu o mar às vistas, a terra se afastou.

Agora, o Peno da guerra aos cuidados prepara-se
 para reverter o amor, redireciona-se com curso acelerado às muralhas,
 enquanto as percorre, examina com incessante olhar tudo. [160]
 Por fim, a força valente cedeu ao urgente labor,
 ele se permite recompor a mente beligerante com o sono.

Então, o padre onipotente, maquinando aossar a raça
 dardânia, ascendê-los aos astros com a fama
 de cruéis guerras, e recobrar priscos labores, [165]
 precipita as decisões do guerreiro; o tranquilo repouso,
 aterroriza; invade, com assombros introjetados, os sonos.

Já agora, Cilênio⁹, pela úmida sombra da noite,
 em alígero voo, portava ordens do pai.
 Não demora. Ao jovem que aliviava os membros com sereno sono, [170]
 aproxima-se e principiou com estas predições mordazes:

“Torpe é para um general toda a noite consumir com o sono,
 ó líder da Líbia, guerras mantêm-se com vigília do timoneiro.
 Já verás, turbando os mares, espalhando-se pelo plaino [175]
 inteiro com quilhas soltas, a juventude latina,
 enquanto, indolente da empresa, hesitas em terra iberá.

De fato, é suficientemente decoroso, valor memorável,
 a grega Sagunto já ter caído com tanta grandeza?
 Vamos, se algo existe no ânimo parelho a corajosas audácias,
 traz passos ágeis comigo e a quem te chama acompanhe [180]

⁹ Apelido do deus Mercúrio, mensageiro dos deuses, nascido no monte Cilene.

*respexisse ueto—monet hoc pater ille deorum —
uictorem ante altae statuam te moenia Romae.”*

*Iamque uidebatur dextram iniectare graduque
laetantem trahere in Saturnia regna citato,* 185
*cum subitus circa fragor et uibrata per auras
exterrent saeuis a tergo sibila linguis,*

*ingentique metu diuum praecepta pauenti
effluxere uiro, et turbatus lumina flectit.
ecce iugis rapiens siluas ac robora uasto* 190
*contorta amplexu tractasque per inuia rupes
ater letifero stridebat turbine serpens.*

*quantus non aequas perlustrat flexibus Arctos
et geminum lapsu sidus circumligat Anguis,
immani tantus fauces diducit hiatu* 195
attollensque caput nimboris montibus aequat.

*congeminat sonitus rupti uiolentia caeli
imbriferamque hiemem permixta grandine torquet
Hoc trepidus monstro — neque enim sopor ille nec altae* 200
*uis aderat noctis, uirgaque fugante tenebras
miscuerat lucem somno deus — ardua quae sit,*

*scitatur, pestis terrasque urgentia membra
quo ferat et quosnam populos deposcat hiatu.
Cui gelidis almae Cyllenes editus antris:*

*“Bella uides optata tibi. Te maxima bella,
te strages nemorum, te moto turbida caelo* 205
*tempestas caedesque uirum magnaue ruinae
Idaei generis lacrimosaque fata sequentur.*

*Quantus per campos populatis montibus actas
contorquet siluas squalenti tergo serpens* 210
*et late umectat terras spumante ueneno,
tantus, perdomitis decurrens Alpibus, atro
inuolues bello Italiam tantoque fragore
eruta conuulsis prosternes oppida muris”.*

His aegrum stimulis liquere deusque soporque.

(olhar para trás veto — adverte isso o próprio pai dos deuses —)
a ti, vencedor, colocarei de pé ante as altas muralhas de Roma.

Já agora, parecia que o deus lhe estendia a destra e em marcha
o arrastava, feliz, rapidamente aos satúrnios reinos.

Quando, súbito fragor se acerca, silvos às suas costas, pelos ares [185]
sacudidos, com línguas cruéis apavoram; pelo medo ingente, os preceitos
dos deuses escaparam ao varão, perturbado pelas luzes, virou-se.

Eis, arrebatando florestas dos montes, vasto abraço,
contorcidos robles e rochas arrastadas por vias inviáveis, [190]
negra, em letífero turbilhão, serpe sibilava.

Com curvatura tão grande quanto o Serpentário,
circundando a constelação, percorrendo as gêmeas não iguais Ursas,
divide as goelas medonha abertura da boca monstruosa,
a cabeça elevando iguala a nebulosos montes. [195]

O estrondo repete-se violento do violado céu,
brande, entre granizos, pluvioso mau tempo.

Temeroso com esta monstruosidade, ele não estava nem no sono,
nem era densa noite, com o caduceu, espantando as trevas,
o deus tinha misturado a luz com o sono — que árdua, [200]
pergunta-se, peste é essa, apressados membros acoçando terras
por onde levava, quais povos reivindica com a boca.

A ele o dado à luz nas gélidas cavernas da nutriz Cilene:
“Vês as guerras aprazíveis para ti. A ti, as máximas guerras.

A ti, devastação de florestas. A ti, ao abalado céu violenta [205]
tempestade e carnificina dos homens, magníficas ruínas
da raça do Ida, fados lastimosos seguem.

Como as florestas nas costas das colinas
pelos campos a serpente contorce com o dorso escamoso
e largamente banha as terras com espumoso veneno, [210]
assim, passando pelos Alpes subjugados, com guerra atroz
envolverás a Itália e com tanto fragor a prosternarás,
arrancando-lhe as torres, demolindo-lhe os muros”.

Com estes estímulos atormentado, deixam-no o deus e o sono.

It membris gelidus sudor, laetoque pauore 215
promissa euoluit somni noctemque retractat.
Iamque deum regi Martique sub omine fausto
instauratus honos, niueoque ante omnia tauro
placatus meritis monitor Cyllenius aris.
Extemplo edicit conuellere signa, repensque 220
castra quatit clamor permixtis dissona linguis.
Prodite, Calliope, famae, quos horrida coepta
excierint populos tulerintque in regna Latini,
et quas indomitis urbes armarit Hiberis
quasque Paraetonio glomerarit litore turmas 225
ausa sibi Libye rerum deposcere frenos
et terris mutare iugum. Non ulla nec umquam
saeuior it trucibus tempestas acta procellis;
nec bellum ruptis tam dirum mille carinis
acrius infremuit trepidumque exterruit orbem. 230
Princeps signa tulit Tyria Carthagine pubes,
membra leuis celsique decus fraudata superbum
corporis, at docilis fallendi et nectere tectos
numquam tarda dolos. Rudis his tum parma, breuique
bellabant ense; at uestigia nuda, sinusque 235
cingere inassuetum, et rubrae uelamine uestis
ars erat in pugna fusum occuluisse cruorem.
His rector fulgens ostro super altior omnis
germanus nitet Hannibalis gratoque tumultu
Mago quatit currus et fratrem spirat in armis. 240
Proxima Sidoniis Utica est effusa maniplis,
prisca situ ueterisque ante arces condita Byrsae
Tunc, quae Sicanio praecinxit litora muro
in clipei speciem curuatis turribus, Aspis.

Vai-se pelos membros um gélido suor. Com pavor e alegria, [215]
 as promessas revolve do sonho, relembra a noite.
 Agora ao rei dos deuses e a Marte, sob o auspício fausto,
 honra se ofereceu, antes de tudo, com níveo touro,
 ante as aras merecidas o cilênio guia se aplacou.
 Sem mais ordena mover as insígnias. Repentino [220]
 clamor de misturadas línguas agitou os dissonantes quartéis .
 Revelai, Calíope, à fama quais povos convocou
 a horrenda empreita e trouxe ao reino de Latino,
 quais cidades armou de indômitos iberos
 e quais tropas no litoral paretônio se aglomeraram, [225]
 tendo a Líbia para si ousado reclamar as rédeas das coisas
 e das terras mudar o jugo. Nem nada, nem nunca mais
 cruel marcha tempestade veio impelida por truculento flagelo;
 nem funesta guerra de mil quilhas arrebetadas
 mais violenta bramiu e aterrou o orbe temeroso. [230]
 Primeiro, as insígnias tírias trouxe a juventude cartaginesa,
 de membros velozes e despojada da beleza soberba de um alto
 corpo, porém instruída para enganar, para urdir dissimuladas
 trapanças nunca tardia. Por meio delas, com rude escudo e com
 curta espada guerreavam; traziam os pés nus e o peito [235]
 a couraça não costumado; de vestes vermelhas cobriam-se,
 artifício era na batalha para ocultar o sangue derramado.
 Deles, o guia, em púrpura fulgindo, brilhando acima de todos,
 o irmão germano¹⁰ de Aníbal, Magão, que, no aprazível tumulto,
 seu carro sacudia, inspirando o irmão nas armas. [240]
 Espalhada, próxima dos sidônios manípulos, Útica estava,
 de antigo assentamento, fundada ante as fortalezas da ancestral Birsá.
 Depois, a que com sicânia muralha rodeou os litorais,
 em forma de escudo, turricurvada, Áspis.

¹⁰ Irmão germano: irmão pela parte de pai e mãe.

Sed dux in sese conuerterat ora Sychaeus, 245
Hasdrubalis proles, cui uano corda tumore
maternum implebat genus, et resonare superbo
Hannibal haud umquam cessabat auunculus ore.
Affuit undosa cretus Berenicide miles,
nec, tereti dextras in pugnam armata dolone, 250
destituit Barce sitientibus arida uenis.
Nec non Cyrene Pelopei stirpe nepotis
Battiadas prauos fidei stimulauit in arma.
Quos trahit, antiquo laudatus Hamilcare quondam,
consilio uiridis, sed belli serus, Ilertes. 255
Sabratha tum Tyrium uulgus Sarranaque Leptis
Oeaque Trinacrios Afris permixta colonos
et Tingim rapido mittebat ab aequore Lixus.
Tum Vaga et antiquis dilectus regibus Hippo,
quaeque procul cauit non aequos Ruspina fluctus, 260
et Zama et uberior Rutulo nunc sanguine Thapsus.
ducit tot populos, ingens et corpore et armis,
Herculeam factis seruans ac nomine famam,
Antaeus celsumque caput super agmina tollit.
Venere Aethiopes, gens haud incognita Nilo, 265
qui magneta secant; solis honor ille, metallo
intactum chalybem uicino ducere saxo.
His simul immitem testantes corpore solem
exusti uenere Nubae. Non aerea cassis
nec lorica riget ferro, non tenditur arcus; 270
tempora multiplici mos est defendere lino
et lino munire latus scelerataque sucis
spicula derigere et ferrum infamare ueneno.
Tum primum castris Phoenicum tendere ritu
Cinyphii didicere Macae. Squalentia barba 275
ora uiris, humerosque tegunt uelamine capri

No entanto, seu condutor, Siqueu, a si convertia os olhares: [245]
 filho de Asdrúbal, a quem as entranhas com vã arrogância
 a origem da mãe impregnava; de blasoná-lo, com orgulho,
 Aníbal, o tio materno, jamais cessava.

Foi também o soldado criado na undosa Berenice,
 nem Barce, armada as destras na pugna com lança de bem torneadas pontas, [250]
 se omitiu, árida, com seus veios sequiosos,
 nem Cirene, estirpe dos netos de Pélope, os batíadas
 de fidelidade corrupta, não estimulou às armas.

Leva-os Ilertes, pelo antigo Amílcar, outrora louvado,
 no consílio, enérgico, na guerra, vagaroso. [255]

E então, Sábrata, povo tírio, Sarrana, Léptis
 e Oea que mescla trinácrios e colonos africanos.
 Também Tânger enviava pelo rápido mar Líxus.
 Depois Vaga e, dileta de antigos reis, Hipona,
 e Ruspina, a que se acautela, à distância, dos não calmos fluxos do mar,
 e Zama e, agora com o sangue rútilo mais fecunda, Tapso. [260]

Conduz tantos povos, ingente, preservando no corpo, nas armas
 e no nome os feitos de hercúlea fama,
 Anteu, a excelsa cabeça elevando acima dos pelotões.
 Vieram os etíopes, raça não incógnita ao Nilo, , [265]
 que o imã extraem, honra única a eles: sem tocar no metal
 o aço arrastam com vizinhança da rocha.

Junto com estes, atestando no corpo o feroz sol,
 ressequidos, vieram os núbios. Sem brônzeo capacete, [270]
 nem a couraça enrijece com ferro, nem o arco estende;
 as têmporas, com múltiplas dobras, é costume defender com linho,
 com linho proteger o flanco; celerados, com sumo,
 costumam dardos dirigir, o ferro desonrando com infame veneno.

Então, a primeira vez que, no uso dos fenícios, a armar acampamentos
 os macas de Cínife aprenderam: esquálidas, barbadas, [275]
 as faces dos homens; os ombros cobrem com vestes

*saetigero; panda manus est armata cateia.
 Versicolor contra caetra et falcatus ab arte
 ensis Adyrmachidis ac laeuo tegmina crure.
 Sed mensis asper populus uictuque maligno; 280
 nam calida tristes epulae torrentur harena.
 Quin et Massyli fulgentia signa tulere,
 Hesperidum ueniens lucis domus ultima terrae.
 Praefuit intortos demissus uertice crinis,
 Bocchus atrox, qui sacratas in litore siluas 285
 atque inter frondes reuirescere uiderat aurum.
 Vos quoque desertis in castra mapalibus itis,
 misceri gregibus Gaetulia sueta ferarum
 indomitisque loqui et sedare leonibus iras.
 Nulla domus; plaustris habitant; migrare per arua 290
 mos atque errantes circumuectare penates.
 Hinc mille alipedes turmae — uelocior Euris
 et doctus uirgae sonipes — in castra ruebant.
 Ceu pernix cum densa uagis latratibus implet
 uenator dumeta Lacon, aut exigit Vmber 295
 nare sagax e calle feras, perterrita late
 agmina praecipitant uolucres formidine cerui.
 Hos agit haud laeto uultu nec fronte serena,
 Asbytes nuper caesae germanus Acherras.
 Marmaridae, medicum uulgus, strepuere cateruis; 300
 ad quorum cantus serpens oblita ueneni,
 ad quorum tactum mites iacuere cerastae.
 Tum, chalybis pauper, Baniurae cruda iuuentus,
 contenti parca durasse hastilia flamma,
 miscebant auidi trucibus fera murmura linguis. 305
 Necnon Autololes, leuibus gens ignea plantis;
 cui sonipes cursu, cui cesserit incitus amnis,
 tanta fuga est; certant pennae, campumque uolatu*

de pele grosseira de capro; mão armada com curva cateia¹¹.

Já a dos adirmáquidas, cetras matizadas e espada habilmente recurva, além de couraça na perna esquerda.

Mas é um povo selvagem à mesa devido ao escasso alimento: [280]

com cálida areia são consumidos poucos pratos.

Há mais os mássilos, insígnias fulgentes trouxeram,
vindos dos bosques das Hespérides, última morada da terra.

Antecede-os, retorcidos, pendendo na cabeça, os cabelos,
Boco atroz, que vira entre sagradas selvas no litoral, [285]

e entre as frondes reverdecer o ouro.

Vós, gétulos, também ides aos quartéis, tendo deixado suas cabanas,
acostumados a misturarem-se a bandos de feras,
a falarem aos leões indomáveis e a sedar-lhes as iras.

Não casas, carretas habitam. Migrar pelas planícies [290]

é seu costume, transportar por diversas partes os errantes penates.

Daqui, mil tropas alípedes, — mais veloz que o Euro era
e hábil com a vara seu sonípede cavaleiro — atiravam-se aos quartéis.

Como quando Lacon caçador, com vagantes ladros, enche
as densas florestas, ou então, como Umbro, de narina sagaz, expulsa
do caminho as feras, suas matilhas amplamente terríveis, [295]
precipitam-se, com os espantalhos, os cervos rápidos.

A eles comanda, não com vulto ledó, nem com fronte serena,
o irmão de Ásbite, morta recentemente, Aquerras.

Os marmáridas, médico povo, ressoaram entre os esquadrões, [300]

deles, ao canto, a serpente olvida do veneno,
deles, à influência, jazem dóceis as cerastas.

Agora, em ferro poucos, juventude sangrenta, os Baniúras:
contentes, em fraca chama endurecem as hastes,
ávidos, misturam murmúrios ferozes na língua selvagem. [305]

E os autóteles, fogosa raça de pés ligeiros,
a eles montando um cavalo, a eles torrentes não se interrompem,
tamanha a sua fugacidade: como quando competem as aves

¹¹ Arma germânica em formato de dardo com pregos.

cum rapuere, pedum frustra uestigia quaeras.
Spectati castris, quos suco nobilis arbor 310
et dulci pascit lotos nimis hospita baca.
Quique atro rabidas efferuescente ueneno
dipsadas immensis horrent Garamantes harenis.
Fama docet, caesae rapuit cum Gorgonis ora
Perseus, in Libyam dirum fluxisse cruorem; 315
inde Medusaeis terram exundasse chelydris.
Milibus his ductor spectatus Marte Choaspes,
Neritia Meninge satus, cui tragula semper
fulmineam armabat, celebratum missile, dextram.
huc coit aequoreus Nasamon, inuadere fluctu 320
audax naufragia et praedas auellere ponto,
Huc, qui stagna colunt Tritonidos alta paludis,
qua uirgo, ut fama est, bellatrix edita lympha
inuento primam Libyen perfudit oliuo.
Necnon totus adest uesper populique reposti. 325
Cantaber ante omnis, hiemisque aestusque famisque
inuictus palmamque ex omni ferre labore.
Mirus amor populo, cum pigra incanuit aetas,
imbelles iam dudum annos praeuertere saxo
nec uitam sine Marte pati. Quippe omnis in armis 330
lucis causa sita, et damnatum uiuere paci.
Venit et, Aurorae lacrimis perfusus, in orbem
diuersum, patrias fugit cum deuius oras,
armiger Eoi non felix Memnonis Astyr.
His paruus sonipes nec Marti natus; at idem 335
aut inconcusso glomerat uestigia dorso,
aut molli pacata celer rapit esseda collo.
Cydnus agit, iuga Pyrenes uenatibus acer
metiri iaculoue extendere proelia Mauro.
Venere et Celtae sociati nomen Hiberis. 340
His pugna cecidisse decus, corpusque cremari

e a planície no voo percorrem, dos pés os vestígios em vão procurarias.
 Foram vistos nos quartéis os que com o sumo
 a famosa árvore de lótus nutre, por demais hospitaleira e de doce baga [310]
 E aqueles que nas imensas areias temem raivosas
 dípsas de negro efervescente veneno, os garamantes;
 Ensina a fama: quando da Górgona a cabeça degolada arrastou
 Perseu na Líbia terra derramou sinistro sangue, [315]
 donde de meduseias quelidras a terra se inundou.
 A estes milhares assiste, marcial Coaspes, comandante
 na ilha de Nérito Meninge nascido, a quem a trágula sempre
 fulminante, célebre míssil, armava a destra.
 Daí, veio equóreo nasamone, em invadir naufrágios [320]
 audaz nas vagas, em despojos arrancar ao mar.
 Daí, os que habitam tritônidas águas profundas do lago
 onde a virgem guerreira, assim a fama diz, nascida na água,
 primeiramente difundiu na Líbia inventada oliva.
 Vêm ainda todo o ocidental Vésper e os povos de retirados lugares. [325]
 O cântabro antes de todos: de inverno, de calor ardente, da fome,
 em todo labor invicto, a glória traz.
 Assombroso gosto nesse povo, uma vez a idade fraca encanece,
 antecedem já em um precipício os anos imbeles,
 não suportam a vida sem Marte. De fato, está nas armas toda causa, [330]
 da vida e desprezível é viver na paz.
 Veio também, afastado, com as lágrimas inundado da Aurora, do orbe
 em sentido oposto, quando desviado foge às pátrias plagas,
 o armígero ástur, desditoso do Mêmnon Eoo.
 Deles, fraca cavalaria, não notável a Marte, por outro lado, [335]
 com firme dorso aglomera as pegadas, com o flexível torso,
 pacata, rápido arrasta carro de guerra.
 Cidno conduz, impetuoso: os cumes pirineus com caçadas percorre, estendendo
 combates com armadilha maura.
 Vieram os celtiberos, partilhado nome. A eles decoroso morrer em luta, [340]
 — o corpo ser cremado inefável nefas —

*tale nefas. Caelo credunt superisque referri,
 impastus carpat si membra iacentia uultur.*

*Fibrarum et pennae diuinarumque sagacem
 flammaram misit diues Callaecia pubem, 345
 barbara nunc patriis ululantem carmina linguis,
 nunc, pedis alterno percussa uerbere terra,
 ad numerum resonas gaudentem plaudere caetras.
 Haec requies ludusque uiris, ea sacra uoluptas.
 Cetera femineus peragit labor; addere sulco 350
 semina et impresso tellurem uertere aratro,
 segne uiris. Quicquid duro sine Marte gerundum,
 Callaici coniunx obit inrequieta mariti.
 Hos Viriathus agit Lusitanumque remotis
 extractum lustris, primo Viriathus in aeuo, 355
 nomen Romanis factum mox nobile damnis.*

*Nec Cerretani, quondam Tirynthia castra,
 aut Vasco insuetus galeae ferre arma morati,
 non, quae Dardanios post uidit, Ilerda, furores,
 nec qui, Massageten monstrans feritate parentem 360
 cornipedis fusa satiaris, Concane, uena.
 Iamque Ebusus Phoenissa mouet, mouet Arbacus arma,
 aclyde uel tenui pugnax instare ueruto;
 iam cui Tlepolemus sator et cui Lindus origo,
 funda bella ferens Baliaris et alite plumbo; 365
 et quos nunc Grauios uiolato nomine Graium
 Oeneae misere domus Aetolaque Tyde.
 Dat Carthago uiros, Teucro fundata uetusto,
 Phocaicae dant Emporiae, dat Tarraco pubem
 uitifera et Latio tantum cessura Lyaeo. 370
 Hos inter clara thoracis luce nitebat
 Sedetana cohors, quam Sucro rigentibus undis
 atque altrix celsa mittebat Saetabis arce,
 Saetabis, et telas Arabum spreuisse superba
 et Pelusiaco filum componere lino. 375*

*Mandonius populis domitorque insignis equorum
 imperitat Caeso, et socio stant castra labore.
 At Vettonum alas Balarus probat aequore aperto.
 Hic adeo, cum uer placidum flatusque tepescit,
 concubitus seruans tacitos, grex perstat equarum 380
 et Venerem occultam genitali concipit aura.*

creem que no céu, aos súperos, se restauram, os membros mortos,
rasgados por abutre esfomeado.

Em entranhas, voos e flamas divinas, sagaz mocidade, a Galícia enviou, [345]
seja vociferando bárbaros carmina na língua pátria,
seja com alternados pés percutindo a terra com pancadas, na cadência,
contentes, estalam as cetras.

Isto é repouso e divertimento para esses homens, luta é satisfação sacra.

O labor restante as mulheres realizam, para os homens é desonroso [350]
lançar as sementes no sulco, escavar a terra com o traço do arado.
O que quer que seja que não seja para engendrar do duro Marte,
a cônjuge galaica executa.

Estes, Viriato conduz, e aos lusitanos extraídos
de remotos lugarejos, primeiro na geração dos Viriatos, [355]
nome que, depois pactuou na fama dos danos romanos.

Nem se demoram em trazer as armas os cerretanos, outrora acampamentos tiríntios,
ou os vascos, desusado capacete, nem dardânios, que Ilerda após viu, os furores.

Nem, na selvageria mostrando descendência masságeta, tu, Cômcano, [360]
que com a veia derramada dos cornípedes é saciado.

Já Ebúσιο fenícia se move, move-se Árbaco às armas, pugnaz com o punhal, ou com o
dardo esguio erguendo. Já a que, criador Tlepólemo e de Lindo a origem,
a funda dos baleares para as guerras trazendo, com plúmbeo alado. [365]

E agora os Grávios, com o nome corrompido, Graio; as casas de Eneu
enviaram o Tide Étola.

Oferece os homens Cartagena, pelo antigo Teucro fundada.

Oferecem os de Fócia Empória, oferece Tarragona a mocidade, vitífera,
que será superada pelo Lácio Lieu. [370]

Entre eles com clara luz reluzia dos tórax,
sedetana corte que Sucro pelas rijas ondas e a criadora Sétabis
pela excelsa colina enviava.

Sétabis altiva desdenha os tecidos da Arábia e os fios compara ao Pelúσιο linho. [375]

Mandônio, domador de cavalos, a estes povos, e o insigne Cesó
comandam, associados no labor.

Dos Vetões as alas, Bálaro ensaia em campo aberto.

Hic adeo, cum uer placidum flatusque tepescit,
concubitus seruans tacitos, grex perstat equarum 380
et Venerem occultam genitali concipit aura.
Sed non multa dies generi, properatque senectus,
septimaque his stabulis longissima ducitur aestas.
At non Sarmaticos attollens Vxama muros
tam leuibus persultat equis; hinc uenit in arma 385
haud aeui fragilis sonipes crudoque uigore
asper frena pati aut iussis parere magistris.
Rhyndacus his ductor, telum sparus; ore ferarum
et rictu horrificant galeas, uenatibus aeuum
transigitur, uel more patrum uis raptaque pascunt. 390
Fulget praecipuis Parnasia Castulo signis
et celebre Oceano atque alternis aestibus Hispal
ac Nebrissa dei Nysaeis conscia thyrsis,
quam Satyri coluere leues redimitaque sacra
nebride et arcano Maenas nocturna Lyaeo. 395
Arganthoniacos armat Carteia nepotes.
Rex proauis fuit humani ditissimus aeui,
ter denos decies emensus belliger annos.
Armat Tartessos stabulanti conscia Phoebo
et Munda Emathios Italis paritura labores. 400
Nec decus auriferae cessauit Corduba terrae.
Hos duxere uiros flauenti uertice Phorcys
spiciferisque grauis bellator Arauricus oris,
aequales aeui, genuit quos ubere ripa
Palladio Baetes umbratus cornua ramo. 405
Talia Sidonius per campos agmina ductor,
puluere nigrantis raptat lustransque sub armis,
qua uisu comprehendere erat, fulgentia signa
ibat ouans longaque umbram tellure trahebat.

Lá quando a primavera é branda e o vento arrefece observando os tácitos coitos, [380]
a grei de éguas subsiste e a brisa concebe Vênus e oculta o nascimento.

Mas não muitos dias da espécie, a velhice precipita,
o sétimo verão é a mais longa idade a ser alcançada nesses estábulos.

Por outro lado, Uxama, que eleva sarmáticos muros
e não com tão leve cavalo ufana, para cá vem às armas [385]
com cavalaria de existência nada frágil, vigoroso vigor,
rude não suporta freios nem submete-se a ordens dos condutores.

Rindaco condutor desses, dardo aguilhoado, com as fauces abertas de feras
os capacetes horrorizam, vida ocupada nas caçadas ou, [390]
como os antepassados, vivem de violência e rapinas.

Fulge a parnásia Cástulo com distintos estandartes;
a célebre pelo oceano de alternados estuários, Hispal,
e Nebrissa, conhecedora do tirso niseus do deus,
onde os ligeiros sátiros habitaram e, com sacra
nébride cingida, a Mênade noturna do secreto Lieu.. [395]

Carteia arma os netos de Argaton,
rei de tataravós, o mais venturoso na idade
humana, percorreu trezentos, belígero, anos.
Arma Tartesso, conhecedora dos estábulos de Febo e
Munda, a que haveria de gerar labores emátios aos ítalos. [400]
Nem, honra da aurífera terra, faltou Córdoba.

Conduziam estes homens Fórcis, de fulva cabeça,
e Aráurico, grave guerreiro de plagas repletas de espigas,
iguais na idade, foram criados em margem fecunda
de Bétis, sombreava seus cornos ramos do fértil paládio. [405]

Tais esquadrões o sidônio capitão levanta pelos campos,
empoeirados de negro; passa em revista, sob as armas ,
por onde à visão chegava os fulgentes estandartes.
Ia regozijante, no solo uma longa sombra se estendia.

Non aliter, quotiens perlabitur aequora curru 410
extremamque petit, Phoebea cubilia, Tethyn
frenatis Neptunus equis, fluit omnis ab antris
Nereidum chorus et sueto certamine nandi
candida perspicuo conuertunt brachia ponto.
At Pyrenaei frondosa cacumina montis 415
turbata Poenus terrarum pace petebat.
Pyrene celsa nimborum uerticibus arce
diuisos Celtis late prospectat Hiberos
atque aeterna tenet magnis diuortia terris.
Nomen Bebrycia duxere a uirgine colles, 420
hospitis Alcidae crimen, qui, sorte laborum
Geryonae peteret cum longa tricorporis arua,
possessus Baccho saeua Bebrycis in aula
lugendam formae sine uirginitate reliqui
Pyrenen, letique deus, si credere fas est, 425
causa fuit leti miserae deus. Edidit alio
namque ut serpentem patriasque exhorruit iras,
confestim dulcis liquit turbata penates.
Tum noctem Alcidae solis plangebatur in antris
et promissa uiri siluis narrabat opacis, 430
donec maerentem ingratos raptoris amores
tendentemque manus atque hospitis arma uocantem
diripere ferae. Laceros Tirynthius artus,
dum remeat uictor, lacrimis perfudit et amens
palluit inuento dilectae uirginis ore. 435
At uoce Herculeae percussa cacumina montis
intremuere iugis; maesto clamore ciebat
Pyrenen, scopulique omnes ac lustra ferarum
Pyrenen resonant. Tumulo tum membra reponit
supremum inlacrimans, nec honos intercidit aeuo, 440
defletumque tenent montes per saecula nomen.

Não diferente das quantas vezes que Netuno desliza nos mares com o [410]
 coche, dirigindo-o à extrema Tétis, aposentos de Febo, os cavalos bridados,
 quando todo o coro das nereidas das grutas flui, costumeiro certame de nado, com os
 braços cândidos, o explêndido mar volvendo.

Mas aos frondosos cumes do monte de Pirene, tendo [415]
 turbado o Peno a paz das terras, acercava-se.

Pirene, de alto cimo, de vértice nimbozo,
 a divisão contemplava entre celas e iberos,
 das magnas terras mantém o eterno divisor.

Os outeiros o nome da donzela bebrícia traziam, [420]
 crime do hóspede Alcida, quando, no encargo dos labores,
 a Gerião ele procurava nos campos extensos, tricorpe,
 possuído por Baco no átrio atroz de Bébrice,
 ele deixou, de sua beleza pesarosa, sem a virgindade,

Pirene. Da morte o deus , se crer é permitido, [425]
 da morte a causa o deus foi à mísera. No ventre gerou,
 e, pois, uma vez que temeu a serpente e as iras paternas,
 conturbada, pronto,deixou os amados penates.

Então à noite, só, pranteava nas cavernas do Alcida.

As promessas dele narrava às indiferentes selvas. [430]

Até que, enquanto deplorava os ingratos amores do raptor,
 estendia as mãos, clamando as armas do hóspede,
 as feras a despedaçaram. Então o tiríntio vencedor voltando,
 lágrimas derramou sobre membros dilacerados, e insano,
 empalideceu, ao encontrar a cabeça da donzela diletta. [435]

A voz hercúlea atravessou os montes, os conjugados cumes,
 estremecendo com clamor fúnebre clamava:

“Pirene”! Os penedos todos e os covis das feras

“Pirene” ressoam. Então num túmulo os membros guardou,

pela derradeira vez, lacrimjava. A honra não se esvaece pela eternidade:

deplorado, mantêm os montes pelos séculos, o nome. [440]

Agora, já pelas colinas e pelos bosques de abeto densos,
 o Peno as fronteiras da corte bebrícia transpunha.

*auget opes stanti similis tacitoque liquore
 mixtus Arar, quem gurgitibus complexus anhelis
 cunctantem immergit pelago raptumque per arua
 ferre uetat patrium uicina ad litora nomen.
 inuadunt alacres inimicum p̄q̄ontibus amnem; 455
 nunc celso capite et ceruicibus arma tuentur,
 nunc ualidis gurges certatim frangitur ulnis.
 Fluminea sonipes religatus ducitur alno,
 belua nec retinet tardante Libyssa timore.
 nam trabibus uada et iniecta tellure repertum 460
 conexas operire trabes ac ducere in altum
 paulatim ripae resolutis aggere uinclis.
 At gregis inlapsu fremebundo territus atras
 expauit moles Rhodanus stagnisque refusis
 torsit harenoso minitancia murmura fundo. 465
 Iamque Tricastinis incedit finibus agmen,
 iam facilis campos, iam rura Vocontia carpit.
 Turbidus hic truncis saxisque Druentia laetum
 ductoris uastauit iter. Namque Alpibus ortus 470
 auulsas ornos et adesi fragmina montis
 cum sonitu uoluens, fertur latrantibus undis
 ac uada translato mutat fallacia cursu,
 non pediti fidus, patulis non puppibus aequus.
 et tunc imbre recens fuso correpta sub armis
 corpora multa uirum spumanti uertice torquens 475
 immersit fundo laceris deformia membris.*

Deste lugar, feroz, o percurso almejado pelos inóspitos campos [445]
dos volcas com as tropas espolia e ao caudaloso Ródano acede,
apressado com o exército às ameaçadoras margens.

Sua nascente na cordilheira alpina e de rocha nevada
se estende até os celtas, ingente torrente extrai
com espumoso sorvedouro, Ródano, fendendo os campos,
depressa precipita veloz o dilatado leito no ponto. [450]

Aumenta as forças, semelhante a um estanque, em água tácita
misturado o Arar, alcançado por borbotões ofegantes.

imerge no pélagos arrebatado através dos campos,
de levar veta ao litoral vizinho o pátrio nome.

Invadem impetuosos a torrente inimiga em pontes; [455]

ora, com a cabeça alçada, nos ombros protegem as armas,
ora o golfo é rompido à porfia com os braços vigorosos.

A cavalaria atada ao barco é conduzida rio acima,
nem guarda temor tardando a fera líbia.

Já nas traves, lançadas
e com engenhos, cobertas com terra as vigas conexas e conduzindo [460]
para o alto mar, desamarrando devagar as correntes na elevação da margem.

No entanto, com a invasão ruidosa e os corpos impressionantes,
o Ródano alarmado espantou-se e, transbordando seu estuário, torceu
ameaçadores murmúrios no arenoso fundo. [465]

Já dos tricrastinos acede às fronteiras o exército, corta já campos fáceis,
as terras vocúncias.

Aqui o Druência, buliçoso com pedras e troncos, a marcha favorável
do general arruinou, pois o nascido nos Alpes, quando com estrondo
volvendo arrancados freixos e destruindo fragmentos da montanha gasta, [470]

é carregado com ondas ladrando e as vaus falaciosas muda com cambiante curso,
nem firmeza favorável à infantaria, nem para as popas abertura ampla.

Então cheio pelas recentes chuvas, sob as armas muitos corpos daqueles homens
foram bruscamente arrastados. O vértice espumante imergiu ao fundo
revolvendo os dilacerados e disformes membros. [475]

*Sed iam praeteritos ultra meminisse labores
 conspectae propius dempsere pauentibus Alpes.
 cuncta gelu canaque aeternum grandine tecta
 aequaeuam glaciem cohibent: riget ardua montis 480
 aetherii facies surgentique obuia Phoebos
 duratas nescit flammis mollire pruinas.
 Quantum Tartareus regni pallentis hiatus
 ad manis imos atque atrae stagna paludis
 a supera tellure patet, tam longa per auras 485
 erigitur tellus et caelum intercipit umbra.
 Nullum uer usquam nullique aestatis honores.
 sola iugis habitat diris sedesque tuetur
 perpetuas deformis hiemps; illa undique nubes
 huc atras agit et mixtos cum grandine nimbos. 490
 Iam cuncti flatus uentique furentia regna
 Alpina posuere domo. Caligat in altis
 obtutus saxis, abeuntque in nubila montes.
 mixtus Athos Tauro Rhodopeque adiuncta Mimanti
 Ossaque cum Pelio cumque Haemo cesserit Othrys. 495
 primus inexpertas adiit Tirynthius arces.
 scindentem nubes frangentemque ardua montis
 spectarunt superi longisque ab origine saeculis
 intemerata gradu magna ui saxa domantem.
 At miles dubio tardat uestigia gressu, 500
 impia ceu sacros in finis arma per orbem,
 Natura prohibente, ferant diuisque repugnent.
 contra quae doctor — non Alpibus ille nec ullo
 turbatus terrore loci, sed languida maestis
 corda uirum fouet hortando reuocatque uigorem: 505
 “Non pudet obsequio superum fessosque secundis,
 post belli decus atque acies, dare terga niuosis
 montibus et segnes summittere rupibus arma?
 Nunc, o nunc, socii, dominantis moenia Romae
 credite uos summumque Iouis conscendere culmen. 510
 Hic labor Ausoniam et dabit hic in uincula Thybrim.”*

Mas já adiante os passados labores olvidam lembrar.

Os Alpes com os pavores próximos avistam: com o teto todo
embranquecido com gelo e granizo eternos. Geleira de eras encerram,
a face etérea enregela as escarpas da montanha, [480]
quando surge, frequente Febo desconhece amolecer com as flamas
as endurecidas neves.

Assim como do pálido reino tartáreo de profundos manes e de atrás estagnadas
lagunas, o abismo da terra patenteia, tão longa pelos ares [485]
a sombra erege, interpõe terra e céu.

Nenhuma primavera, nunca de nenhum estio as belezas. Só habita junto
aos terríveis e protege as moradas perpétuas o disforme inverno;
que de todas as partes nuvens negras ali traz enfurecidos
aguaceiros mistos a granizo. [490]

Já todos os sopros e ventos estabelecem na sede alpina os enfurecidos reinos.
Embaça a visão nos altos seixos, nas nuvens os montes desaparecem.
Como se unidos Atos ao Tauro, Ródope conjunta ao Minante,
Ossa com Pélio e com o Hemo o Otris. [495]

O tiríntio, primeiro que percorreu essas fortalezas ignotas,
fendendo as nuvens e rompendo as cordilheiras da montanha,
os súperos observaram, com vigoroso passo dominando os magnos seixos,
que desde a origem dos longos séculos eram imaculados.
Mas o exército tarda com o passo duvidoso os vestígios, [500]
como se ímpias armas pelo orbe de sagradas fronteiras,
mesmo a natureza coibindo, levassem e repugnando os divos.

Frente as quais o comandante — nem com os Alpes, nem nenhum
terror do local é perturbado — mas enfraquecidos e tristes os ânimos
dos homens aquece e reconvoca o vigor exortando: [505]

“Não envergonha, desfalecidos, com os obséquios dos deuses e
depois com os propícios glória e batalha das guerras, ceder na
encosta nos montes nevados e covardes submeter as armas nas rochas?

Agora, neste momento, sócios, que estais escalando as muralhas da dominante Roma,
acreditai e o cume do sumo Jove. [510]

Este labor, este lhes oferecerá em grilhões o Tibre e a Ausônia”.

*Nec mora, commotum promissis ditibus agmen
erigit in collem et uestigia linquere nota
Herculis edicit magni crudisque locorum
ferre pedem ac proprio turmas euadere calle. 515
Rumpit inaccessos aditus atque ardua primus
exuperat summaque uocat de rupe cohortes.
Tum, qua durati concreto frigore collis
lubrica frustratur canenti semita cliuo,
luctantem ferro glaciem cremat. Haurit hiatu 520
nix resoluta uiros altoque e culmine praeceps
humentis turmas operit delapsa ruina.
Interdum aduerso glomeratas turbine Corus
in media ora niues fuscis agit horridus alis;
aut rursus immani stridens auulsa procella 525
nudatis rapit arma uiris uoluensque per orbem
contorto rotat in nubes sublimia flatu.
Quoque magis subiere iugo atque euadere nisi
erexere gradum, crescit labor. ardua supra
sese aperit fessis et nascitur altera moles, 530
unde nec edomitos exudatosque labores
respexisse libet: tanta formidine plana
exterrent repetita oculis, atque una pruinae
canentis, quocumque datur permittere uisus,
ingeritur facies. Medio sic nauita ponto, 535
cum dulcis liquit terras et inania nullos
inueniunt uentos securo carbasa malo,
immensas prospectat aquas ac uicta profundis
aequoribus fessus renouat sua lumina caelo.
Iamque super clades atque importuna locorum 540
inluuie rigidaeque comae squalore perenni
horrida semiferi promunt e rupibus ora,
atque effusa cauis exesi pumicis antris
Alpina inuadit manus adsuetoque uigore
per dumos notasque niues atque inuia pernix 545
clausum montiuagis infestat cursibus hostem.
mutatur iam forma locis. hic sanguine multo
infectae rubuere niues, hic nescia uinci
paulatim glacies cedit tepefacta cruore,
dumque premit sonipes duro uestigia cornu, 550
ungula perfossis haesit compressa pruinis.*

Sem demora, agitada pelas promessas ditas a marcha excitou
à montanha e ordenou que deixassem as pegadas conhecidas do grande Hércules,
que conduzissem os pés para descobrir dos rústicos locais,
e, assim, pioneiros caminhos as tropas realizassem. [515]

Irrompeu primeiro, a trilha e inacessíveis escarpas transpunha, do alto das rochas
convoca as cortes.

Então, onde o gelo as cadeias duras petrifica,
é frustrado pela branca vereda escorregadia.

Resistindo, com a espada se sustenta no gelo, a neve dissolvida [520]
abre um abismo e do alto cume precipita os homens, com a úmida ruína
sepulta as tropas. Às vezes, o horrível Córus lança enoveladas neves
em turbilhão em meio às faces com as fuscas asas,
ou ao volver estridente, com arrancada e medonha procela, [525]
despojando dos homens, arrasta as armas suspensas, revolvendo
pelo orbe com o sopro, com um tornado roda para as nuvens.

Quanto mais sobem e transpõem a montanha, esforçam
a marcha, somente avulta o labor. Além para eles, exaustos,
descobrem-se as cordilheiras, surgem outros grandes corpos de pedra. [530]
Donde não querem nem às vencidas, esgotados, às labutas volver os olhos:
tamanho medo a planície juntamente com a neve branca assustam , por onde quer
que se permita prolongar a vista, remontar com os olhos, guiando as faces.

Assim como o nauta em meio ao mar, as doces terras abandona, e as velas [535]
nenhum vento encontram, estando o mastro tranquilo a imensidão contempla
as infindas águas e vencidas pelas calmas profundezas, fatigado, renova os olhos no
céu.

Agora, além das ameaças e flagelos importunos dos locais aparecem [540]
de sujo e hirto cabelo, de imundície costumeira horríveis semiferos,
das rochas escavadas, saídos das ocas cavernas.

A turba alpina assalta com vigor, habituada com os
espinhos e neves, nos conhecidos atalhos ágil [545]
assalta encurralada pelos caminhos que cercam as montanhas.

Agora muda a aparência: aqui com abundante sangue
as neves enrubescem impregnadas, ali,
sendo desconhecido vencê-lo, pouco a pouco o gelo cede cálido, com o sangue.

*Nec pestis lapsus simplex: abscisa relinunt
 membra gelu, fractosque asper rigor amputat artus.
 Bis senos soles, totidem per uulnera saeuas
 emensi noctes optato uertice sidunt 555
 castraque praeruptis suspendunt ardua saxis.
 At Venus, ancipiti mentem labefacta timore,
 adfatur genitorem et rumpit maesta querelas:
 “Quis poenae modus aut pereundi terminus, oro,
 Aeneadis erit, et quando terrasque fretumque 560
 emensis sedisse dabis? Cur pellere nostros
 a te concessa Poenus parat urbe nepotes?
 Alpibus imposuit Libyam finemque minatur
 imperio. casus metuit iam Roma Sagunti.
 Quo Troiae extremos cineres sacramque ruinam 565
 Assaracique larem et Vestae secreta feramus?
 da sedem, genitor, tutisque iacere. Parumne est
 exilia errantis totum quaesisse per orbem?
 Anne iterum capta repetentur Pergama Roma?”
 His Venus, et contra genitor sic deinde profatur: 570
 “Pelle metus, neu te Tyriae conamina gentis
 turbarint, Cytherea: tenet longumque tenebit
 Tarpeias arces sanguis tuus. Hac ego Martis
 mole uiros spectare paro atque expendere bello.
 Gens ferri patiens ac laeta domare labores 575
 paulatim antiquo patrum desuescit honori,
 atque ille, haud umquam parcus pro laude cruoris
 et semper famae sitiens, obscura sedendo
 tempora agit mutum uoluens inglorius aeuum
 sanguine de nostro populus, blandoque ueneno 580
 desidiae uirtus paulatim euicta senescit.
 Magnae molis opus multoque labore parandum,
 tot populos inter soli sibi poscere regna.*

Enquanto a cavalaria com o robusto coice preme as pegadas, o casco prende [550]
desequilibrado nas transpassadas neves. Não a queda a única calamidade,
cortados, fraturados os ossos deixam os membros no gelo, o frio rigoroso amputa os
membros.

Duas vezes seis sóis, outros tantos as cruéis chagas, atravessam noites duras, [555]
no desejado vértice assentam-se, suspendem o árduo acampamento no declive
das abruptas pedras.

No entanto, Vênus com o espírito abalado e triste pelo temor e hesitação,
fala ao genitor e irrompe em queixas:

“Qual o modo para findarem ou o término das penas, rogo,
será para os Enéadas? E quando terras e mares percorridos, permitirás [560]
assento? Por que expulsar nossos descendentes da urbe concedida por
ti o Penos prepara? Nos Alpes depositou a Líbia e ameaça com o fim
ao império: já Roma teme as sortes de Sagunto.

Por onde levaremos as últimas cinzas de Troia, o sagrado espólio [565]
os segredos de Vesta, o Lar de Assaraco, dai morada, pai,
para que descanssem em segurança. Não basta, errantes e exilados
por todo o orbe ter procurado? Por ventura, Roma tomada,
novamente recomeçarão em Troia? .” Disse Vênus.

Após fala o genitor em resposta: “Afasto o medo, não te perturbem [570]
os esforços da gente títia, Citereia: teu sangue detém as muralhas tarpeias
e durante longo tempo a deterão. Eu mesmo em Marte preparo para contemplar
e examinar os homens em ingente guerra.

A gente sofredora que se alegra em domar os labores do ferro, [575]
aos poucos as honras antigas dos pais degeneram.

E aquele em tempo algum poupado diante da glória do sangue
e sem cessar sedento de fama, move tempos obscuros estacionado,
de era muda, sangue de nosso povo, pelo lisonjeiro veneno [580]
da indolência, aos poucos a virtude envelhece derrotada.

Obra de grandeza maior, de muito labor empregado
entre tantos povos para si somente reclamar os domínios.

*Iamque tibi ueniet tempus quo maxima rerum
nobilior sit Roma malis. Hinc nomina nostro* 585
*non indigna polo referet labor, hinc tibi Paulus,
hinc Fabius gratusque mihi Marcellus opimis.
Hi tantum parient Latio per uulnera regnum
quod luxu et multum mutata mente nepotes
non tamen euertisse queant. Iamque ipse creatus* 590
*qui Poenum reuocet patriae Latioque repulsum
ante suae muros Carthaginis exuat armis.
inc, Cytherea, tuis longo regnabitur aeuo.
Exin se Curibus uirtus caelestis ad astra
efferet, et sacris augebit nomen Iulis* 595
*bellatrix gens bacifero nutrita Sabino.
Hinc pater ignotam donabit uincere Thylen
inque Caledonios primus trahet agmina lucos,
compescet ripis Rhenum, reget impiger Afros
palmiferamque senex bello domitabit Idymen.* 600
*Nec Stygis ille lacus uiduataque lumine regna,
sed superum sedem nostrosque tenebit honores.
Tum iuuenis magno praecellens robore mentis
excipiet patriam molem celsusque feretur
aequatum imperio tollens caput. Hic fera gentis* 605
*bella Palaestinae primo delet in aeuo.
at tu transcendes, Germanice, facta tuorum,
iam puer auricomo praeformidate Batauo.
Nec te terruerint Tarpei culminis ignes:
sacrilegas inter flammis seruabere terris.* 610
*Nam te longa manent nostri consortia mundi.
Huic laxos arcus olim Gangetica pubes
summittet, uacuasque ostendent Bactra pharetras.
Hic et ab Arctoo currus aget axe per urbem,
ducet et Eoos, Baccho cedente, triumphos.* 615
*Idem indignantem tramittere Dardana signa
Sarmaticis uictor compescet sedibus Histrum.*

Logo a ti virá o tempo, em que máxima dos feitos
nobilíssima seja Roma pelos flagelos. De um lado pelo [585]
nosso polo não indignos nomes restituirá o labor; de outro,
para ti, Paulo, daí Fábio e Marcelo para mim favorito pelos dotes.
Estes pelas feridas engendrarão ao Lácio tal reino,
que nem pelo luxo e pelos excessos com a mente mudada
os descendentes contudo não possam reverter. Já o próprio é nascido [590]
que o Peno expulso reconduza para sua pátria e ao Lácio
ante os muros de Cartago despoje as armas.
Daí, Citereia, para os teus reinará por longa era.
Em seguida, a virtude celeste dos cúrios aos astros
se tornará fera, e glorificará o nome Júlio, [595]
gente belicosa oriunda dos olivais sabinos.
Daí o pai, ignota, concederá vencer, Tule. Este primeiro levará
os batalhões aos bosques caledônios, conterà nas margens o Reno,
regerá diligente os africanos, e a palmífera Idumeia, já velho,
na guerra subjugará. [600]
Ele, não lago estígio e reinos privados de lume,
mas a morada dos súperos. Terá as nossas honras.
Então, um moço, pela grande robustez do espírito,
receberá o empenho pátrio, excelso comandará,
elevando a altivez para ser igualado no império. [605]
Ele, na flor da idade, da gente palestina abolirá as ferozes guerras.
Mas, tu Germânico, transcendendo pelos teus feitos, ainda púbere,
serás temido pelo aurícomo Batavo.
Não te aterrorizarão, do templo de Tarpeu, os fogos,
dentre as sacrílegas chamas será salvo para a pátria. [610]
De fato, em ti permanecem, duradouro consórcio no mundo.
A ele um dia lassos arcos a puberdade gangética
submeterá, e vazias estenderão, as bactras aljavas.
Este, desde o eixo ártico, os carros guia pela cidade.
guiará os Eoos, Baco cedendo, triunfos. [615]
Da mesma forma, indignado, por transpor as insígnias
dardânicas, conterà nas habitações sarmáticas o Istro.

*Quin et Romuleos superabit uoce nepotes
 quis erit eloquio partum decus. huic sua Musae
 sacra ferent, meliorque lyra, cui substitit Hebrus* 620
*et uenit Rhodope, Phoebo miranda loquetur.
 Ille etiam, qua prisca, uides, stat regia nobis,
 aurea Tarpeia ponet Capitolia rupe
 et iunget nostro templorum culmina caelo.*
Tunc, o nate deum diuosque dature, beatas 625
*imperio terras patrio rege. Tarda senectam
 hospitia excipient caeli, solioque Quirinus
 concedet, mediumque parens fraterque locabunt:
 siderei iuxta radiabunt tempora nati.”*
Dum pandit seriem uenturi Iuppiter aeuī, 630
*ductor Agenoreus tumulis delatus iniquis
 lapsantem dubio deuexa per inuia nisu
 firmabat gressum atque umentia saxa premebat.
 Non acies hostisue tenet, sed prona minaci*
praerupto turbant et cautibus obuia rupes. 635
*Stant clausi maerentque moras et dura uiarum.
 Nec refouere datur torpentia membra quiete:
 noctem operi iungunt et robora ferre coactis
 appropierant umeris ac raptas collibus ornos.*
Iamque ubi nudarunt silua densissima montis, 640
*aggressere trabes, rapidisque accensus in orbem
 excoquitur flammis scopulus: mox proruta ferro
 dat gemitum putris resoluta pondere moles
 atque aperit fessis antiqui regna Latini.*
His tandem ignotas transgressus casibus Alpes 645
Taurinis ductor statuit tentoria campis.
*Interea uoces Iouis atque oracula portans
 emensis aderat Garamantum laetus harenis
 Bostar et ut uiso stimulabat corda Tonante:*
“Maxime Belide, patriis qui moenibus arces 650
*seruitium dextra, Libycas penetrauimus aras.
 Nos tulit ad superos perfundens sidera Syrtis,
 nos paene aequoribus tellus uiolentior hausit.*

Ele quem superará na eloquência os netos de Rômulo.
 Para ele as veneráveis musas,conduzirão, pela lira, melhor que a
 que deteve o Ebro e o Ródope foi trazido, admirando a Febo. [620]
 Ele antigo, por onde o antigo, vês, figura o régio palácio.
 A nós, na rocha Tarpeia, edificará um capitólio,
 que juntará seus cimos ao nosso céu.
 Então, o filho dos deuses, que deuses conceberá, [625]
 regerá com maternal comando as bem-aventuradas terras.
 Tarde a velhice as hospitalidades do céu acolherão, Quirino
 o trono concederá e em meio a eles o pai e o irmão o acolherão.
 próximo a ti, irradiarão os momentos do celestial filho.”
 Enquanto Júpiter desdobrou o leque da era vindoura [630]
 o comandante filho de Agenor, descia elevações iníquas, escorregando com
 melindroso esforço pelas trilhas em declive, firmava e marcava a marcha,
 não o retém espada ou hoste inimiga, mas a inclinação e a cordilheira ameaçadora,
 que se apresentam pontiagudas, das rochas, perturbam. [635]
 Permanecem enclausurados lamentando as demoras e dificuldades do caminho,
 nem se permite reestabelecer os membros tranquilamente,
 o trabalho atrelam à noite e troncos reunidos apressam-se em trazer nos
 ombros, arrancados nas colinas, freixos.
 Depois, onde despiram a densíssima floresta do monte, amontoaram vigas, [640]
 rápidas chamas ao redor, é calcinado e iluminado o rochedo.
 Em seguida a imensa massa abatida, com o peso geme, desagregada,
 para o fraco exército, descobre aos exaustos os reinos do antigo Latino.
 Finalmente, com esta queda o comandante ultrapassou os desconhecidos [645]
 Alpes, nos taurinos campos estabelecendo as tendas.
 Nesse ínterim, as palavras e os oráculos de Jove portando,
 tendo percorrido as areias dos garamantes, feliz chegava
 Bóstar, como se tivesse visto o Tonante, estimulava os corações:
 “Máxima Béliide, para a pátria, das muralhas afastas, a servidão [650]
 com a destra. Penetramos as aras líbicas.
 Sirte, que as ondas quase inunda as estrelas
 nos conduziu até os súperos, a terra mais violenta quase nos devorou.

*Ad finem caeli medio tenduntur ab orbe
 squalentes campi. Tumulum natura negauit* 655
*immensis spatiis, nisi quem caua nubila torquens
 construxit turbo impacta glomeratus harena,
 uel si, perfracto populatus carcere terras,
 Africus aut, pontus spargens super aera, Corus*
inuasere truces capientem proelia campum 660
*inque uicem ingesto cumularunt puluere montis.
 Has obseruatis ualles enauimus astris;
 namque dies confundit iter, peditemque profundo
 errantem campo et semper media arua uidentem*
Sidoniis Cynosura regit fidissima nautis. 665
*Verum ubi defessi lucos nemorosaque regna
 cornigeri Iouis et fulgentia templa subimus,
 exceptos hospes tectis inducit Arisbas.
 Stat fano uicina, nouum et memorabile, lympha,
 quae nascente die, quae deficiente tepescit* 670
*quaeque riget, medius cum sol accendit Olympum,
 atque eadem rursus nocturnis feruet in umbris.
 Tum loca plena deo, dites sine uomere glaebas
 ostentat senior laetaque ita mente profatur:
 "Has umbras nemorum et conexa cacumina caelo* 675
*calcatosque Ioui lucos prece, Bostar, adora.
 Nam cui dona Iouis non diuulgata per orbem,
 in gremio Thebes geminas sedisse columbas?
 Quarum, Chaonias pennis quae contigit oras
 implet fatidico Dodonida murmure quercum.* 680
*At quae Carpathium super aequor uecta per auras
 in Libyen niueis tranauit concolor alis,
 hanc sedem templo Cythereia condidit ales;
 hic, ubi nunc aram lucosque uidetis opacos,
 ductore electo gregis, admirabile dictu,* 685
*lanigeri capitis media inter cornua perstans,
 Marmaricis ales populis responsa canebat.*

Aos confins do céu, em meio, são estendidas desde o orbe
os inóspitos campos. Outeiro aí a natureza recusou [655]

Nesses imensos espaços, senão o redemoinho que levantou ocas nuvens
retorcendo e amontoando as areias, ou como cárcere arrombado assolados
mar e terra, o África; ou o mar espalhando acima dos nevoeiros, o Córus,
em alternância em truculentos prélios ocupando o campo [660]

A esses vales pela observação das estrelas escapamos. De fato,
o caminho confunde os dias, campo infindo. Muitas vezes, vendo-se
em meio à planície, Cinosura rege o passo errante, fidelíssimo [665]
aos nautas sidônios.

Contudo, quando extenuados estrangeiros, dos bosques cerrados,
e dos reinos do cornífero Jove, nos aproximamos acolhidos,
hóspedes em seus tetos nos levou Arisbas.

Está vizinha ao templo, desconhecida e memorável água,
no momento em que nasce e finda o dia, arrefece [670]
esfriando quando o sol em meio ao céu ilumina o Olimpo;
e essa mesma água, novamente ferve nas sombras da noite.

Então os locais plenos pelo deus copioso, sem as glebas serem revolvidas,
ostenta o ancião com o espírito alegre e assim profere:
“Estas florestas de sombras, cumes conectados ao céu [675]
bosques pisados por Jove, com preces, Bóstar, reverencie.

Já a quem, os dons de Jove não propagados, pelo orbe,
que no regaço de Tebas as pombas assentam?
Das quais, uma as orlas atinge com as asas, e infla o
carvalho com fatídico murmúrio, e outra, acima da superfície [680]

dos Cárpatos, pelos ares, na Líbia, sobrevoou. Da neve
a mesma cor, as penas, essa morada como templo a ave citereia
constituiu aqui onde agora as aras vês e os trevosos bosques,
tendo eleito comandante da grei, admirável dito, [685]
da cabeça lanígera em meio os cornos erguendo aos
marmáricos povos, a ave, as respostas augurais cantava.

*Mox subitum nemus atque annoso robore lucus
 exiluit; qualesque premunt nunc sidera quercus
 a prima uenere die; prisco inde pauore 690
 arbor numen habet coliturque tepentibus aris."
 Dumque ea miramur, subito stridore tremendum
 impulsae patuere fores, maiorque repente
 lux oculos ferit. ante aras stat ueste sacerdos
 effulgens niuea, et populi concurrere certant. 695
 Inde ubi mandatas effudi pectore uoces,
 ecce intrat subitus uatem deus. alta sonoro
 collisis trabibus uoluuntur murmura luco,
 ac maior nota iam uox prorumpit in auras:
 "Tenditis in Latium belloque agitare paratis 700
 Assaraci prolem, Libyes. Coepta aspera cerno
 Gradiuumque trucem currus iam scandere et atram
 in latus Hesperium flammam expirare furentis
 cornipedes multoque fluentia sanguine lora.
 Tu, qui pugnarum euentus extremaque fati 705
 deposcis claroque ferox das uela labori,
 inuade Aetoli ductoris Iapyga campum.
 Sidonios augebis auos nullique relinques
 altius Ausoniae penetrare in uiscera gentis,
 donec uicta tibi trepidabunt Dardana regna. 710
 Nec ponet pubes umquam Saturnia curam
 dum carpet superas in terris Hannibal auras."
 Talia portabat laetis oracula Bostar
 impleratque uiros pugnae propioris amore.*

Enquanto essas coisas admiramos, súbito, com estridente estrondo,
impelidos desvendaram-se os portões, maior e repentina luz os olhos fere.
Ante as aras, está o sacerdote, refulgindo em nívea veste. Avançam as pessoas. [695]
Lá, neste lugar, as palavras encomendadas que trazia no peito, verti.
Eis, que de repente, o deus comanda o vate.
Altos, ecoante bosque, colidindo com os troncos que revolvem, os murmúrios.
Mas ainda mais alta, a conhecida voz irrompeu nas aras:
“Marchais ao Lácio, com a guerra agitar, pretendeis agitar a prole de Assáraco, [700]
Líbios,empresas rudes vejo claramente. O feroz Gradivo já em seu carro escalar.
No flanco das Hespérides atra flama exalar os furiosos cavalos, as correias
derramam muito sangue.
Tu, feroz, das pugnas e do ilustre trabalho, os eventos fatídicos, perguntas. [705]
Invade do comandante etólio o campo iapígio. Os antepassados sidônios
engrandecerás e coisa alguma deixarás, mais alto penetrar nas entranhas
da ausônia gente, vencidos, a ti, tremerão os reinos dardânios. [710]
Nem nunca descansará a juventude satúrnica do cuidado, enquanto,
colhe dos ares mortais na Terra, Aníbal.”
Tais portava aos alegres os oráculos, Bóstar, fartando com ardor
os homens para a contenda que se aproxima.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso procurou apresentar como estão ocorrendo as mudanças nos paradigmas dogmáticos vigentes na tarefa tradutória.

A área dos Estudos Clássicos no Brasil ainda não fez a revisão necessária dos textos (literários e teóricos), autores e temas vigentes em nossa tradição. Esse foi um ponto norteador em toda a nossa busca por material teórico que formulasse uma defesa da evidente transformação que aos poucos se instaura em nossos estudos e pesquisas. Partimos da desconstrução de Derrida; passamos por Berman que defende a manutenção da estrangeiridade; por Benjamin, com a língua da Poesia que se altera e ressignifica a todo tempo; e, no cenário brasileiro, por Haroldo de Campos que teorizou e praticou a transcrição como original, um trabalho de recepção e crítica.

A revisão de nossas práticas tradutórias insere-se ela mesma em olhar nossa formação literária com olhos atentos à influência dos textos recepcionados em língua portuguesa, ou seja, não relegar a segundo plano a importância e influência das obras traduzidas da cultura clássica entre nós. Ainda neste quesito, a tradução de novas obras faz-se necessária para que nossa recepção não se torne circular, advém de tal premissa nossa busca por uma era não muito estudada e/ou traduzida. Por outro lado, tivemos contato com a tradução de Filinto Elísio para os quatro primeiros cantos de *Punica*, feito inovador para o século XIX em língua portuguesa.

No entanto, estamos cientes que nossa reconfiguração em práticas tradutórias é um trabalho em andamento, sendo imprescindível sermos éticos e não excludentes. As mudanças ora incorporam-se à tradição, ora a arejam. Não há verdade definitiva em nosso meio. Quaisquer posturas no sentido de vigilância de teorias últimas são, no mínimo, ingênuas.

Ficou evidente para nós que a ciência da linguagem é um eterno refazer a si mesma. A literatura é um objeto inapreensível e não pode ser medida em cálculos ou resultados pré-determinados. A experiência literária é sempre inédita, está em constante transformação. Assim, a tradução primeira cria um original e abre o espaço e o ensejo de novas traduções, sempre também outro original. O movimento é de alternância, no qual cada novo texto, dá relevo a um aspecto da obra, ou a vários, enriquecendo as leituras já feitas e as a fazer.

A tradução aqui apresentada mostra a experiência que pretendemos instaurar em nosso trabalho baseados no texto “A moeda concreta da fala” que discutimos na

introdução à tradução. Nosso objetivo foi desestabilizar o hábito usual de complementar a língua latina com complementos que ela não possuía, automaticamente substituímos os casos do latim pelas conjunções e climatização do idioma antigo ao nosso. Nesse ponto da pesquisa o que consideramos estável é um texto que não cause estranhamentos consideráveis para um leitor médio, ou que tenha alguma familiaridade com um texto épico. Pretendemos ainda aprofundar a discussão sobre a estabilidade ao lado da já consagrada equivalência na nossa tradição tradutória. Por este motivo, indicamos os duzentos primeiros versos em contraste com a visão do restante do Canto, que se encontra na versão portadora do que chamamos “estabilidade”, ou seja, sem estranhamentos muito evidentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, M.Von. Revised by G.Schmeling. **A History of Roman Literature From Livius Andronicus to Boethius** (Mnemosyne, Supplements/ Book 165), Leiben; New York, Köln: Brill, v.2, 1997.
- ALBRECHT, M.von. **Historia de la literatura romana**. Versão castelhana por Dulce Estefânia e Andrés Pociña Pérez. Barcelona: Herder,1999, v. 02.
- ARROJO, R. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. In: **Tradução, desconstrução, psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p.71-89.
- ARROJO, R. (Org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução a leitura e o ensino**. Campinas, SP: 2ª ed., Pontes, 2003.
- AUGOUSTAKIS, A. (Org.) **Flavian Poetry and Its Greek Past** (Mnemosyne Supplements/ Book 366). Leiden; Boston: Brill, 2014.
- BASSNETT, S. **Estudos de tradução**. Trad. de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: **Clássicos da teoria da tradução**. Org. Werner Heidermann. 2ª Ed., Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2011, p.202-229.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. Tradutores Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- _____. A tradução em manifesto. In: **A prova do estrangeiro**. Trad. M. E. P. Chanut. Bauru (SP): EDUSC, 2002. p. 11-25.
- CAMPOS, A. A moeda concreta da fala. In: _____; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. **Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- CAMPOS, H. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989, p.59.
- _____. Odorico Mendes: o patriarca da transcrição. In: HOMERO. **Odisséia**. Trad. de Odorico Mendes e ed. de A. M. Rodrigues. São Paulo: Ars Poetica/ EDUSP, 1992. pp. 11-14.

_____. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.31-48.

_____. Tradução e reconfiguração do imaginário: o tradutor como transfigidor. In: _____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Pesquisa e org. Sônia Queiróz. Belo Horizonte, FALE/ UFMG, 2011, p. 47-62.

_____. *A língua pura* na teoria da tradução de Walter Benjamin. In: _____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Pesquisa e org. Sônia Queiróz. Belo Horizonte, FALE/ UFMG, 2011, p. 107-121.

_____. Tradição, tradução, transculturação: o ponto de vista do ex-cêntrico. In: _____. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Pesquisa e org. Sônia Queiróz. Belo Horizonte, FALE/ UFMG, 2011, p. 123-131.

CLARK, J. **A History of Epic Poetry (Post-Virgilian): [1900]**. Nova Iorque: Cornell University Library, pp. 131-140, 2009.

CONTE, G. B. **Latin literature: a history**. Translated by Joseph B. Solodow; revised by Don Fowler and Glenn W. Most. Baltimore; London: Johns Hopkins University Press, 1999.

DERRIDA, J. Força e significação. In: **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **Gramatologia**. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2013.

_____. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

DIETRICH, J. “Silius”. *The Classical Review*. v. 61 nº2. Cambridge Journals Online. Disponível em <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8365464>, acesso em 23/08/2011.

ELÍSIO, F. **Obras completas**. Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa. Edição de Fernando Moreira. Braga: APPACDM, 1998-1999, XII volumes, tomo 1.

FALEIROS, A. A crítica da retradução poética. **Itinerários**. Araraquara: jan./jun. 2008, v 28, p. 145-158.

FURLAN, M. Retraduzir é preciso. In: **Scientia Traductiones**. UFSC, Florianópolis, SC. nº13, 2013, p. 284-294. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30276/25172>, acesso em 15/01/2014.

GAMBIER, Y. La retraduction, retour et détour . In: **Meta: journal des traducteurs**. v. 39, n°3, 1994, p.413-417. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/1994/v39/n3/002799ar.html?vue=resume>, acesso em 10/08/2011.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

ITALICUS, S. **La guerre punique**. Trad. Pierre Miniconi e Georges Devallet. Paris: Les Belles Lettres, 2003, livros I-IV, tomo 1.

_____. **Punica**. Trad. J.D. Duff. . London: The Loeb Classical Library, 1961, v. 1.

ITÁLICO, S. **La guerra púnica**. Edición de Joaquín Villalba Álvarez. Madrid: Ediciones Akal, 2005.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 63-72.

_____. Linguística e poética. In: **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 118-162.

LIMA, L. R. “Desconstruindo a linguística Estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida”. **Literatura, Crítica, Teorias**. Salvador, v. 1, n.1, p. 1-15, 2005.

LUCANO. **Farsália. Cantos de I a V**. Intr., trad. e notas Brunno V.G. Vieira. Campinas, SP: Ed.Unicamp, 2011.

MARTINS, M.A.P. As relações nada perigosas entre História, Filosofia e Tradução. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v.1, n.1,p. 37-51, jan.1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5069>. Acesso em 12/04/2015.

NATIVIDADE, E. S. Aníbal: o guerreiro cartaginês e as *Púnicas* de Sílio Itálico. In: **Projeto História**, São Paulo, n° 30, p. 57-69, jun. 2005.

_____. A Tisífone de Sílio Itálico: **Púnicas** 2.526-52. In: *Classica (Brasil)*, n°1/ 2, 2010. Disponível em: <http://revista.classica.org.br/index.php/classica/article/view/161/150>, acesso em 20/02/2014.

_____. O último pé e a cesura nos versos núnicos e as *Púnicas* de Sílio Itálico. In: **Scientia Translationes**. UFSC, Florianópolis, SC. n°13, 2013, p. 312-328. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30278/25174>, acesso em: 20/02/2014.

- NETO, J.A. **Falo no Jardim: priapeia grega, priapeia latina**. Tradução do grego e latim, ensaios e notas pelo autor. Campinas, SP: Ed. UNESP, 2006.
- NEWMAN, J.K. “The Latin Epical after Virgil: Ovidius to Statius”. In: **Classical Epic Tradition**. University Wisconsin Press: Madison, 2003.
- OTTONI, P. (Org.) **Tradução: a prática da diferença**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Bocage, introdução e edição de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2007.
- PEREIRA, M.H. **Estudos sobre Roma Antiga: A Europa e o legado clássico**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 39-41, 2015.
- PERRONE-MOISÉS, L. Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas. **Do positivismo à desconstrução, ideias francesas na América**. Org. Leila Perrone-Moisés, São Paulo: Edusp, 2004. p.213-236.
- PETRÔNIO. **Satíricon**. Trad. Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PLATÃO. **A República (ou sobre a Justiça. Gênero Político)**. Trad. Carlos Alberto Nunes, 3ª Ed., Belém: EDUFPA, 2000, Livro VII, p. 320-321.
- PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Trad. e notas de Pinharanda Gomes, 6ª ed., Lisboa: Guimarães Editores, 2000, p. 121.
- SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.
- SELIGMAN-SILVA, M. Tradução como arte de passagem. In: **O local da diferença ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005. cap. V, p.165-234.
- SISCAR, M. **Jacques Derrida: literatura, política e tradução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- THAMOS, M. **As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida**. São Paulo: Edusp, 2011.
- VASCONCELLOS, P.S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. In: **Scientia Traductionis**, nº10, 2001. Disponível em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/issue/view/151>, acesso em 22/08/2011.
- VENUTI, L. **Escândalos da tradução, por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauri (SP): EDUSC, 2002.

VESSEY, D. “Épica Flávia”. In: **Historia de la literatura clásica: literatura latina**(Cambridge University). CLAUSEN, W.; KENNEY, E.(Eds) Versión española de Elena Bombín, Madrid: Ed.Gredos, v. II, pp. 613-651, 1989.

VIEIRA, B. V. G. **FARSÁLIA, de Lucano, cantos I a IV: prefácio, tradução e notas**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

_____. Filinto Elísio, tradutor de Lucano: estudo introdutório, edição crítica e notas de uma versão da *Farsália* (I 1-227). In: **Nuntius Quantius**, UFMG, nº1, junho de 2008.

VIRGILIO. **Bucólicas**. Trad. e comentário Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

_____. **Bucólicas**. Trad. de M. O. Mendes. Ed. anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Odorico Mendes. Cotia (SP): Ateliê Editorial; Campinas (SP): Ed. da UNICAMP, 2008a.

_____. **Eneida brasileira**: tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro. Org. P. S. Vasconcellos et al. Trad. M. O. Mendes. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2008b.

_____. **Eneida**. Trad. de J. V. Barreto Feio e J. M. da Costa e Silva. Introdução e edição de P. S. Vasconcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXO (Índices de assuntos de *Punica*, por Everton Natividade)¹²

Canto I – Apresentam-se o tema (a Segunda Guerra Púnica), o motor divino (Juno) e o “herói” (Aníbal). Explicam-se as origens do conflito e relata-se o ataque de Aníbal a Sagunto e a visita dos embaixadores dessa cidade a Roma. Os maiores destaques deste canto são os retratos de Aníbal (vv. 56-69 e 239-70) e o seu juramento, num templo dedicado a Dido .

Canto II – Todo este canto gira em torno da queda de Sagunto; há nele a descrição do escudo de Aníbal (vv. 391-456), lugar-comum épico que aqui causa certo estranhamento, porque se descreve, ao contrário do que se esperaria, o escudo do inimigo de Roma, e não o de um seu herói.

Canto III – Marcado pelo sucesso da marcha de Aníbal, da Espanha para o Norte da Itália, este canto tem duas cenas patéticas: a despedida de Aníbal da esposa e do filho (vv. 61-167) e os rogos de Vênus a Júpiter (vv. 557-629); ademais, é neste canto que se lê a célebre travessia dos Alpes (vv. 476-556).

Canto IV – Descrevem-se as batalhas do Ticino e do Trébia, com especial destaque à figura de Cipião em ação (vv. 216-310).

Canto V – Trasimeno é o motivo: a sua lenda abre o livro (vv. 1-23), que se encerra com a morte do cônsul Flamínio (vv. 632-666).

Canto VI – Este canto é basicamente um excursão: ferido Serrano, filho de Régulo, Sílio Itálico conta os feitos deste cônsul que participara da Primeira Guerra Púnica; Fábio é designado ditador e Júpiter afasta Aníbal de Roma.

Canto VII – Fábio Máximo Cunctátor (o ContempORIZADOR) consegue adiar a batalha; as ninfas da costa da Campânia conversam com o deus Proteu, que lhes narra as origens da guerra e as tranquiliza quanto aos futuros eventos.

Canto VIII – Preparação para a batalha de Canas. Juno faz Ana, irmã de Dido, aparecer a Aníbal (narrativa da lenda de Ana, divindade itálica: vv. 44-201); entram em cena Varrão e Paulo Emílio.

Canto IX – Na batalha de Canas, são dignos de nota a participação dos deuses e, nos vv. 599-619, a cena dos elefantes que, atingidos de flechas inflamadas, queimam e se lançam no rio vizinho.

¹² No artigo: “Aníbal: o guerreiro cartaginês e as *Púnicas* de Sílio Itálico”

Canto X – Ainda na batalha de Canas se inicia o canto, com especial destaque para a figura de Paulo Emílio, que morre na luta. Aníbal, desejoso de atacar Roma, é dissuadido por Juno, em sonho (vv. 326-71); o canto se encerra com a descrição do pânico que impera em Roma e da tomada do poder por Fábio.

Canto XI – Este canto se centra em Aníbal e Cápua, onde o general cartaginês é recebido com um banquete (vv. 259-302), e um aedo, outro lugar-comum da poesia épica, faz duas aparições.

Canto XII – Aníbal sai de Cápua e Marcelo entra em cena. É neste canto que o engenho de Sílio Itálico põe Ênio, poeta épico republicano, em ação no campo de batalha e em diálogo com o deus Apolo, condutor das Musas e inspirador dos vates (vv. 387-419). Aníbal tenta atacar Roma, mas é impedido pelas tempestades enviadas por Júpiter; mais uma vez, Juno dissuade o chefe militar do ataque, fazendo-o ver a força da oposição dos deuses.

Canto XIII – Cápua, que se havia aliado aos púnicos, é subjugada por Roma; o jovem Cipião desce aos infernos e encontra o pai, a mãe e o tio; revelados os destinos e heróis vindouros, Cipião retorna ao mundo dos vivos.

Canto XIV – Iniciado com uma longa descrição da Sicília, este livro é a narrativa da queda de Siracusa.

Canto XV – Este canto traz à cena do jovem Cipião testado pela Virtude e pela Voluptuosidade, dentre as quais o futuro líder opta pela primeira (vv. 18-128). Morre Marcelo e Aníbal vê a cabeça do irmão no topo duma lança.

Canto XVI – Digressivo, os jogos funerários que organiza Cipião em memória do pai e do tio ocupam pouco menos que metade dos versos (vv. 277-591) deste canto; o poder cartaginês se vê desmoronar gradualmente e, em Roma, Cipião assume o consulado e decide partir para a África.

Canto XVII – Abre-se a narrativa com o acolhimento da deusa Cíbele em Roma (vv. 1-45). A batalha de Zama, após a turbulenta viagem de Aníbal de volta à África, encerra-se com o refúgio do chefe cartaginês nas montanhas, jurando ódio eterno a Roma; descrevem-se ainda a abertura das portas de Cartago e, nos vv. 625-54, o triunfo de Cipião.